

Anarquia na Era dos Dinossauros

The Curious George Brigade

2003

Como eu esqueci a guerra civil espanhola e aprendi a amar a anarquia.

Parece que o verão finalmente chegou - estou preso neste apartamento trabalhando neste livro por tempo demais! Agora percebo que nunca terminamos nossa conversa sobre a Guerra Civil Espanhola: aquele momento revolucionário em que os anarquistas chegaram tão perto de realmente criar uma nova sociedade que não apenas valesse a pena morrer por ela, mas viver por ela.

Nossas conversas pareciam durar para sempre. Você me contou todo o contexto, os detalhes ásperos das milícias e coletivos, resistência e solidariedade – tudo. Sempre pensei nisso como "o mais perto que já chegamos", algo para ser admirado e obcecado. Quase me deixava louco imaginar as possibilidades que eles tiveram! Como não mitologizar as lutas de lugares distantes como a Espanha e fantasiar como seria lutar numa revolução real?

Hoje, ao olhar as páginas deste livro, percebi que não dou a mínima para a Guerra Civil Espanhola. Não estou dizendo que não foi um momento importante na história, mas lendas por si só não são mais suficientes para mim. Não penso neles como os "verdadeiros" anarquistas comparados aos "de segunda categoria" que achamos que somos. Temos que viver e lutar contra o que enfrentamos hoje. Os anarquistas da Espanha revolucionária provavelmente prefeririam que lutássemos nossas próprias batalhas hoje, em vez de passar tanto tempo discutindo as deles! Os anarquistas espanhóis eram apenas pessoas comuns, e fizeram exatamente o que faremos quando tivermos a oportunidade. Nosso coletivo tem trabalhado neste livro há mais de um ano e é nossa declaração para a anarquia hoje. Espero que você goste.

O que você tem em mãos não é um livro tradicional. Pense nisso mais como uma biblioteca de DNA ou um par de alicates. Em outras palavras: um desafio. Livros sobre "política" geralmente têm um propósito conciso e ensaios estreitamente escritos, que você espera defender rapidamente ou atacar sem piedade. Se forem bem-sucedidos, como nos dizem, os autores ganharão apoio para uma facção em particular ou desacreditarão uma concorrente. Nós esperamos por algo diferente, abrindo tantas perguntas quanto respondemos. Pense nisso mais como uma coleção de observações de campo escritas por antropólogos renegados que incendiaram seus diplomas para viver na floresta e escalar arranha-céus. Além de assombrar os centros de informação do país, temos registrado as profecias murmuradas por vendedores de falafel nas esquinas, escrevendo poesia de amor disfarçada de política e vivendo a política disfarçada de poesia de amor. Somos anarquistas que cultivaram nossa resistência no coração do império americano. Esta é nossa pequena contribuição para as comunidades de resistência que alimentaram nossas esperanças e nutriram nossas ambições.

Quando você fecha um livro, está acabado com ele. Você pode ou enterrá-lo na sua estante ou, se for realmente algo precioso, dá-lo a um amigo. Não deixe este livro apodrecer em uma estante. Dê-o de presente, deixe-o em um ponto de ônibus vazio para ser encontrado por um estranho ou use-o para se aquecer em noites frias. A única maneira de se desfazer deste livro é incendiá-lo.

ANARQUIA NA ERA DOS DINOSSAUROS pela Curious George Brigade

[Nota do Editor: Abaixo estão entradas não editadas do recente diário de campo do Dr. Errol Falkland. O Dr. Falkland é um dos principais pesquisadores em paleopolitologia e suas recentes pesquisas foram publicadas na Nature, Left Turn, e na New England Review of Paleopolitology. Ele e vários de seus alunos da Universidade Ferrer passaram este verão escavando alguns novos sítios na América do Norte. Gostaríamos de agradecer ao Dr. Falkland e a seus alunos por fornecerem acesso a essas descobertas inéditas.]

1/5: Encontramos um local excepcionalmente rico esta semana nas áreas rasas dos Apalaches, no sudoeste da Pensilvânia. Vários espécimes foram encontrados em excelente condição, incluindo os primeiros restos esqueléticos completos de *Proletarian Maximus*. *Proletarian Maximus* é, sem dúvida, o ancestral de várias outras formas menores de *Proletariaus* (por exemplo, *Class-asaurus*, *Anarcho-commitarius*, *Syndalicus* e *Polyunionus*). O que é empolgante sobre esta descoberta é que é possível observar facilmente os fatores político-ambientais que permitiram a um animal tão pesado sobreviver de alguma forma até a era moderna. Embora haja alguma discordância entre os pesquisadores, não pode haver muita

dúvida de que espécies atualmente isoladas e ameaçadas, como os *Wobblenators* e seus semelhantes, estão diretamente relacionadas a este gigante do século XIX.

As características distintivas deste animal são seu tamanho imenso, sua movimentação lenta e sua propensão a cair em atoleiros. Este espécime específico foi, sem dúvida, abatido pelo *Federal Rex*. Nas últimas décadas, vários restos esqueléticos parciais de *Proletarian Maximus* foram encontrados, sugerindo que sua movimentação lenta o tornava uma presa fácil, não apenas para o *Federal-Rex*, mas também para os *Pteralpinkertons* e outros predadores maiores e mais perigosos do final do século XIX e início do século XX.

Evolutivamente, esses animais dependiam de uma massa cada vez maior para se proteger dos predadores da família *Capitalismaurs*. Sua incapacidade de se adaptar e sua dependência de confrontos diretos com grandes predadores frequentemente os tornavam refeições fáceis para esses predadores vorazes. Apenas as formas menores parecem ter morrido de causas naturais, aparentemente não consideradas grandes o suficiente para serem refeições pelos predadores, sendo deixadas em áreas marginalizadas da América do Norte, como os campus universitários.

Proletarian Maximus North Americanus é muitas vezes confundido, até mesmo por paleopoliticologistas experientes, com sendo o mesmo animal que *Proletarian Maximus European*, ou até mesmo o híbrido especializado de *Proletarian Maximus Español* das planícies ibéricas. A análise taxidérmica (junto com novas pesquisas fecais) revela diferenças importantes e ajuda a explicar o crescimento atrofiado do *P. Maximus* norte-americano

Em vez de um Manifesto

Vivemos em uma era de dinossauros. Ao nosso redor, enormes bestas sociais, econômicas e políticas perambulam por ambientes destruídos, projetando sombras ameaçadoras sobre todo o planeta. Há uma luta titânica acontecendo em nossas comunidades, enquanto Capitalist-Rex e Estado-sauro lutam para encher seus estômagos com mais recursos e poder, ao mesmo tempo em que enfrentam as garras de espécies concorrentes, como os recém-selvagens Pterror-dáctilos. A batalha entre esses gigantes é terrível e continua a todo vapor, mas não pode durar. A evolução está contra esses tiranos condenados. Já o sol deles está se apagando, e os olhos brilhantes de outros surgem na escuridão, exigindo algo diferente.

Nem todos esses olhos são muito diferentes dos senhores reptilianos que atualmente dominam o globo. Eles inspiraram dinossauros menores, esperando sua vez de dominar. Esses menores são as ideologias fossilizadas da esquerda. Apesar de suas promessas atraentes, oferecem apenas uma versão mais amigável do sistema atual e, no final, não são mais libertadores do que os grandes mestres, como os governos "socialistas" da Europa Ocidental. Suas garras podem ser menores e seus dentes não tão afiados, mas seu apetite e métodos são os mesmos de seus parentes maiores. Eles almejam massa: o sonho eterno da criança é ser massivo. Acreditam que, se conseguirem atingir massa suficiente, por meio de partidos, organizações e movimentos, poderão desafiar os dinossauros mestres e arrancar o poder deles.

Nas sombras frescas da noite, nos topos das árvores de florestas esquecidas e nas ruas de cidades devastadas, ainda existem outros olhos. Olhos rápidos e corpos esguios alimentados pela esperança, olhos que brilham com a possibilidade de independência. Essas pequenas criaturas vivem na periferia, nas pegadas e sombras dos dinossauros. Seus ouvidos não respondem ao chamado dos dinossauros menores, que querem consumi-los e criar "um grande dinossauro" para usurpar todos os outros. Essas pequenas criaturas de sangue quente são muitas e variadas, vivendo da abundância descartada do mundo que os dinossauros, em sua arrogância, pisoteiam. Elas conspiram juntas nas sombras e dançam enquanto os gigantes exaustos dormem. Elas constroem e criam, encontram novas formas de viver e redescobrem formas esquecidas, confiantes de que a tirania vai acabar.

Sabemos que este reinado draconiano não durará para sempre. Até mesmo os dinossauros sabem que sua era deve acabar: o meteoro certamente vai atingir. Seja pelo trabalho das pequenas criaturas curiosas de sangue quente, ou por alguma catástrofe desconhecida, os maus dias da autoridade reptiliana e gigantesca vão acabar. O uniforme monótono de escamas blindadas será substituído por um traje de penas, pelos e pele flexível de um milhão de cores.

Esta é a anarquia na era dos dinossauros.

Um Sonho de Massa

O erro fatal do pensamento dos dinossauros é o desejo insaciável por massa. As raízes desse impulso histórico podem ser rastreadas até as noites sufocadas de fumaça do século XIX, uma longa noite da qual ainda não saímos. No entanto, as origens exatas dessa insistência em se tornar uma massa não nos interessam; em vez disso, queremos entender como esse pensamento de dinossauro se infiltra nas nossas culturas de resistência atuais e o que podemos criar para substituí-lo.

O desejo de massa dita quase tudo o que um dinossauro faz. Essa ânsia insaciável governa não apenas suas decisões, mas também sua própria organização. Organizações de massa, até na apresentação de si mesmas aos outros (sejam potenciais aliados ou à mídia), engajam-se em um primitivo inflar do peito para fingir que são mais massivas do que realmente são. Assim como os primeiros dinossauros passavam quase todos os momentos de suas vidas acordados em busca de comida, os dinossauros da esquerda gastam a maioria de seus recursos e tempo perseguindo a quimera da massa: mais corpos no protesto, mais assinaturas e mais recrutas.

A contínua atração pela massa é, sem dúvida, um sonho residual dos dias de revoluções passadas. Toda alma solitária vendendo um jornal radical sob as sombras gigantes de outdoors capitalistas brilhantes e sob o olhar de um policial bem armado secretamente sonha com as massas invadindo a Bastilha, as multidões invadindo o Palácio de Inverno, ou as turbas marchando para Havana. Nessas fantasias, um indivíduo insignificante se transforma magicamente em um tsunami de força histórica. O sacrifício de sua individualidade parece ser um pequeno preço a pagar pela chance de fazer parte de algo maior do que as forças de opressão. Esse sonho é nutrido pela maioria da esquerda, incluindo muitos anarquistas: a metamorfose de um pequeno e frágil mamífero em um dinossauro gigante e imparável.

O sonho de massa é mantido vivo pela iconografia tradicional da esquerda: desenhos de grandes multidões indiferenciadas, trabalhadores maiores que a vida representando o poder crescente do proletariado e fotos aéreas de legiões de manifestantes enchendo as ruas. Essas imagens costumam ser atraentes, românticas e empoderadoras: em resumo, boa propaganda. No entanto, por mais atraentes que sejam, não devemos nos enganar acreditando que são reais. Essas imagens não são mais reais, nem mais desejáveis, do que os anúncios atraentes oferecidos a nós pelo sistema capitalista cínico.

Tradicionalmente, os anarquistas têm sido críticos da homogeneidade que vem com qualquer massa (produção em massa, mídia de massa, destruição em massa), mas muitos de nós parecem impotentes diante da imagem de um mar de pessoas inundando as ruas cantando “*Solidariedade para Sempre!*”. Termos como “*Mobilizações em Massa*”, “*A Classe Trabalhadora*” e “*O Movimento de Massa*” ainda dominam nossa propaganda. Sonhos de usurpação e revolução foram impressos em nossa visão a partir de lutas passadas: compramos um cartão-postal de outros tempos e queremos vivê-lo nós mesmos. Se a mudança massiva e imediata em todo o mundo for nossa única medida, os esforços de um pequeno coletivo ou grupo de afinidade sempre parecerão condenados ao fracasso.

A sociedade de consumo enche nossas cabeças com slogans como “*maior é melhor*”, “*quantidade em vez de qualidade*” e “*a força está nos números*”. Não é surpresa que o sonho de um movimento de massa maior e melhor seja tão predominante entre os radicais de todos os tipos. Não devemos esquecer quanto de criatividade, vitalidade e inovação vem daqueles que resistem a serem assimilados. Muitas vezes, é o pequeno grupo que despreza o *mainstream* que faz as descobertas mais fantásticas. Seja camponeses indígenas em Chiapas ou um jovem desajeitado no ensino médio, essas são as pessoas que se recusam a ser mais uma face na multidão.

O desejo de alcançar massa leva a muitos comportamentos e decisões disfuncionais. Talvez o mais insidioso seja a tendência de diluir nossa política para ganhar apoio popular. Essa tendência tão comum leva a campanhas monótonas e homogêneas que são equivalentes políticos aos cartazes impressos profissionalmente que vemos em tantos protestos e comícios, repetindo monotonamente o dogma da mensagem dos organizadores. Apesar do discurso de apoio às lutas e campanhas locais, essas só são úteis para um dinossauro se puderem ser vinculadas (consumidas) pela massa. A diversidade de táticas e mensagens que vem facilmente com grupos heterogêneos deve ser suavizada e comprometida para focar em um slogan ou objetivo de fácil digestão. Nesse pesadelo, nossa mensagem e ações tornam-se simplesmente meios para aumentar as listas de registro, encher áreas de protesto ou adicionar assinaturas em chamados à ação: todas medidas de massa.

Pagamos por esses números com criatividade sufocada e metas comprometidas. Ideias que repeliriam a mídia ou expandiriam uma mensagem simples além de um slogan (“*Não ao Sangue por Petróleo*”

ou "Não Meu Presidente") são evitadas porque podem provocar discussões e rupturas de opinião e, assim, reduzir a massa. Os debates internos saudáveis, desacordos e variações regionais precisam ser minimizados. No entanto, são essas mesmas diferenças que tornam nossa resistência tão fluida e flexível, levando às inovações mais ousadas.

Nessas situações previsíveis e tristes, o *soundbite* é rei. Em todos os momentos, os olhos permanecem no prêmio: o tamanho. O desejo por massa e homogeneidade (que andam de mãos dadas) limita iniciativas não conformistas e radicais daqueles que querem tentar algo diferente. Uma reclamação comum sobre ações criativas ou militantes é que elas não terão uma boa recepção na mídia, que afastarão nossa mensagem ou que talvez alienarão algum grupo ou outro. Chamados por conformidade, geralmente na forma de um cínico clamor por "*unidade*", são ferramentas poderosas para censurar resistências apaixonadas daqueles que não são reféns da política de massa. O que falta em nossas manifestações de rua e em nossas comunidades não é unidade, mas solidariedade genuína.

Para garantir seus próprios objetivos, os dinossauros usam o medo como ferramenta. Eles utilizam os perigos muito reais que enfrentamos em nossas vidas diárias em nossas comunidades de resistência. Organizações de massa nos prometem segurança e força nos números. Se você estiver disposto a ter suas ideias, questões e iniciativas consumidas pelo dinossauro, você será protegido em sua vasta barriga. Sem dúvida, muitas pessoas estão dispostas a temporariamente submeter suas mensagens e formas particulares de resistência pela segurança. No entanto, a promessa de segurança, seja respaldada por permissões de protesto ou uma enorme lista de apoiadores, é vazia. O Estado tem uma longa história de imobilizar movimentos de massa: a força suposta de um dinossauro está em seu tamanho gigantesco. Tudo o que o Estado precisa fazer é desgastar qualquer movimento por meio de prisões, cooptação, pequenas concessões, intimidação e "*assentos à mesa*".

Conforme o movimento é dividido em grupos que podem ser cooptados e uma minoria de radicais, sua força se dissipa, e a moral despenca. Isso tem se mostrado repetidamente uma técnica eficaz e consagrada do Estado para eliminar qualquer movimento de mudança social e política.

Existem outros sonhos, sonhos de anarquia, que não são assombrados por proto-dinossauros. Esses não são sonhos da "*Revolução*", mas de centenas de revoluções. Eles incluem formas locais e internacionais de resistência que conseguem ser ao mesmo tempo inventivas e militantes. A monocultura de Um Grande Movimento em busca da Revolução ignora a experiência vivida de pessoas comuns. Anarquistas na América do Norte estão criando algo diferente. Às vezes, sem nem mesmo saber conscientemente, estamos deixando para trás a pele larga da esquerda dos dinossauros e nos aventurando a criar resistências selvagens e imprevisíveis: uma infinidade de lutas, todas significativas, todas interconectadas.

Os sonhos dos anarquistas são os pesadelos dos dinossauros menores: seja na forma de políticos de Washington, funcionários sindicais bem pagos ou burocratas partidários. Dentro de um enxame diversificado de indivíduos e pequenos grupos, a resistência pode estar em qualquer lugar e a qualquer hora, em todo lugar e o tempo todo. Nos poucos anos desde o final dos anos noventa, a mistura de convergências anti-globalização, ativismo e campanhas locais, viajantes, técnicos e solidariedade com resistências internacionais criou algo novo na América do Norte. Estamos substituindo o Movimento de Massa por um enxame de movimentos, onde não há necessidade de sufocar nossas paixões, esconder nossa criatividade ou reprimir nossa militância. Para os impacientes, parecerá que somos poucos e conquistamos apenas pequenas vitórias. No entanto, uma vez que abandonemos as pretensões à supremacia de massa, podemos aprender que a pequenez não é apenas bela, mas também poderosa.

Delírios de Controle

Quando confrontados com a selvageria desenfreada da realidade, os dinossauros caem em delírios febris de grandeza. Em surtos de loucura, recriam o mundo à sua própria imagem exagerada, arrasando o que é selvagem e substituindo-o por um deserto que reflete seu próprio vazio. Onde antes havia a complexidade incrivelmente diversificada da natureza, agora há a simplicidade morta do asfalto e do concreto.

Esses hábitos de controle estão profundamente enraizados não apenas nos dinossauros, mas também em todos aqueles com quem entram em contato, incluindo os mais autoproclamados revolucionários. Esses delírios de controle afetam a maneira como formamos relacionamentos com outras pessoas, articulamos nossos próprios pensamentos e vivemos nossas próprias vidas. Se olharmos para a sociedade

americana, não podemos ignorar as taxas de violência doméstica, o brutal interesse próprio e a homofobia, o sexismo e o racismo institucionalizados. Assim como os dinossauros destroem ecossistemas físicos, eles substituem seus relacionamentos sociais por alianças e parcerias baseadas em eficiência, controle, crescimento e busca pelo lucro. Anarquistas também têm sido culpados disso. O que antes era uma comunidade torna-se um movimento; amigos são substituídos por meros aliados. Sonhos tornam-se ideologia, e a revolução vira trabalho. Os revolucionários desesperadamente tentam controlar o mundo ao seu redor — um esforço fútil, já que são o dinossauro de duas cabeças, o Estado-sauro e o Negócio-sauro Multinacional, que atualmente governam o mundo. Retirando-se do presente, os radicais muitas vezes vivem suas vidas como fantasmas de um passado ou futuro revolucionário. Não é surpresa que os revolucionários que realmente acreditam em sua própria retórica acabem se esgotando ou, pior, se tornem teóricos de poltrona. É mais fácil ponderar sobre o futuro do que fazer algo sobre o presente.

Assim como é mais fácil teorizar sobre o mundo do que interagir com ele, é muito mais fácil teorizar sobre como a Revolução acontecerá do que realmente fazer uma revolução acontecer. Previsões e postulações sobre qual grupo é o mais revolucionário são ainda mais ridículas. Os teóricos, sendo especialistas consumados, reservam para si o direito de nomear aqueles que realmente criarão a revolução em um futuro confortavelmente distante. Quem eles vão escolher desta vez? Os trabalhadores? O proletariado? A juventude? Pessoas de cor? Pessoas do Terceiro Mundo? Qualquer um, menos eles mesmos.

Ninguém sabe como será a Revolução, menos ainda os prognosticadores senis de poltrona, que ignoram o próprio ambiente ao contemplar a perfeição da dialética. As pessoas que mantêm os pés no chão sentem instintivamente que nenhum livro de teoria revolucionária pode capturar todos os detalhes do futuro. Muito do que é chamado de "revolucionário" é irrelevante para a maioria das pessoas comuns. As vozes das comunidades reais estão vivas de uma maneira que nenhuma teoria poderia estar, mesmo que, por agora, tomem a forma de pequenos atos de resistência. Quem não sonega impostos, evita a polícia ou mata aula? Esses atos, por si só, podem não ser revolucionários, mas começam a dismantelar o controle de cima. As abordagens anarquistas devem ser relevantes para as experiências cotidianas e flexíveis o suficiente para lidar com lutas em diferentes situações e contextos. Se conseguirmos isso, poderemos prosperar no mundo após os dinossauros. Podemos até ter a sorte de estar em uma das comunidades que terão uma mão em derrubá-los.

O Estado é uma Máquina – Contra Especialistas e Eficiência

Os anarquistas estão criando uma cultura que permite que mais e mais pessoas se libertem do domínio dos dinossauros. No momento, nossa agitação e propaganda são frequentemente apenas faíscas para inflamar o coração, não chamadas reais de revolução. Isso tem provocado tanto impaciência quanto cinismo em alguns, mas os anarquistas devem ter confiança. Estamos criando uma revolução na qual não apenas controlamos os meios de produção, mas na qual realmente controlamos nossas próprias vidas.

Não existe uma ciência da mudança. A revolução não é científica. Os ativistas não deveriam ser especialistas em mudança social mais do que os artistas deveriam ser especialistas em autoexpressão. A grande mentira de todos os especialistas é sua reivindicação de ter acesso ao exclusivo, ao intocável, até ao inimaginável. Os especialistas da revolução, não amados e sem estabilidade, exigem muitas coisas além da sua lealdade. Acima de tudo, eles exigem eficiência – um lugar na máquina bem lubrificada.

Em vez de hortas nos quintais e transporte público, a eficiência criou alimentos geneticamente modificados e rodovias com dezesseis faixas. A eficiência exige a ilusão de progresso, não importa o quão sem sentido. Nossa rejeição à eficiência levou a muitos projetos incríveis. O *Food Not Bombs* pode não ser a maneira mais eficiente de entregar comida a quem tem fome, mas muitas vezes é mais eficaz em seus objetivos e mais significativo do que qualquer programa governamental, esmola religiosa ou corporação eficiente. O McDonald's nos promete uma versão rápida e eficiente da experiência de jantar; isso não é exatamente o oposto do que queremos que nosso mundo pareça? A eficiência impulsiona muitas campanhas e projetos; muitos ativistas se transformaram em personagens tão inacreditáveis e superficiais quanto aqueles em comerciais de televisão. Sua busca por questões eficientes e comercializáveis os colocou em competição com empresas, governos e outros ativistas pela imaginação do público.

Assim como a massa, a eficiência é uma divindade-chave no panteão do pensamento dinossáurico. Não há nada de errado em querer realizar as coisas; alguns projetos necessários nunca estão longe do trabalho árduo e é melhor que sejam concluídos o mais rápido possível. No entanto, nossos relacionamentos

personais e nossos desejos compartilhados de mudança não são coisas para serem apressadas, pré-gravadas e feitas para a televisão.

A aposta cautelosa dos ativistas eficientes é que, como a liberdade nunca é vivida, mas apenas discutida, toda mudança deve ser planejada e tediosa. Esses especialistas incluem os burocratas tremendo em seus sapatos ao pensar em uma revolta popular sem a permissão ou orientação do Partido. Tais pessoas arrastaram os pés pela história revolucionária: hoje são aquelas que temem o caos de uma manifestação, ou falam sobre luta de classes sem referência ao que há de revolucionário na recusa de restrições na vida cotidiana. Sim, são precisamente aqueles com cadáveres na boca! Eles tremem com a ideia de que as ideias ou as pessoas que as possuem possam perder o controle. Para os autoproclamados especialistas em mudança social, a demonstração mais eficiente é aquela com uma única mensagem clara, um público claro e um roteiro pré-planejado... de preferência, um roteiro escrito por eles.

Vamos imitar essas máquinas políticas? Vamos ansiar por ser como o Estado? A versão de esquerda da máquina mais uma vez triturará as diferenças para criar um produto final: o Fim da História, a Utopia, A Revolução. As máquinas consomem nossa vitalidade e contribuem para o esgotamento tão disseminado em nossas comunidades. Um envio em massa pode ser mais eficiente do que conversar com estranhos ou montar uma barraca de limonada no parque, mas não é necessariamente mais eficaz. Há algo a ser dito sobre pegar o caminho mais longo de um ponto a outro.

Sempre que deixamos nossos problemas para serem resolvidos por especialistas, cedemos um pouco mais de nossa autonomia. Os juízes, os professores, os cientistas, os políticos, os policiais, os banqueiros: esses são os motores da eficiência. Suas ferramentas nunca poderão transformar nossos relacionamentos ou nossa sociedade; elas apenas calcificam e endurecem os que já estão quebrados. No mundo deles, sempre haverá consumidores e consumidos, prisioneiros e captivos, devedores e acionistas. Os pequenos dinossauros que desafiam os maiores podem querer mudar o mundo, mas farão isso de acordo com um plano mestre escrito não por você ou por mim, mas por especialistas de poltrona.

O Fim dos Dinossauros é Apenas o Começo

Há uma saída. A porta de escape da armadilha de morte do consumidor, da baboseira capitalista e da rateira governamental não será encontrada fugindo para aquele mítico "algum outro lugar", seja uma comuna, a floresta ou o porão dos seus pais. Precisamos enfrentar e começar a mudar a bagunça atual. Isso exige que não atuem como uma massa de consumidores isolados seguindo ideologias estabelecidas, mas como indivíduos criando nossos próprios futuros. As antigas mitologias tinham A Revolução, a Democracia, a Utopia. Em certa medida, todas essas soaram falsas. Na criação de algo novo e significativo, só temos uns aos outros.

Nossas comunidades de resistência estão espalhadas pela América do Norte e pelo mundo: às vezes jovens e furiosas, às vezes maduras e experientes, mas sempre prontas para o amor ou para a guerra. Essas interações são os primeiros sinais de algo belo. Os anarquistas têm grandes corações e grandes sonhos. Não somos os primeiros a ter esses pensamentos: não, temos ancestrais. Em vez de adoração ou ignorância do passado, devemos criar nossas próprias ferramentas, nossas próprias histórias e nossas próprias lendas.

Anarquia é o nome que demos à flecha apontada para o coração de cada dinossauro. Não é uma religião e não é meramente uma ideologia ou uma marca de política; é uma ecologia viva e em constante evolução de resistência. É simplesmente uma promessa que fizemos a nós mesmos. Nas páginas seguintes, você encontrará a tentativa de um coletivo de descrever abordagens populares da anarquia hoje. Sem dúvida, existem muitas outras versões, mas todas estão conectadas por uma teia de ações: vamos lutar, vamos criar, vamos amar e vamos evoluir. Anarquia não está em algum outro lugar, nem em outro tempo: é o caminho mais significativo entre nós e a liberdade.

O Próximo Trem

"São preguiçosos." "São sujos." "Roubam e não são confiáveis." "São parasitas que consomem nossos recursos."

Todos nós já os vimos. Todos nós temos uma opinião sobre eles. E a maioria de nós já os deixou dormir no sofá. Conhecemos bem os viajantes.

Essas são algumas reclamações comuns que anarquistas estabelecidos em comunidades locais têm em relação aos seus irmãos viajantes. Quando olhamos para essas reclamações, infelizmente, elas ecoam queixas de outros lugares e povos. São os mesmos insultos e estereótipos que os europeus orientais têm contra os ciganos, os suburbanos têm contra os moradores da cidade, os sindicalistas têm contra os trabalhadores migrantes mexicanos e outros imigrantes, ou que os alemães têm contra os trabalhadores convidados turcos.

Ao longo da história registrada, sempre houve um antagonismo entre os povos assentados e seus vizinhos nômades. Parte desse confronto, sem dúvida, vem da crença de que, quando os recursos são escassos, os nômades sem raízes roubarão o que os povos assentados trabalharam para conseguir. Alguns argumentam que essa tensão decorre de uma inveja que os assentados têm das pessoas que parecem ter mais liberdade e menos restrições. Independentemente das raízes desse conflito, o resultado final é o mesmo: desconfiança e hostilidade. Infelizmente, muitos anarquistas caíram nessa mesma armadilha de estereotipar e vilanizar os viajantes. No entanto, os anarquistas sempre viajaram! Quer fosse Bakunin (talvez o "jovem viajante" original) organizando a Primeira Internacional Negra, ou Emma Goldman percorrendo os EUA, os anarquistas há muito levam suas ideias e projetos para a estrada. Hoje, continuamos a levar nossos projetos para a estrada. Continuamos a levar nossos projetos e políticas conosco, onde e como formos: pegando trens em pequenos grupos, em extravagâncias de bicicleta, em vans apertadas cheias de equipamentos de banda, em voos de espera, em turnês de livros em vans de mães-soccer, ou simplesmente estendendo o polegar. Existem várias razões para viajar que vão além de um puro hedonismo individual. Viajar tem um potencial político e cultural que pode fortalecer nossas comunidades, polinizar ideias e fornecer ajuda mútua.

Espalhando Memes

O contato pessoal é mais significativo do que a comunicação por meio da televisão, telefone, internet, revistas ou livros como este. Há algo incrível em conhecer uma pessoa de outra comunidade e perceber que vocês compartilham paixões e projetos semelhantes. Viajar nos une. Agora que a anarquia não é mais exclusivamente o domínio de feiras de livros monótonas e campus universitários, um segmento dedicado de nossas comunidades tem espalhado ideias anarquistas pelo país e pelo mundo. Essas ideias, às vezes chamadas de "memes", mutam e mudam, surgindo em lugares e contextos inesperados.

O Reclaim the Streets (RTS) foi originalmente um produto de protestos anti-estradas na Grã-Bretanha, que tentavam salvar o campo, incluindo as batalhas por Twyford Down. À medida que mais ativistas urbanos se envolveram, o escopo dos protestos lentamente se transformou de uma oposição a estradas específicas para uma oposição à cultura automotiva em geral. Tripés e outras táticas que se mostraram eficazes em parar a construção de estradas foram utilizados para bloquear as rodovias já existentes no meio de Londres. O que começou como protestos comuns tornou-se algo especial. Festas de rua improvisadas, completas com música, fantoches e ações diretas, se espalharam pela Inglaterra em um ano, e em dois anos, a ideia chegou até a Finlândia. Em quatro anos, o RTS original havia se transformado em um Dia Global de Ação (você foi para as ruas em 30 de novembro de 1999? Também foi um Dia Global de Ação) com mais de dez mil pessoas na capital do petróleo da Nigéria, Port Harcourt, tomando as ruas, cantando, dançando e paralisando os escritórios do conglomerado petrolífero assassino Shell. Mutando-se ao cruzar o Atlântico em direção aos Estados Unidos, o fenômeno RTS se espalhou das rodovias de Londres para as estações de metrô de Nova York e os subúrbios de Naperville, Illinois. Uma parte substancial desse fenômeno foi transmitida por pessoas que compartilharam suas experiências umas com as outras durante suas viagens. O meme do RTS transcendeu seu contexto inicial para se tornar significativo para pessoas ao redor do mundo.

Viajar abre a possibilidade não apenas de aprender sobre pessoas, projetos e resistências em uma comunidade geográfica específica, mas também permite que os viajantes se envolvam ativamente nessa comunidade. Uma das primeiras coisas que os viajantes podem oferecer a seus anfitriões é realizar tarefas domésticas (como lavar a louça!), mas eles podem fazer muito mais. Com eles, os viajantes trazem conhecimento, paixão e habilidades: toda uma vida de experiências e relatos de outros lugares. Sem empregos e outras limitações de tempo tradicionais, os viajantes podem ser os "reforços" culturais e políticos para a guerra de guerrilha na qual estamos atualmente envolvidos na América do Norte. Em vez de ser um receptor passivo de informações, o encontro pessoal nos torna parceiros ativos em

um diálogo cultural. Essa é a premissa básica de conferências, convergências e encontros. Eventos bem-sucedidos como a conferência da Zona Autônoma Permanente (PAZ) de Louisville reuniram pessoas de todo o país (e do exterior) para compartilhar ideias, oferecer treinamentos e workshops, trocar patches e estênceis, fazer contatos e – sim – até mesmo se divertir.

Nessas trocas, a diversidade é importante: não apenas as variedades raciais ou étnicas, mas também as geográficas. Anarquistas em Kansas têm sua própria versão de anarquia, que tem algo em comum com a anarquia em Maine. Em vários graus, eles podem ter algo a ver com a anarquia boliviana ou coreana. Todas essas comunidades geográficas adaptam práticas anarquistas ao seu próprio ambiente local. Embora as semelhanças sejam certamente importantes, as diferenças são de onde os projetos mais interessantes surgem.

A variação local é o que mantém a cultura viva e imediata, de modo que uma única visão não sufoca inovações. Assim como os dialetos de uma única língua, as variantes regionais da anarquia nos tornam mais ricos e coloridos. Em vez de uma ideologia homogênea, rígida, a anarquia fez sua casa em milhares de comunidades, baseadas em culturas, políticas e práticas compartilhadas que se sobrepõem. Essas diferentes anarquias não precisam ser unificadas ou ter uma aparência uniforme. Quando um viajante originalmente de Chicago traz experiências para um acampamento temporário em árvores nas florestas de Cascadia ou para uma fazenda ocupada no Brasil, eles espalham sua própria variação do meme anarquista. Apenas o tempo mostrará o que acontecerá a seguir.

Quanto Mais, Melhor

Ter pessoas de fora vindo para a sua cidade aumenta a moral. Quando anarquistas se reuniram em uma reserva indígena em Nova York, vindos de uma meia dúzia de lugares, para ajudar a proteger as famílias Oneida de serem forçosamente expulsas de suas casas, isso só foi possível porque a cultura de viajar está impregnada do desejo de oferecer ajuda mútua. As famílias ficaram surpresas, mas satisfeitas, ao receber ajuda de estranhos, enquanto os anarquistas estavam felizes em se tornar parte da luta da comunidade, mesmo que apenas temporariamente. Nesse caso, a luta pela autonomia teria sido impossível sem a dedicação dos membros fixos da comunidade. Os viajantes usaram sua “liberdade” (tempo livre e flexibilidade) para garantir que a luta fosse um sucesso. Em um local bem diferente, os jardins comunitários no South Bronx, incluindo o amado Cabo Rojo, foram sustentados por meses por viajantes e anarquistas de outros lugares que construíram uma microcomunidade junto com seus camaradas fixos em um terreno ocupado. Convergências, manifestações e conferências têm proporcionado oportunidades para pessoas de diferentes comunidades geográficas compartilharem e aprenderem umas com as outras. Viajar também permitiu que grupos em lutas locais esperassem ajuda de aliados improváveis, apesar do isolamento geográfico. Se uma cultura anarquista nacional ou internacional algum dia for observada, provavelmente será nesses tipos de interações.

As autoridades estão certas em se preocupar com nossa capacidade de mobilizar nossos companheiros de comunidades geográficas além da nossa. Em uma *Reclaim the Streets* particularmente infame em Durham, Carolina do Norte, um sargento da polícia foi ouvido afirmando que os centenas de anarquistas presentes eram de Eugene e São Francisco, mesmo que a manifestação fosse composta principalmente por locais. A polícia ficou chocada com a capacidade dos participantes de se reunir com sucesso e fazer o que quisessem. Sua única explicação foi que os “garotos de Seattle” tinham vindo ameaçar seu distrito; eles estavam completamente alheios ao fato de que havia anarquistas vivendo em seu próprio quintal. Parte do sucesso desse evento particular foi que os locais foram acompanhados por outros anarquistas da Carolina do Norte, ativistas universitários, jovens de rua e alguns viajantes resilientes. Enquanto poucas comunidades locais podem realizar eventos sem serem sobrecarregadas pela polícia, viajar nos permite mobilizar números inesperados de pessoas e manter as autoridades desequilibradas. Em vez de depender de uma massa indiferenciada de pessoas para sobrecarregar nossos inimigos, nos beneficiamos de nossas diferenças e talentos individuais. Essa é a força básica do movimento antiglobalização e é uma tática que pode ser útil em uma variedade de circunstâncias e lutas.

As fronteiras não são apenas físicas, são mentais. Enquanto acreditarmos que somos cidadãos de países específicos ou limitados a qualquer comunidade única, estaremos perdendo oportunidades. Todos nós deveríamos viajar! Seja pelo país para uma manifestação do FMI ou pela cidade para nos encontrarmos com um grupo com o qual acabamos de iniciar um novo projeto, viajar é uma maneira muito

real de nos conectarmos com outras pessoas. Nossa solidariedade não deve ser limitada a pessoas que vivem na mesma vizinhança ou cidade.

A amizade é um grande meio de paixão: melhor do que livros, zines ou até mesmo a Internet. Infelizmente, muitos anarquistas vivem em lugares distantes das cenas que apoiarão seus sonhos e projetos. Viajar e os viajantes podem ser um potencial catalisador para permitir que pessoas isoladas pela sorte da geografia vejam seus projetos crescerem e prosperarem sem precisar se mudar. Se os anarquistas algum dia esperam ser mais do que uma força marginal nos EUA, devemos ser capazes de alcançar até os cantos mais solitários deste enorme país. Ironicamente, em vez de “arruinar” comunidades, os viajantes podem ser a melhor chance que temos de construir comunidades locais de resistência mais fortes, compartilhando ideias, recursos e trabalho de diferentes lugares.

Alguns céticos argumentarão que viajar não é radical, por si só. E isso é verdade: um milionário pode embarcar em um avião para Barbados e ter um hotel inteiro só para si, assim como um jovem alternativo nos EUA pode pegar trens motivado unicamente pelo escapismo barato. O potencial da viagem reside em suas liberdades relativas: tempo para se dedicar a projetos, a capacidade de transmitir materiais e informações, flexibilidade para investir energia em novos projetos, apoiar camaradas distantes, a lista continua. Viajar também pode ser usado para combater o isolamento e nos dar esperança em um mundo de outra forma hostil. Como qualquer viajante sabe, chegar a um lugar onde você nunca esteve requer paciência e dedicação: que nossas estradas coletivas levem todas à anarquia.

Além do Dever e da Alegria

Amizades, coletivos e projetos demais foram desnecessariamente destruídos devido a cismas sobre nossos motivos básicos para nos envolvermos em trabalho político. Essas divisões sobre nossas motivações fundamentais ameaçam até mesmo os projetos ou coletivos mais ideologicamente “puros”. Esse obstáculo é mais abrangente e destrutivo do que o sectarismo Verde vs. Vermelho ou a divisão anterior entre Pacifismo e Ação Direta. Eles também têm a infeliz capacidade de desmantelar amizades e deixar as pessoas se perguntando o que deu errado. Apesar dos aspectos perenes e perniciosos desse conflito sobre motivações, muito pouco foi escrito sobre isso a partir de uma perspectiva anarquista.

Então, qual é exatamente essa ameaça implícita ao trabalho coletivo? A resposta pode ser encontrada nas motivações básicas das pessoas para se envolverem em projetos. Como todos sabemos, muito do trabalho que fazemos é sem glamour e exige uma grande quantidade de energia e recursos. Nossas ações frequentemente não correspondem às nossas altas expectativas e, em alguns momentos, podem até nos colocar em perigo sério. O esgotamento é uma doença incrivelmente comum para ativistas que investiram enormes quantidades de tempo e energia em seus projetos. Por causa desses obstáculos, entender as motivações das pessoas com quem escolhemos trabalhar é tão importante quanto conhecer sua política. Projetar suas próprias motivações sobre os outros em um coletivo é uma receita certa para ressentimento e desastre.

Tradicionalmente, houve duas grandes correntes de motivações (ou motivações percebidas) na política anarquista: Dever e Alegria. Como qualquer dualidade, é fácil cair na armadilha de rótulos simplistas em preto e branco, ignorando o mais realista contínuo de cinzas. Em vez disso, pense nessas duas motivações como os pontos finais em um contínuo, iluminando tudo o que está entre eles.

As motivações não podem ser separadas das expectativas. Somos motivados a nos envolver em projetos particulares porque temos certas expectativas favoráveis sobre nosso compromisso.

Expectativas que não são coletivamente compartilhadas, ou mesmo expressas, podem ser prejudiciais para estabelecer um curso para os projetos. Como atender às expectativas é a principal maneira de avaliarmos a eficácia de qualquer trabalho ou projeto, diferenças nas expectativas causarão diferenças nas avaliações. Essas diferenças podem prejudicar a capacidade de um coletivo de aprender com erros passados, uma vez que diferentes critérios de medição estão sendo utilizados. Assim como o Dever e a Alegria são motivações inerentemente diferentes, haverá um conjunto igualmente divergente de expectativas que, por sua vez, levará a avaliações e análises conflitantes sobre o que significa sucesso para um coletivo ou projeto.

Orientações motivacionais fundamentais, como Dever e Alegria, são mais tenazes do que outras discordâncias políticas porque muitas vezes resultam de traços de personalidade básicos. Motivações

que residem no subconsciente ou inconsciente são resistentes à maioria das formas de argumentos intelectuais, precedentes históricos, manipulações lógicas e outros mecanismos conscientes. Em resumo, nossas razões para realizar projetos específicos nem sempre podem ser explicadas intelectualmente. Esses traços motivacionais conflitantes são potencialmente o elemento mais divisivo que encontramos em nosso trabalho coletivo diário. Para encontrarmos nosso caminho fora desse campo minado da psicologia motivacional, precisamos entender como esses dois tipos polarizadores se manifestam e buscar novas maneiras de fazer as coisas que complementem ambos.

O Dever tem sido o motivo tradicional para projetos radicais; até recentemente, era a tendência mais prevalente nas comunidades anarquistas. Isso se deve, sem dúvida, à nossa trágica história. As lutas anarquistas têm sido, na maior parte, uma sequência de derrotas amargas, repressões e marginalizações. Então, o que tem motivado camaradas a trabalhar tão arduamente e de forma altruísta durante tantos anos sombrios? A resposta parece ser um forte senso de Dever, baseado em uma noção elevada de justiça casada com a crença em um mundo melhor. O modelo do Dever criou um culto de mártires – aqueles que abandonaram tudo pela Causa. Aqueles que trabalham dentro do modelo do Dever esperam que o trabalho seja árduo e não valorizado, mas ainda assim sentem que deve ser feito. Anarquistas guiados pelo Dever dão pouca atenção a se seu trabalho é alegre ou gratificante. O trabalho político orientado pelo Dever tende a ser caracterizado por reuniões intermináveis, luta, trabalho desagradável e longas horas. O compromisso de alguém é medido por uma fórmula simples de horas de trabalho em relação à desagradabilidade das tarefas voluntárias. O sacrifício torna-se um ideal consistente e reificado para anarquistas guiados pelo Dever. Devido à quantidade de energia e trabalho insatisfatório consumidos, há uma profunda preocupação com a longevidade dos projetos e avaliações sobre sua eficácia em promover a causa. O Dever tende a colocar muita ênfase em manter projetos. Muitas vezes, considerável energia é utilizada para perpetuar projetos que podem ter ultrapassado sua função original ou que nunca atingiram seu potencial.

As expectativas de quem trabalha a partir de um modelo de Dever tendem a ser externalizadas. A avaliação de sucesso e fracasso baseia-se em fatores externos. Esses fatores geralmente incluem exposição na mídia, impacto na comunidade, recrutamento, fundos arrecadados ou longevidade. Muitas dessas expectativas são facilmente quantificáveis e, assim, a análise empírica é a forma primária de avaliação para os anarquistas guiados pelo Dever. Essa ênfase na quantidade e no empirismo leva a um desejo de aumentar os resultados quantificáveis. A abordagem baseada no Dever é semelhante (em motivações, expectativas e avaliações) às tendências históricas e atuais da esquerda política.

A Alegria é uma força opositora relativamente nova no trabalho anarquista, embora sempre tenhamos prestado pelo menos um reconhecimento superficial à Alegria no pensamento anarquista. Isso é exemplificado pela famosa citação de Emma Goldman: *"Se eu não posso dançar, não quero fazer parte da sua revolução."* O novo modelo de Alegria no anarquismo vem das culturas punk, pagã e nômade do final da década de 1980 e é uma herança direta dos hippies e da Nova Esquerda dos anos 1960. Sua motivação é baseada no princípio do prazer. A Alegria busca transformar o trabalho político em brincadeira. Ela rejeita os tropos do mártir e do sacrifício da velha esquerda e os substitui por metáforas de carnaval e celebração. A Alegria julga o trabalho político não com base nas horas trabalhadas ou no sacrifício, mas em quão emocionante e capacitante um projeto pode ser em um nível pessoal e coletivo. Devido à necessidade de que o ativismo seja emocionante e capacitante, projetos alimentados pela Alegria são frequentemente transitórios — desmoronando logo após a empolgação inicial se dissipar. Eles costumam dar pouca atenção ao impacto a longo prazo dos projetos em suas comunidades. Anarquistas motivados pela Alegria também tendem a ser mais céticos em relação aos projetos históricos que os anarquistas guiados pelo Dever reverenciam.

Assim como no Dever, os ativistas motivados pela Alegria têm expectativas moldadas por suas motivações. A expectativa de trabalho tende a ser internalizada. A ênfase é dada às experiências subjetivas e foca nas mudanças qualitativas em vez das medições quantitativas. As expectativas costumam incluir diversão, empoderamento dos participantes, conscientização, excitação, criatividade e novidade. Projetos que não atendem a essas medidas qualitativas são vistos como deficientes, enquanto aqueles que atingem pelo menos alguns desses objetivos são considerados bem-sucedidos, independentemente de qualquer impacto externo. A ênfase alegre nas necessidades individuais, nas experiências subjetivas

e no empoderamento é mais típica de certos ramos das subculturas hedonistas hippies e punk do que da esquerda política tradicional.

Uma vez que poucos projetos anarquistas se encaixam de maneira clara nos estilos de Dever ou Alegria, especialmente no início, essas personalidades se encontram trabalhando juntas. No início, isso pode levar a tensões e, subsequentemente, a ressentimentos e expulsões. Isso aconteceu tantas vezes nos últimos anos que resultou em um debate completamente *irrelevante* sobre "*Anarquismo Social vs. Anarquismo de Estilo de Vida*", que não faz nada além de alienar e deturpar ambos os tipos de motivações. Percebemos que a discussão sobre Dever e Alegria poderia criar uma divisão semelhante e, se esse fosse nosso objetivo, seria hipócrita. Em vez disso, devemos tentar entender todo o espectro de motivações sem tentar criar uma falsa "unidade" na motivação, ou, por outro lado, iniciar outra batalha sectária. Buscar Significado nos estilos de Dever e Alegria pode ser comparado ao processo de alcançar consenso.

Uma linguagem abreviada foi desenvolvida por ambas as extremidades do *continuum* para atacar uma à outra sem esclarecer as verdadeiras diferenças motivacionais que afetam seus compromissos. Isso cria mais uma maneira para os anarquistas se fragmentarem.

Este ensaio não é simplesmente um chamado para que todos se unam; esse objetivo é altamente improvável e nem mesmo necessariamente desejável. Existem sérias deficiências em ambas as abordagens motivacionais (apontadas claramente por ambos os lados da divisão) e, portanto, um conjunto diferente de abordagens é necessário. Para ser bem-sucedida, uma nova abordagem deve complementar as forças tanto dos estilos de Dever quanto de Alegria, a fim de maximizar a solidariedade dentro dos coletivos que trabalham em projetos anarquistas e minimizar a tensão existente entre as pessoas que incorporam qualquer um dos estilos.

A boa notícia é que um número considerável de anarquistas que trabalham e se envolvem em projetos não está em nenhum dos extremos do *continuum* Dever-Alegria. Gostaríamos de sugerir uma abordagem motivacional baseada em Significado. Esperamos que a articulação do Significado não apenas alivie a tensão que sufoca a maioria dos projetos, mas também forneça um ímpeto para projetos novos e bem-sucedidos.

Motivações baseadas principalmente no Significado sempre fizeram parte da anarquia; na verdade, o termo Significado foi usado tanto pelos grupos do Dever quanto da Alegria para justificar suas abordagens enquanto atacam uns aos outros. Uma vez que a palavra Significado foi reivindicada por ambos os estilos, é importante explicar o que se entende por motivações baseadas em Significado. Erich Fromm descreveu motivações baseadas em Significado como "*contendo tanto as maneiras objetivas [Dever] quanto subjetivas [Alegria] de entender.*" O Significado é determinado pela análise dos efeitos externos e pelo teste deles contra sentimentos internos. Um anarquista motivado pelo Significado busca tanto impacto pessoal (internalizado) quanto público (externalizado) de seus esforços.

Projetos vistos em termos de seu Significado podem ser avaliados de forma mais completa e apreciados de maneira mais profunda a partir dessa perspectiva do que das outras duas abordagens limitadas, pois reconhece tanto desejos quantificáveis quanto qualitativos. Nossos esforços podem agora ser avaliados em múltiplos eixos. Não se trata mais apenas de quantas horas uma pessoa trabalha, mas também do prazer que ela pode manifestar em suas atividades. Um projeto não precisa ser julgado apenas por quão emocionante e divertido é, mas também por quão eficaz ele é em alcançar seu objetivo. Nenhum dos lados do *continuum* é superior ao outro. Em vez disso, busca-se harmonia para criar Significado. A aplicação de ambas as expectativas cria uma análise mais rica e nuançada de nossa política. O Significado também fornece uma ferramenta útil para decidir quais projetos valem a pena gastar nossa energia e recursos limitados.

A abordagem Significativa tem a vantagem de recuperar toda a história das lutas e projetos anarquistas bem-sucedidos. Ela também oferece uma maneira para camaradas ligados aos extremos do *continuum* trabalharem juntos sem renunciar ou reprimir suas motivações. Quando buscamos Significado em nossos projetos, exigimos a plena realização de nossos esforços e recursos. Não nos contentaremos mais com nenhum dos extremos do *continuum*, mas buscaremos todo onexo.

Uma ênfase no Significado limita o efeito destrutivo de outro obstáculo perene no trabalho anarquista: o esgotamento. O esgotamento ocorre quando muito do nosso tempo e recursos são desperdiçados em projetos sem sentido. Empreendimentos significativos realmente criam energia e dádivas. Eles proporcionam

nam mais ímpeto para continuar nossas lutas, alcançando projetos de longa duração. Projetos baseados em Significado oferecem oportunidades emocionantes e experiências novas que atraem pessoas de todo o espectro Dever-Alegria.

Em uma cultura que produz em massa tanto expectativas de trabalho intenso sob o Dever quanto produtos de hedonismo alegre, o Significado justifica o preço de nosso trabalho, recursos e vidas. O capitalismo prospera nas extremidades do continuum Dever-Alegria ao criar relacionamentos sem sentido que nos dividem em trabalhadores ou consumidores. A anarquia oferece uma solução para essa sociedade absurda e dualista. Projetos significativos serão um melhor atrativo tanto para anarquistas experientes quanto para os novos. Apenas projetos que honestamente tentam equilibrar tanto as necessidades externas quanto internas terão alguma esperança de proporcionar resistência duradoura à névoa sem sentido da cultura consumista cotidiana. Nem o Dever nem a Alegria sozinhos podem desenvolver novas e melhores maneiras de viver em comunidades vibrantes de resistência. Outro mundo é de fato possível, mas deve ser um mundo significativo.

Borboletas, Duques Mortos, a Roda Cigana e o Ministério da Estranheza

Desde pelo menos os dias de Kropotkin, os anarquistas se distanciaram conscientemente da ideia de caos. Lendas até sussurraram que o círculo A misterioso representa a ordem no caos. Quase todos os escritores "sérios" de anarquismo nos últimos anos tentaram dissociar o anarquismo do caos. No entanto, para a maioria das pessoas comuns, caos e anarquia estão eternamente ligados. A conexão entre caos e anarquismo deve ser repensada e abraçada, em vez de ser minimizada e reprimida. O caos é o pesadelo dos governantes, estados e capitalistas. Por isso e outras razões, o caos é um aliado natural em nossas lutas. Não devemos polir a imagem do anarquismo apagando o caos. Em vez disso, devemos lembrar que o caos não é apenas ruínas em chamas, mas também asas de borboletas.

“A previsão é poder.” — Auguste Comte, pai da sociologia.

Desde a Ilustração, os políticos tentaram usar princípios científicos na política e na economia para controlar a população. A arrogância de sociólogos, economistas e outros especialistas é clara em sua crença de que o desejo humano pode ser medido, ordenado e, assim, controlado. As tentativas de prever e controlar todas as possibilidades sempre foram o sonho molhado de totalitários e executivos de publicidade em todo o mundo. Desde Marx, que se via como um “cientista do comportamento em massa”, vanguardistas revolucionários de todos os tipos acreditaram que descobriram a equação perfeita para a revolução: uma abordagem de pintar por números para a mudança social. Tanto os políticos profissionais quanto os revolucionários profissionais lutam para se tornarem especialistas consumados na manipulação da máquina política; os políticos reais apenas acontecem de ser melhores nisso do que seus primos ativistas. Não é surpresa que os sociólogos da revolução, os marxistas universitários sinceros e os anarquistas literários estejam tão enamorados de plataformas, políticas, história e teorias secas. Infelizmente para eles, e felizmente para nós, o caos se recusa a jogar segundo quaisquer regras.

Um Pouco Vai Longe

“O bater das asas de uma única borboleta hoje produz uma pequena mudança no estado da atmosfera. Com o passar do tempo, o que a atmosfera realmente faz diverge do que teria feito. Assim, em um mês, um tornado que teria devastado a costa indonésia não acontece. Ou talvez um que não ia acontecer, aconteça.” — Edward Lorenz, meteorologista, 1963

A menor mudança nas condições iniciais de um sistema pode alterar drasticamente seu comportamento a longo prazo. Esse fenômeno, comum à teoria do caos, é conhecido como “*dependência sensível das condições iniciais*.” Uma pequena diferença em uma medição pode ser considerada ruído experimental, estática de fundo ou uma pequena imprecisão. Mudanças que podem ser facilmente descartadas podem crescer exponencialmente e se acumular de maneiras inesperadas para criar resultados igualmente inesperados, muito maiores do que qualquer um poderia imaginar.

Esses erros e fantasmas na máquina são aleatórios demais para serem previstos por qualquer super-computador governamental. Os anarquistas, portanto, podem tirar proveito de reviravoltas estranhas, usando o caos como uma arma secreta contra regimes de controle. Quem sabe se uma mulher que se

recusa a ceder seu lugar no ônibus lançará um movimento pelos Direitos Civis, ou se um pequeno, mas furioso grupo de crianças se reunindo no carrinho de cachorro-quente local no momento certo desencadeará uma insurreição em grande escala? O caos pode inverter as situações até mesmo dos dinossauros mais estabelecidos. Em situações fluidas, como uma manifestação, eventos aparentemente irrelevantes podem muitas vezes mudar o tom ou a direção de todo o “*sistema*”, levando ao caos no melhor sentido da palavra.

Os políticos do mundo dificilmente previram que o assassinato do Arquiduque Fernando em algum canto do Império Austro-Húngaro levaria à desintegração de três dos maiores impérios do mundo em menos de uma década. Obviamente, as tensões políticas da época existiam independentemente do duque morto, mas seu assassinato acendeu um pavio cuja explosão resultante destruiu as realidades políticas e econômicas dos impérios. Da mesma forma, uma borboleta batendo suas asas em um evento de compartilhamento de habilidades na zona rural da Virgínia Ocidental tem o potencial de criar um furacão – ou uma revolução – na Argentina.

Surfando nas Ondas Fractais da Revolução

O caos é na verdade mais real do que um mundo facilmente dividido em objetos discretos e equações lineares. Esses objetos fantásticos são perfeitos demais para serem reais em qualquer coisa além de um livro didático de matemática. O mundo real é bagunçado, ardente e sujeito a mudanças constantes além do entendimento de qualquer ser humano. Abstrações podem ser úteis às vezes ao planejar batalhas contra a polícia, esboçar esquemas para o próximo ano e ler mapas em cidades que nunca visitamos antes. No entanto, a maioria das abstrações prejudica o mundo real ao negligenciar os pequenos detalhes. O mundo é caótico e toda vez que alguém acredita que pode controlá-lo, o mundo encontra mais uma maneira de desestabilizá-lo.

A teoria fractal demonstrou que o mundo real é menos “*real*” do que imaginávamos a princípio. Em um ensaio muito discutido sobre a costa da Inglaterra, foi mostrado que o tamanho e a forma da unidade de medida afetavam dramaticamente o resultado final. Se usarmos uma régua reta de um metro, mediremos uma costa mais curta do que se usarmos uma régua curva de milímetros. A costa da Inglaterra, goste você ou não, é infinitamente flexível. Mesmo que você tenha um mapa um-a-um de uma cidade específica, ele nunca poderá representar plenamente essa cidade. Existem muitas “*idades*” em qualquer cidade específica, e nossa imagem dela depende de como observamos nosso entorno e do que escolhemos enfatizar.

A vantagem dessas realidades borgesianas é que os anarquistas têm acesso a múltiplas lentes para usar e entender o mundo. No âmbito político, as autoridades concordam em se limitar a uma representação “*verdadeira*”, enquanto nós mantemos nossos olhos abertos para possibilidades caóticas.

Os anarquistas podem usar perspectivas e escalas diferentes para determinar quais projetos valem a pena serem trabalhados. Pela régua linear e grandiosa da Revolução Global, os detalhes se tornam borrados, e muitos projetos essenciais parecem menos importantes. A revolução, assim como a costa da Inglaterra, é influenciada pelas ferramentas de avaliação que utilizamos. Podemos utilizar essa flexibilidade em nossas régua a nosso favor. Dever e Alegria são apenas parte da gama de nossas motivações. Libertação pessoal, guerra de classes, ambientalismo global e lutas por autonomia política são todas diferentes fórmulas para medir o valor de uma ação ou projeto. Quando aplicadas a uma situação, cada uma delas resultará em um resultado diferente.

A Sorte é a Aliada do Rebelde

Devemos nos tornar aliados da sorte se quisermos superar as enormes dificuldades que se opõem aos nossos esforços. Não podemos entrar despreocupadamente no cassino da revolução política sem perceber que a Casa (o status quo) está contra nós. Podemos buscar a sorte onde outros a ignoraram. A sorte é uma combinação de coincidências espontâneas que podemos reconhecer e usar a nosso favor. Esses eventos não podem ser planejados ou fabricados. Felizmente para nós, este mundo complexo está transbordando de coincidências potencialmente críticas que estão disponíveis para qualquer rebelde corajoso o suficiente para procurá-las. Isso significa tornar nossos planos flexíveis e ser capaz de lidar com essas possibilidades a qualquer momento. Encontrar um contêiner de lixo esquecido fora de um

percurso de desfile pode facilmente significar a diferença entre passar por um bloqueio policial ou ser frustrado, especialmente se aquele contêiner for usado como um aríete!

Como podemos usar o caos a nosso favor em nossas resistências diárias? Quando as situações são imprevisíveis e os resultados são incognoscíveis, como podemos esperar usar um amigo tão volúvel como aliado? Essas são questões para cabalas anarquistas e think tanks em todo o mundo. Podemos aprender com cada experiência e não nos tornarmos tão arrogantes a ponto de achar que podemos planejar todos os eventos com antecedência. Sistemas hierárquicos rígidos temem o caos, rejeitam fractais e desconsideram a sorte. A arrogância dos dinossauros é uma grande vantagem para a nossa resistência. A resistência fractalizada não pode ser adequadamente enfrentada por estratégias de gerenciamento e controle de multidões pré-projetadas. É importante perceber que não somos os primeiros a usar o caos como uma tática. O caos está integrado em várias culturas antigas e nem tão antigas, dos Hopi aos san bushmen. Muitas comunidades não apenas se tornaram confortáveis com o caos inerente ao mundo, mas também encontraram maneiras eficazes de usá-lo.

A Sorte é a Aliada do Rebelde

Devemos nos tornar aliados da sorte se quisermos superar as enormes dificuldades que se opõem aos nossos esforços. Não podemos entrar despreocupadamente no cassino da revolução política sem perceber que a Casa (o status quo) está contra nós. Podemos buscar a sorte onde outros a ignoraram. A sorte é uma combinação de coincidências espontâneas que podemos reconhecer e usar a nosso favor. Esses eventos não podem ser planejados ou fabricados. Felizmente para nós, este mundo complexo está transbordando de coincidências potencialmente críticas que estão disponíveis para qualquer rebelde corajoso o suficiente para procurá-las. Isso significa tornar nossos planos flexíveis e ser capaz de lidar com essas possibilidades a qualquer momento. Encontrar um contêiner de lixo esquecido fora de um percurso de desfile pode facilmente significar a diferença entre passar por um bloqueio policial ou ser frustrado, especialmente se aquele contêiner for usado como um aríete!

Como podemos usar o caos a nosso favor em nossas resistências diárias? Quando as situações são imprevisíveis e os resultados são incognoscíveis, como podemos esperar usar um amigo tão volúvel como aliado? Essas são questões para cabalas anarquistas e think tanks em todo o mundo. Podemos aprender com cada experiência e não nos tornarmos tão arrogantes a ponto de achar que podemos planejar todos os eventos com antecedência. Sistemas hierárquicos rígidos temem o caos, rejeitam fractais e desconsideram a sorte. A arrogância dos dinossauros é uma grande vantagem para a nossa resistência. A resistência fractalizada não pode ser adequadamente enfrentada por estratégias de gerenciamento e controle de multidões pré-projetadas. É importante perceber que não somos os primeiros a usar o caos como uma tática. O caos está integrado em várias culturas antigas e nem tão antigas, dos Hopi aos san bushmen. Muitas comunidades não apenas se tornaram confortáveis com o caos inerente ao mundo, mas também encontraram maneiras eficazes de usá-lo.

Culturas do Caos

Os romani – também conhecidos como ciganos – têm sido um "problema" para os antropólogos há mais de um século. Relativamente pequenos em número e sem qualquer semelhança de poder militar ou político, eles resistiram à assimilação por mais de 600 anos. Os ciganos possuem um fascinante e caótico sistema de ajuda mútua baseado no mito da "*Roda Cigana*". Ajuda material é fornecida livremente a outros viajantes com a ideia de que será devolvida ao indivíduo em algum momento no futuro, quando for necessária. Somente na estrada (um espaço tradicionalmente liminar) a ajuda mútua é dada aleatoriamente àqueles que a pedem. Essa forma de ajuda mútua depende de uma constelação complexa e em constante mudança de sinais naturalmente ocorrentes que os de fora acreditam serem superstições pitorescas. Como esses presságios aparecem aleatoriamente, nenhum indivíduo pode manipulá-los conscientemente. Observadores externos começaram a ver isso como uma estratégia fundamental de sobrevivência que os povos romani têm utilizado contra sociedades que desejam destruí-los ou assimilá-los. Essa abordagem não linear à ajuda mútua pode parecer, à primeira vista, muito aleatória para funcionar em toda uma sociedade, mas tem permanecido uma base de apoio da cultura romani. Nossas próprias interações e generosidade com estranhos hoje frequentemente trazem colheitas inesperadas muito além de qualquer medida, e sempre no momento certo.

Em outro exemplo de uma cultura muito maior em uma era diferente, por mais de mil anos o império chinês consultava um "*Ministério da Estranheza*" em busca de conselhos quando os planos imperiais falhavam ou produziam resultados inesperados. O Ministério da Estranheza era tradicionalmente mantido no escuro sobre quaisquer dos planos originais. O ministério então consultaria o I-Ching (o lançamento aleatório e a configuração de bastões de mil-folhas) para criar novos planos. Essa prática eficaz foi interrompida quando o conquistador orientado pela ciência Gengis Khan assumiu o controle. Ironia das ironias, seu filho, Kublai Khan, reintroduziu e até expandiu o Ministério da Estranheza. Em vez de replicar cegamente modelos e projetos malsucedidos, não devemos ter medo de tentar esquemas ousados e não testados.

No reino mais especificamente revolucionário, o caos é uma ferramenta que pode derrubar até os gigantes mais poderosos. Saboteurs sabem que os itens mais simples (por exemplo, um tamanco de madeira) podem ser usados para desestabilizar os sistemas mais eficientes e complicados. Na verdade, quanto mais complexo é um sistema, mais fácil é sabotá-lo. O equivalente econômico à fraqueza do Estado em relação ao caos é que, à medida que os capitalistas se tornam cada vez mais dependentes da tecnologia e da burocracia, eles aumentam sua vulnerabilidade a formas caóticas de resistência, como a invasão digital.

Vamos reconhecer o caos como uma parte importante da mudança política e social. Podemos integrá-lo como um fator em nossas vidas diárias. O caos é o coringa que permite a uma pequena comunidade como a nossa ter um impacto muito maior do que o esperado pelos especialistas. De fato, grupos maiores tendem a ter mais inércia e raramente aproveitam o fluxo do mundo. Desde que não estejamos amarrados a táticas rígidas e modelos frágeis, seremos capazes de nos adaptar em ambientes em constante mudança.

Com uma dose saudável de desconfiança em relação a vanguardistas e especialistas que possuem a visão, plataforma ou política correta para a mudança, sempre podemos manter nossos olhos abertos para as possibilidades inesperadas do caos.

Célula, Clique ou Grupo de Afinidade?

O termo "grupo de afinidade" é frequentemente usado em círculos anarquistas. No entanto, existem algumas concepções errôneas sobre a natureza exata dos grupos de afinidade e como podemos usá-los para promover mudanças radicais. As estruturas de grupos de afinidade compartilham algumas características óbvias com células e cliques, mas existem em contextos diferentes. Pode ser muito difícil para um observador externo determinar se um grupo específico de pessoas é uma célula, um clique ou um grupo de afinidade, e isso, sem dúvida, levou a confusões. Todos os três grupos são compostos por um pequeno número de indivíduos, digamos de três a nove, que trabalham juntos, se apoiam mutuamente e têm uma estrutura tipicamente fechada para forasteiros. Dependendo de seus objetivos, podem se envolver em uma infinidade de projetos, que variam do mundano ao revolucionário, mas as semelhanças param por aí.

Uma célula faz parte de uma organização maior ou de um movimento com uma ideologia política unificada. Frequentemente, as células recebem direções da comunidade maior da qual fazem parte. Em geral, as células são orientadas para o "trabalho" e não dependem da socialização como um objetivo primário. Células particulares estão conectadas entre si (na mesma organização) por uma visão compartilhada, embora possam empregar uma variedade de táticas.

Um clique, por outro lado, é um grupo de pessoas que se isolou de uma comunidade ou organização maior. Os cliques sociais são comuns; bons exemplos podem ser encontrados em qualquer escola secundária em grupos como atletas, pré-adolescentes, geeks ou nerds. Os cliques tendem a ser isolados e preferem criar limites inflexíveis entre eles e o resto da comunidade à qual estão associados. Cliques raramente têm um foco em trabalho ou projetos.

Um grupo de afinidade é um grupo autônomo de indivíduos que compartilham uma visão particular. Embora a visão possa não ser idêntica entre seus membros, um grupo de afinidade compartilha certos valores e expectativas comuns. Grupos de afinidade surgem de comunidades maiores, seja de ambientalistas em uma bioregião específica ou de membros de um grupo de hip-hop que se apresentam juntos. Quaisquer dois grupos de afinidade que surgem da mesma comunidade podem ter perspectivas, interesses e táticas bastante diferentes. Essa variedade é incomum entre as células. Grupos de afinidade mantêm uma conexão mais forte com suas comunidades de origem e geralmente buscam maneiras de se

conectar a outros grupos de afinidade e organizações nessa comunidade. Dessa forma, diferem de cliques que buscam ser separados. Um grupo de afinidade também pode trabalhar em estreita colaboração com outros grupos fora de sua própria comunidade original.

Os grupos de afinidade têm a vantagem política de serem capazes de criar conexões que unem comunidades diversas. Embora os grupos de afinidade sejam, na maioria das vezes, estruturas fechadas (uma crítica comum feita por “dinossauros”), a maioria dos anarquistas se sente confortável em fazer parte de múltiplos grupos de afinidade. Essas interconexões pessoais entre grupos de afinidade podem promover uma maior afinidade e entendimento entre comunidades diversas e gerar solidariedade substancial. Este é o efeito da “polinização cruzada”. Por exemplo, um membro de um grupo de afinidade de ação direta que também é membro de um coletivo de mídia feminista pode criar oportunidades para ambos os grupos. O coletivo de mídia pode se tornar mais militante, enquanto o grupo de ação direta pode estar mais aberto a práticas e ideias feministas. Em vez de tentar fundir ação direta, mídia e feminismo radical em um supergrupo incontrolável, a ativista pode seguir seus múltiplos interesses em dois grupos que focam em seu interesse principal. Paradoxalmente, esses grupos de afinidade fechados oferecem um espaço seguro e de apoio para que afinidades mais amplas se desenvolvam, criando assim uma rede mais ampla de ajuda mútua, entendimento e apoio.

Embora seja importante reconhecer as limitações contextuais dos modelos de célula e clique, é um erro descartar o grupo de afinidade por ser elitista ou fechado. Os grupos de afinidade oferecem possibilidades enormes para aumentar o número de conexões entre comunidades, permitindo que as pessoas tenham um ambiente de apoio para perseguir seus interesses e afinidades particulares.

Orgulho, Pureza e Projetos

O orgulho anarquista é algo que vale a pena promover em nossos projetos e em nossas vidas. É uma forma de transparência, permitindo que aqueles com quem interagimos saibam, de maneira resumida, o que acreditamos e como nos comportamos. Em suma, é honesto. A pureza anarquista é a sombra sombria do orgulho anarquista. A pureza exige que todos que trabalham juntos compartilhem as mesmas políticas, agendas e comportamentos – não apenas por um determinado tempo ou projeto, mas por toda a vida. Isso cria uma tensão disfuncional e desnecessária de puritanismo político que pode paralisar comunidades e gerar debates absurdos de “mais anarquista do que você”. Esses debates já devastaram as comunidades de direitos dos animais e veganas, para não mencionar ideologias antiquadas como o Cristianismo. As diferenças entre orgulho e pureza são sutis, mas extremamente importantes. Essas diferenças afetam como trabalhamos com os outros e com quem escolhemos passar tempo interagindo.

O orgulho anarquista nos permite trabalhar com indivíduos que apreciam, mesmo que não compartilhem, nossos princípios organizacionais, visões e objetivos. Permite que todos os envolvidos tomem decisões informadas, seja para realizar um evento beneficente juntos ou para ir às ruas lado a lado. No entanto, muitas pessoas que são anarquistas hesitam em divulgar esse fato para os outros. Elas temem que o orgulho anarquista afaste potenciais aliados. Infelizmente, permanecer no armário sobre nossas motivações é paternalista e condescendente, podendo ser uma racionalização fácil para a desonestidade. Esconder nossas identidades como anarquistas presume que outras pessoas não são inteligentes ou perspicazes o suficiente para decidir trabalhar conosco com base em nossa política real. A abertura política permite que todos os grupos compartilhem seus verdadeiros objetivos e interesses. A abertura imuniza coalizões e parcerias contra ressentimentos e mal-entendidos futuros. Se grupos ou indivíduos escolherem não trabalhar conosco porque somos anarquistas, devemos respeitar essa decisão. Isso é melhor do que tentar enganá-los, fazendo-os pensar que somos outra coisa e revelando isso “depois da Revolução” ou após uma ação de rua, conforme o caso. Esforçar-se para criar um diálogo franco e aberto com grupos e indivíduos com os quais desejamos trabalhar é nossa melhor chance de promover uma solidariedade genuína.

À Beira da Comunidade Anarquista

Desde sua infância, o anarquismo (como muitos movimentos sociais internacionais) tem sido definido por sua política. Sem rodeios, somos seres políticos. Os anarquistas têm uma lista clara de inimigos: o Estado, o capitalismo e a hierarquia. Temos uma lista igualmente clara de desejos: ajuda mútua, autonomia e descentralização. Enquanto apostamos que a anarquia proporcionará uma vida melhor do

que os dinossauros, há pouco que impeça o anarquismo de se tornar mais uma ortodoxia: tão ruim quanto o comunismo, o socialismo, o liberalismo, o reformismo, o capitalismo, o mormonismo, ou qualquer outro “-ismo”. Desenvolvimentos nos últimos anos na América do Norte mostraram que a tendência específica ou a marca estreita da política anarquista não são tão importantes quanto as comunidades compartilhadas que estamos criando a partir dessas políticas. Essas comunidades são mantidas juntas por práticas, táticas e cultura. Não precisamos ser uma monocultura. Em vez disso, pense na anarquia como uma ecologia de culturas – como micróbios na placa de Petri ou um protesto nas ruas – algo que exige e prospera com a diversidade.

Como qualquer grupo de amigos que trabalham e vivem juntos, estamos desenvolvendo uma cultura compartilhada, apesar de nossas origens diversas. Cada grupo de anarquistas (incluindo as muitas pessoas que vivem por princípios anarquistas sem jamais terem aberto um livro de Kropotkin, Emma ou CrimethInc.) cria suas próprias práticas e cultura únicas. Estamos cansados de qualquer nova ortodoxia, embora seja isso que as pessoas criadas no Ocidente sejam treinadas para desejar mais: a Próxima Grande Coisa, seja um autor, um programa de TV, um movimento ou qualquer outra coisa que não seja o que estamos fazendo em nossas próprias vidas. Como a cultura pode ser tão fluida, transferível e mutável, isso tem funcionado a nosso favor. Em vez de uma anarquia vinda de cima, ditada por queridinhos da mídia ou especialistas, existem dezenas de versões concorrentes, divergentes e mutantes de anarquia. Este é um desenvolvimento fundamentalmente positivo. A maioria dos anarquistas está feliz com essa flexibilidade e diversidade. A monocultura dos dinossauros pode ser rejeitada em favor de anarquias vibrantes e populares.

A comunidade é algo que os anarquistas reconhecem e buscam. No entanto, o que exatamente essas comunidades deveriam estar fazendo tem sido a causa de muitos debates amargos. Dependendo de quem você perguntar, pode ser uma estação de rádio pirata disponível para um bairro, guerra de guerrilha urbana, uma casa coletiva, incendiar resorts de esqui, um show de jazz ou uma grande manifestação. Essas diferenças levam a argumentos banais que raramente ajudam as culturas ou comunidades que os críticos tanto desejam. Em vez de passar tempo se exibindo no pódio, todos podemos nos dedicar mais a criar alguma forma de sociedades anarquistas dentro da cultura insana em que vivemos atualmente! Essas comunidades de resistência estão acontecendo em todo o mundo por meio da criação de zonas autônomas semi-permanentes como infoshops e jardins comunitários, clínicas gratuitas e fazendas orgânicas, casas coletivas e espaços de performance. Vemos vislumbres de um mundo melhor em zonas autônomas temporárias, como mobilizações e convergências, ocupações e protestos em árvores, festas de rua e banquetes gratuitos. Como criar comunidade é um trabalho árduo, nosso tempo é melhor gasto realmente manifestando e expressando nossas paixões nesses espaços, e não apenas falando sobre elas.

Zonas autônomas são as manifestações físicas das ideias que cresceram tanto nos últimos anos, mesmo que pareçam ser apenas pequenas lojas, bibliotecas em porões e armazéns espalhados pela América do Norte. Estes são os laboratórios e oficinas da anarquia. À medida que nossas redes se expandem, também se expande nossa capacidade de nos comunicarmos uns com os outros. Nossa capacidade de comunicação tem sido extremamente bem-sucedida e prolífica: música, escrita e performance. Dezenas de jornais anarquistas, milhares de zines e alguns livros criaram uma mídia de expressão e dissidência. O que temos hoje é apenas uma gota no oceano em comparação com a máquina de mídia capitalista, mas não devemos tentar competir com eles. A rejeição ao massivo não significa que os anarquistas estão condenados a ser uma minoria pequena e irrelevante pelo resto de nossa existência. É possível que centenas de milhares de coletivos e grupos de afinidade trabalhem juntos em solidariedade e respeito por suas diferenças.

Você Não Pode Explodir um Ecologista Social

A anarquia é baseada no princípio de que líderes não são nem necessários nem desejáveis, mas essa máxima teve pouco impacto na ala autoritária do movimento anti-autoritário! Certos indivíduos (quase sempre homens mais velhos e com barba) desenvolvem seguidores culturais que continuam em um contexto histórico completamente diferente, muito depois de suas mortes. É triste que muitos anarquistas se identifiquem com uma pequena facção ou outra, leiam apenas certas revistas, tentando inutilmente convencer a todos de que sua versão particular da pureza anarquista é o Único Caminho Correto™. Essas ofensas mútuas sobre questões teóricas elevadas, claro, fazem com que menos pessoas fora do gueto

anarquista levem nossas ideias a sério. Os anarquistas não devem se tratar como potenciais inimigos e competidores por algum território cultural ou político, mas como potenciais amigos e camaradas, em necessidade desesperada de pessoas com ideias e estratégias diferentes.

Não somos perfeitos e, assim como qualquer pessoa que escapa de uma experiência traumática, como a sociedade ocidental moderna, a maioria de nós ainda carrega maus hábitos, como dogmatismo, sexismo e paternalismo. Um pouco de compaixão por nós mesmos seria muito útil. A última coisa que nossa comunidade deveria se parecer é com um partido político, com expurgos e disputas de poder; é melhor nos tornarmos uma tribo que cuida de seus membros. A sobrevivência, seja nas savanas da África ou nos centros comerciais dos Estados Unidos, significa cuidar uns dos outros. Antes de nos preocuparmos em alcançar organizações externas, ou as massas despolitizadas da classe trabalhadora, ou qualquer um além de nossas comunidades anarquistas, devemos primeiro aprender a nos relacionar uns com os outros com base na solidariedade, ajuda mútua, compreensão e respeito. A empatia que usamos ao cuidar uns dos outros é a ferramenta mais criativa que temos para engajar o resto do mundo.

Os debates intelectuais insistem que essas facções concorrentes nunca poderiam ter um debate civilizado tomando um café, muito menos trabalhar juntas em um projeto prático, certo? No entanto, é exatamente isso que anarquistas de diferentes origens estão fazendo cada vez mais: trabalhando em projetos comuns. Não precisamos de unidade na teoria, precisamos de solidariedade na prática. Uma vez que reconheçamos e abracemos nossas diferenças coletivas, seremos capazes de espalhar a prática da anarquia por nossas comunidades e pelo mundo. Ir além da política caricatural (coloque uma faixa verde na sua estrela preta, e de repente o anarquismo é reduzido a salvar árvores; coloque uma faixa vermelha, e o anarquismo é apenas sobre a luta de classes) é absolutamente vital. O sectarismo leva diretamente ao autoritarismo, pois, assim que alguém se identifica com a seita anarquista correta, todo o resto está errado. O fundador da ideologia correta inevitavelmente é atribuído com mais poder do que seus futuros seguidores, e a seita reúne suas forças para travar uma guerra santa contra todas as outras marcas do arco-íris anarquista. Não devemos imitar os fracassos de outros esquerdistas. É muito mais fácil atacarmos uns aos outros do que destruir o Estado. As pessoas têm diferentes visões de libertação, e qualquer sociedade anarquista terá uma diversidade de táticas e projetos. Hoje, precisamos de sindicatos anarquistas radicais capazes de parar a máquina incessante, escritores radicais que inspirem e espalhem conhecimento, militantes para lutar contra a polícia nas ruas, e ambientalistas para proteger o que resta da natureza selvagem: em outras palavras, precisamos de mais anarquia!

Nossa Campanha é a Vida

Então, queremos mudar o mundo. Por onde começar? Um banquete de questões e campanhas nos cerca por todos os lados, cada uma clamando por atenção. Devemos lutar para salvar as últimas florestas antigas, ajudar a comunidade empobrecida na esquina, defender os sem-teto, combater o poder branco, enfrentar a brutalidade policial, fechar as fábricas de exploração ou apoiar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil? Os problemas parecem muito maiores do que qualquer pessoa pode compreender. O mundo sofre com mais injustiça e dor do que qualquer indivíduo poderia esperar curar sozinho. Temos que fazer tudo e mais.

Ao nosso redor, há uma infinidade de ideologias oferecendo respostas prontas, seja a última seita dissidente do comunismo ou a consciência Hare Krishna. Para aqueles de nós que têm "mudado o mundo" por muitos anos, é fácil ser cínico em relação ao supermercado de ideologias que o ativista moderno pode comprar. Precisamos encontrar uma maneira de salvar nosso mundo enquanto evitamos respostas fáceis e atalhos falsos.

Concentrar-se em uma única campanha é um beco comum em que os ativistas podem se perder. Cada campanha tenta se vender como a próxima batalha crucial contra O Sistema, onde finalmente se obterão resultados. O inimigo da campanha em particular é frequentemente apresentado como o verdadeiro mestre por trás dos males do mundo, e os inimigos de todas as outras campanhas concorrentes nada mais são do que marionetes. Cada campanha compete por membros em um grupo limitado de ativistas, tirando tempo não apenas de outras causas, mas também da vida diária do ativista, levando ao esgotamento. Cada campanha quer que nos envolvamos nela – será que há uma maneira de lutar por mudanças sem tratar o ativismo como um mercado de justiça? O foco obsessivo em campanhas de uma única questão pode nos levar a tratar causas, e uns aos outros, como objetos com valor específico,

prontos para exibição ou consumo. Quase toda campanha está conectada e é necessária, e temos que vencer todas para realmente realizar algo – vencendo de maneiras que o governo e as corporações nunca verão chegar. A anarquia tem a flexibilidade de superar muitos dos problemas tradicionais do ativismo, concentrando-se na revolução não como outra causa, mas como uma filosofia de vida. Essa filosofia é tão concreta quanto um tijolo sendo arremessado pela janela ou flores crescendo em jardins. Ao tornar nossas vidas diárias revolucionárias, destruímos a separação artificial entre ativismo e vida cotidiana. Por que nos contentar com camaradas e companheiros ativistas quando podemos ter amigos e amantes?

A Abolição da Divulgação

A questão racial tem sido um tema que há muito tempo assusta e confunde os radicais nos Estados Unidos. Anarquistas brancos hoje estão especialmente desanimados com a falta de diversidade racial, especialmente de negros, entre as pessoas que se juntam a eles nas ruas e no trabalho coletivo. Anarquistas brancos têm passado horas incontáveis tentando descobrir “onde estão as pessoas de cor,” seja em uma manifestação antiglobalização ou no seu infoshop local. Ao redor do mundo, a maioria dos anarquistas não são brancos. Nos últimos anos, a comunidade anarquista nos EUA começou a se tornar mais parecida com o resto do mundo: etnicamente e culturalmente diversa. Um número crescente de latinos, asiáticos, árabes e outras pessoas de cor se identificam como anarquistas, mas isso faz muito pouco para aliviar a sensação de que algo está faltando. Não há como negar o fato de que o que mais preocupa os anarquistas brancos não é a falta de latinos ou asiáticos em seus grupos, mas a ausência de negros. Isso pode ser resultado da história cultural racista única dos EUA. A raça é um aspecto essencial da opressão estatal e um pilar do capitalismo explorador. Nenhum desafio revolucionário genuíno ao Estado ou ao capitalismo nos EUA pode ignorar a importância do racismo na manutenção do sistema atual, e tampouco os anarquistas podem. Infelizmente, o tokenismo explorador, as demandas por programas intensivos de divulgação e outros resquícios fracassados da esquerda não tornaram as comunidades anarquistas um espaço acolhedor para os negros.

Apesar da crescente diversidade racial e étnica, ainda persiste o espectro de um movimento anarquista muito branco. Anarquistas brancos muitas vezes ficam tão frustrados com a falta de uma presença visível de negros em projetos anarquistas que se tornam suscetíveis a jogos de poder de indivíduos — anarquistas ou não — que falam em nome das comunidades negras. Muitas vezes, um ativista (geralmente uma pessoa branca especializada em antirracismo) sequestra uma reunião acusando os participantes de racismo. Por medo de serem rotulados como racistas, coletivos inteiros podem ser paralisados por sua incapacidade de atrair (embora o jargão marxista de “recrutar” seria uma palavra melhor) negros para seus projetos. Em outras ocasiões, as questões de raça e as preocupações com a diversidade se degeneraram em acusações gritantes, levando à culpa branca autodestrutiva. Coletivos brancos chegaram até a aliviar sua culpa buscando membros da comunidade negra local para se juntar a eles, em acessos de tokenismo que não beneficiam ninguém.

Incontáveis horas e muitas angústias foram dedicadas a criar uma divulgação eficaz para as comunidades negras. Apesar da quantidade de discussões sobre o fato de que os anarquistas nos EUA são majoritariamente brancos, houve notavelmente pouco progresso em atrair negros para o anarquismo. Alguns grupos se tornaram Testemunhas de Jeová políticas: ativistas brancos indo de porta em porta em comunidades negras, pregando os benefícios do anarquismo. Isso é paternalismo em seu pior nível, assumindo que é o “fardo do anarquista branco” elevar todos os negros aos elevados níveis de nossas crenças políticas. Esse comportamento é especialmente hipócrita quando anarquistas brancos que vivem em comunidades negras empobrecidas criticam outros anarquistas como racistas, enquanto gentrificam bairros inteiros.

Alguns sugeriram amenizar a retórica e os princípios anarquistas, mudar a forma como nos vestimos ou o tipo de música que ouvimos, para não alienar os negros, como se a comunidade negra fosse menos tolerante ou mais conformista do que qualquer outra. Outros sugeriram que devemos trabalhar com organizações autoritárias nas comunidades negras para persuadi-las à causa anarquista. Isso sugere que o autoritarismo é típico das comunidades negras. Isso assume, implicitamente, que apenas os brancos podem realmente apreciar abordagens não hierárquicas de organização e que os negros se afastariam de tais ideias radicais. Essas tentativas, embora muitas vezes sinceras, são paternalistas e sugerem um desrespeito subjacente pelas comunidades negras. Elas ignoram a longa história do antiautoritarismo

negro, desde as revoltas de escravos de Nat Turner até o movimento de Autonomia Negra na década de 1980. Esse paternalismo também mostra uma ignorância notável em relação ao número de instituições autoritárias brancas que se enraizaram nas comunidades negras americanas, desde o cristianismo evangélico até o Partido Democrata.

É absurdo acreditar que as comunidades negras, especialmente aquelas que vivem sob a opressão da brutalidade policial, são tão frágeis a ponto de se alienarem por causa de aparências externas ou gostos musicais. Por exemplo, após os distúrbios de 2002 em Cincinnati, um contingente anarquista planejando tomar as ruas debateu se "usar máscaras" confundiria os negros e causaria mais repressão policial na comunidade local. Esses medos se provaram infundados. Quando os anarquistas mascarados apareceram, um pregador negro local comentou como estava impressionado que os "garotos de Seattle" (palavras dele) haviam vindo para Cincinnati e estavam marchando de mãos dadas com a comunidade local contra a brutalidade policial. Ele até pediu um cartão de visita (!) para entrar em contato com os anarquistas para futuras colaborações. Os anarquistas também mostraram a vários grupos de adolescentes negros como transformar suas camisas em máscaras para que pudessem evitar a repressão policial e não serem identificados. Esse pequeno exemplo ilustra que as comunidades negras estão potencialmente ansiosas para fazer alianças com pessoas de diferentes táticas, roupas e culturas das suas, se a parceria for entre iguais trabalhando em solidariedade uns com os outros. Não deve ser surpresa que as comunidades negras em Cincinnati tenham reagido positivamente aos anarquistas brancos.

No entanto, Cincinnati é apenas uma cidade, e muitos lugares nunca viram interações positivas semelhantes. Alguns ativistas brancos ficaram tão decepcionados com o fracasso da divulgação que rejeitam a atração do anarquismo para pessoas que amam a liberdade, de qualquer cor. Eles afirmam que o anarquismo é simplesmente uma ideologia ocidental desconectada das comunidades de cor e, portanto, nunca será aceita por elas. As pessoas que fazem essa afirmação ignoram, por sua conta e risco, o apelo que o anarquismo tem para muitas culturas não-brancas e não-ocidentais ao redor do mundo. O fato é que a maioria dos anarquistas contemporâneos não são brancos nem ocidentais, e o anarquismo tem sido colorido durante toda a sua existência. Hoje, as comunidades anarquistas ao redor do mundo são excepcionalmente diversas: coletivos tecnologicamente avançados na Coreia do Sul, resistentes militares em Uganda, e grupos indígenas na Bolívia, Brasil e Equador. Infelizmente, para a maioria das pessoas nos Estados Unidos, nossas imagens de anarquia têm sido limitadas principalmente à América do Norte e Europa. Os norte-americanos têm muito a aprender com essas múltiplas e diversas anarquias ao redor do mundo, especialmente como cada uma adapta as ideias básicas do anarquismo às suas necessidades locais urgentes. O anarquismo é tão relevante para a defesa de terras ancestrais por tribos indígenas ou para os distúrbios que varreram comunidades negras após atos de brutalidade policial quanto é para as manifestações antiglobalização ou antigoverno mais familiares.

Há muitas maneiras de os anarquistas alcançarem uma maior diversidade. Uma delas é criar projetos anarquistas melhores e mais abertos. Não precisamos mudar nossa mensagem, nossas roupas ou nossos ideais — que, em qualquer caso, não são limitados a uma classe, raça ou tipo de pessoa específicos. Devemos concentrar nossa energia em construir projetos bem-sucedidos que sejam abertos a todas as pessoas. Alguns dos recursos necessários para iniciar esses projetos virão, inicialmente, de comunidades menos oprimidas, como ativistas brancos ou negros de classe média. Isso não os torna errados, racistas ou de visão curta; isso simplesmente reflete a realidade histórica e cultural da opressão estatal e capitalista. No entanto, os anarquistas podem construir contraestruturas que possam ser usadas por outros (incluindo grupos oprimidos). Relacionamentos de confiança entre diferentes comunidades podem ser construídos, permitindo que esses projetos se tornem mais diversos.

Três elementos-chave para projetos bem-sucedidos são que eles sejam abertos, construídos com afinidade genuína e eficazes para as comunidades envolvidas. Por "abertos", queremos dizer que, independentemente de qual grupo iniciar o projeto, qualquer outro grupo pode utilizá-lo se achar útil. A abertura facilita o uso dessas estruturas por diferentes comunidades, aplicando suas próprias formas de resistência, com suas próprias vozes. Quanto mais bem-sucedido e aberto for um projeto, mais diverso ele se tornará. Pessoas que sofrem maior opressão ou têm menos recursos disponíveis, como dinheiro e tempo, estarão mais dispostas a correr o risco de se juntar a um projeto bem-sucedido. Diferentes comunidades só se comprometerão com projetos que sejam suficientemente abertos (em termos de recursos e possibilidades) para permitirem que os usem à sua maneira.

Então, como exatamente um projeto se torna aberto? Existem várias maneiras comprovadas de aumentar a abertura dos projetos para comunidades externas. A primeira é a transparência. Isso significa não apenas como as decisões são tomadas, mas também todos os aspectos do projeto: quem está envolvido, por que estão envolvidos e quais são seus objetivos. Um projeto deve ser o mais acessível possível, incluindo formas de se conectar com pessoas que falam línguas diferentes do inglês, oferecendo informações e propagandas bilíngues. A última e mais difícil para os grupos é permitir que comunidades externas usem o projeto sem desconfiança ou microgerenciamento. Isso requer confiança mútua.

Uma livraria de anarquistas pode convidar adolescentes negros interessados em hip-hop para usar o espaço para eventos de microfone aberto. Se o projeto for genuinamente aberto, a participação dos "hip-hoppers" permitirá que a livraria cresça e evolua de novas maneiras, além das intenções originais de seus iniciadores. Os fundadores de uma livraria radical provavelmente não teriam sido capazes de desenvolver um espaço para o hip-hop, mas quando os jovens utilizam o local, ele se expande e enriquece ambos os grupos. Quando há confiança e respeito mútuo, a livraria pode se tornar um espaço real para diálogo entre as comunidades e o início de uma confiança mútua.

Os jovens interessados em hip-hop, que não têm acesso a um local para eventos, podem querer usar a livraria com mais regularidade. Se o coletivo da livraria deseja ser aberto, eles devem ser transparentes, explicando aos jovens para que o espaço é usado, como começou e quais são seus objetivos. Essa transparência permite que os jovens tomem uma decisão informada sobre se o propósito da livraria e seus próprios objetivos são compatíveis. Novamente, grupos explicitamente anarquistas devem ser honestos sobre suas políticas para evitar mal-entendidos no futuro. Nenhum grupo deve precisar esconder suas intenções ou políticas para trabalhar em conjunto. A livraria também deve ter uma maneira fácil e acessível para que os jovens usem o espaço. A maioria dos grupos depende de reuniões mal divulgadas e exclusivas para tomar decisões. Os externos podem ficar confusos e intimidados por esses tipos de estrutura. Para ser aberto, a livraria pode oferecer algo tão simples quanto uma ficha de inscrição na vitrine. As expectativas de ambos os grupos devem ser esclarecidas desde o início, para que não haja confusão ou mal-entendidos mais tarde. Ser observado de maneira crítica pelos "protetores" do espaço durante um evento nunca é agradável e só leva ao ressentimento. A livraria deve confiar nos jovens o suficiente para que eles organizem seus próprios eventos com o mínimo de interferência possível dos membros do coletivo. Isso permitirá que os jovens vejam o local e seu evento como algo deles, criando um senso de valor para o projeto como um todo. Um evento de hip-hop é apenas um exemplo: cidades diferentes têm populações e necessidades diferentes, sejam elas trabalhadores diários tentando se organizar ou estudantes planejando uma greve.

A abertura permite afinidades genuínas. Assim como as pessoas, grupos e projetos compartilharão afinidades naturais. Por exemplo, o Movimento Indígena Americano organiza seu protesto anual contra o Dia de Colombo em Denver com a ajuda de anarquistas particularmente militantes do Colorado. Esses dois grupos compartilham uma história e um compromisso com a ação direta. Esses grupos desenvolveram suas próprias políticas de forma independente, mas compartilham uma afinidade em relação a questões e táticas que os tornam fortes aliados. Às vezes, essas alianças surgem organicamente, como quando o Ação Anti-Racista, formado principalmente por jovens anarquistas brancos, se aliou com somalis locais em Lewiston, Maine. A chegada de nazistas uniu esse par improvável. Para muitos anarquistas, foi a primeira vez trabalhando em solidariedade com somalis, e muitas pessoas da comunidade somali nunca pensaram que teriam algo em comum com anarquistas. Afinidade, nesse caso, expulsar os nazistas, é um laço muito mais forte do que a simples busca genérica por diversidade, que escolhe alianças com base apenas na raça.

Nossos projetos também devem ser eficazes, e isso pode levar mais tempo e esforço do que a abertura e a afinidade. Não podemos esperar projetos diversos da noite para o dia. Em meados dos anos 1980, uma estação de rádio pirata foi iniciada por técnicos de informática e punks em um barco em Milwaukee. Eles começaram com uma mistura de música punk e relatórios políticos. Ativistas da Universidade de Milwaukee se envolveram quando perceberam que um número crescente de estudantes estava ouvindo a estação ilegal. Os estudantes usaram a rádio para promover seu ativismo no campus e trouxeram uma inclinação mais política à estação. Cinco anos depois, em 1991, um grupo de mães de famílias que dependiam de auxílio governamental começou a utilizar a estação para educar as pessoas sobre suas questões. Antes que a FCC fechasse o barco, a estação havia criado um formato improvável de punk rock,

política de campus e organização comunitária. Essa aliança eficaz foi construída lentamente ao longo de vários anos. Os estudantes e as mães decidiram usar a estação porque era aberta e compartilhava suas afinidades, mas, o mais importante, porque era uma ferramenta eficaz para fazer suas vozes serem ouvidas. Muitas estações de rádio pirata são iniciadas por indivíduos com tempo, recursos e habilidades técnicas. Como as estações piratas são ilegais, elas muitas vezes oferecem alguns riscos. Uma comunidade oprimida com poucos recursos disponíveis pode pensar duas vezes antes de gastar seu tempo e trabalho arriscando-se à prisão quando tem necessidades mais urgentes. Uma estação pirata aberta, como a de Milwaukee, permite que pessoas com pouco tempo e recursos compartilhem de seus benefícios. Novos programas podem ser desenvolvidos, e se a estação for eficaz como meio de comunicação, será utilizada por outros para promover suas próprias causas. O aumento do uso da estação expandirá e moldará sua voz, tornando-a indubitavelmente mais diversa e eficaz.

Há também exemplos reversos de rádio pirata. Da mesma forma que ativistas brancos podem iniciar um projeto que os não brancos podem utilizar, pessoas de cor podem iniciar um projeto que mais tarde atrairá anarquistas brancos. Os jardins comunitários do LowerEastSide e do Bronx são um exemplo de projetos iniciados por latinos da classe trabalhadora. Os jardins foram bem-sucedidos e abertos, e começaram a atrair ativistas brancos que ajudaram a fortalecê-los e protegê-los. Os dois grupos também compartilhavam uma afinidade: o desejo por espaços verdes e autonomia comunitária. Na última década, centenas de jardins foram cultivados, ocupados, invadidos e defendidos por ativistas militantes de diversas origens. Mesmo que a cidade de Nova York tenha destruído dezenas de jardins para abrir caminho para a gentrificação, a luta pelos jardins comunitários continua a ser um exemplo brilhante de diversidade e abertura.

Se somos sérios sobre tornar nossas comunidades, culturas e coletivos mais racialmente diversos, então devemos ser sérios sobre nossos projetos. Devemos construí-los com grande paixão e dedicar o tempo necessário para nutri-los. Devemos ser vigilantes para mantê-los abertos e capazes de evoluir à medida que novas pessoas com objetivos semelhantes se aproximam. Pegar as horas de divulgação malsucedida e levá-las de volta para as nossas mãos enriquecerá nosso trabalho e fortalecerá nossos coletivos. Esse tempo também pode ser usado para aprender sobre outras culturas e encontrar maneiras de criar relacionamentos saudáveis. Quando convidados, anarquistas brancos podem apoiar as iniciativas de pessoas de cor. Anarquistas de todas as cores podem transformar a paralisia debilitante da culpa branca em um compromisso apaixonado com projetos abertos que pessoas de qualquer raça, etnia ou origem possam participar livremente e se engajar. Anarquistas devem abandonar o conceito mofado de recrutamento e focar em criar projetos úteis e inspiradores, abertos a todos e a qualquer um. Abordar honestamente a questão racial nos ajudará a construir comunidades de resistência mais saudáveis e diversas.

A Coragem é Contagiosa

Existe um mito sagrado entre alguns anarquistas que diz que punks, jovens viajantes e semelhantes alienam as massas. Alguns acreditam sinceramente que, se apenas apresentarmos uma imagem bem cuidada, séculos de propaganda anti-anarquista evaporarão sob a luz de nossos sorrisos saudáveis. Patches, tatuagens, piercings, máscaras, roupas pretas e até mesmo a palavra “anarquia” foram culpados pela apatia percebida que a maioria dos americanos sente em relação às questões pelas quais estamos lutando. Alguns argumentam que há individualismo demais em nossas comunidades. Essas críticas ignoram as forças que a comunidade anarquista realmente possui.

Se esperamos ter um impacto real em nossas comunidades e no mundo exterior, devemos nos concentrar na inspiração, em vez de nos preocupar com a alienação. O objetivo de derrubar o Estado e acabar com o capitalismo é impossível sem desafiar as tradições e hábitos da vida das pessoas comuns; não devemos fingir que SUVs ou opções de ações farão parte de nossas vidas futuras. A anarquia sempre foi uma aposta de alto risco e probabilidades impossíveis; e permanecer ativo ano após ano exige astúcia, compromisso e coragem. Poucos de nós são ousados o suficiente para lidar com os poderes esmagadores dos dinossauros sozinhos. A coragem individual não cria culturas de resistência. Precisamos cultivar nossa coragem coletiva e construir comunidades heroicas. Devemos ser os bárbaros à porta, não uma horda de clones inofensivos.

Comunidades Heroicas

É irônico que a maior benesse para a anarquia na percepção pública dos EUA nas últimas décadas tenha sido a tática do Black Bloc. As mesmas pessoas – punks, viajantes, ativistas ecológicos e outros desajustados – que os otimistas do anarquismo alegariam que estão enfraquecendo o Movimento, inspiraram um grande aumento na atividade anarquista nos Estados Unidos. Os Black Blocs de Seattle, Washington, Cidade de Quebec (e outros lugares) inspiraram as pessoas; eles foram corajosos e sua solidariedade foi heroica. Suas ações ressoaram não apenas entre os jovens, mas também com muitos outros segmentos da sociedade, desde a comunidade negra desprivilegiada em Seattle até a juventude empregada de Quebec. Enquanto somos constantemente informados de que os americanos convencionais temem o uso da violência, os descontentes e excluídos compreendem o impulso de destruir propriedades, mesmo que isso signifique um trator sendo dirigido através de um McDonald's!

Houve inúmeras comunidades heroicas das quais podemos tirar inspiração, enquanto trabalhamos para criar mais delas ao redor do globo hoje. Oferecemos esses exemplos não para glorificar o passado, mas para simplesmente mostrar que isso já foi feito antes e será feito novamente. Essas comunidades heroicas são bastante únicas, mas estão conectadas por seus efeitos práticos e dedicação. Cada uma dessas comunidades heroicas liberou a imaginação de suas respectivas eras e, assim, inspirou segmentos improváveis de suas sociedades a se juntarem a elas na luta.

Embora atualmente seja da moda criticar os jovens viajantes, esses vagabundos modernos são os descendentes sociopolíticos dos indivíduos que levaram os Estados Unidos perto de uma revolução popular em grande escala — os Trabalhadores Industriais do Mundo. Esses militantes pegavam trens de costa a costa, organizando todos os grupos étnicos e setores possíveis em redes autônomas e interconectadas de ajuda mútua. Embora eles promovam a criação de “Um Grande Sindicato”, um conceito que dependia da massa para vencer os capitalistas, foram seus atos individuais e coletivos de solidariedade que inspiraram seus contemporâneos e ainda nos inspiram hoje. Quando cada (homi) mulher é um organizador, a descentralização e a ajuda mútua são rápidas em seguir. Os Trabalhadores Industriais do Mundo não se preocuparam com a violência; eles mantiveram sua posição contra a Guarda Nacional, os Pinkertons, a Legião Americana, as turbas e até mesmo as forças. Agora que grande parte da infraestrutura industrial fugiu para o exterior, sendo substituída por empregos temporários no setor de serviços, talvez seja necessário um Ex-Trabalhadores Pós-Industriais de Todos os Mundos.

A maior de todas as guerrilhas não foi realizada em Cuba, China ou mesmo na querida velha Rússia, mas no improvável país de champanhe e patê de fígado de ganso. Os anarquistas negligenciaram a Resistência Francesa em favor das heroicidades da Espanha e de várias guerrilhas do Terceiro Mundo. O Maquis francês, junto com a resistência antifascista em quase todos os países sob o jugo nazista, foi capaz de inspirar milhares de donas de casa, leiteiros, professores, intelectuais, artistas e quase todos os segmentos da sociedade. O que é fascinante sobre a comunidade heroica do Maquis francês é o quão mundanas eram as vidas dos heróis em comparação com suas façanhas secretas. A inteligência Aliada rejeitou oficialmente o Maquis como um “grupo político ineficaz e desorganizado de hooligans” enquanto os colaboradores em Vichy se esforçavam para explicar ao Reich como a produção militar e a aplicação da lei haviam sido “seriamente prometidas” por esses “peixeiros e ex-estudantes.” Essas comunidades de resistência, organizadas em unidades autônomas na França (e em outros lugares), confiaram no “meio de inspiração” para espalhar sua mensagem, uma vez que todos os canais de propaganda estavam sob controle nazista. Eles conseguiram dar nova vida ao cansativo slogan de “Propaganda pela Ação.”

Para cada sabotador no Maquis, havia dezenas de camaradas que garantiam moradia segura, comida, dinheiro e armas, arriscando consideravelmente suas vidas e as de suas famílias. Esses apoiadores secretos espalharam a ideia de resistência em conversas discretas em cafés e por cima de cercas de vizinhança. Tudo isso foi feito sob o domínio da força policial repressiva mais eficiente da história: a Gestapo. Os atos heroicos de sabotagem do Maquis, que eles chamavam de “Atos Livres”, acenderam as chamas da desobediência entre a população, efetivamente fazendo com que muitos franceses comuns se tornassem uma quinta coluna atrás das linhas fascistas. Cada Ato Livre criava um contágio inspirador e até a Gestapo relatou: “É quase impossível impedir que os camponeses comuns falem sobre esses [Atos Livres] nos bares. Parece criar uma atmosfera de resistência em lugares inesperados.

Hoje, temos coalizões de curta duração como os "Tartarugas e Teamsters de Seattle", mas nada se compara à improvável aliança entre escravos fugitivos, nativos habitantes de

pântanos e camponeses mexicanos conhecida como a Nação Seminole. É errado considerar a Nação Seminole uma coalizão no sentido moderno. Em vez disso, ela criou uma fusão cultural que incorporou aspectos linguísticos, sociológicos e políticos de todos os três grupos para formar uma comunidade única de resistência cuja existência se estendeu desde antes da criação dos Estados Unidos até bem após a Guerra Civil. Os Seminoles inspiraram medo entre soldados britânicos, o governo federal dos EUA, os escravocratas, os rangers do Texas, tribos nativas americanas hierárquicas e o exército mexicano. Eles não apenas tiveram sucesso em frustrar seus inimigos, mas também forneceram uma fonte de esperança para aqueles que fugiam de tribos autoritárias e do horror da escravidão. Como isso foi possível em uma época anterior à mídia de massa? A resposta é simples: os atos heroicos dos Seminoles e sua resistência militante inabalável os tornaram lendas em suas próprias vidas. Sua reputação motivou povos oprimidos a se envolverem em atos igualmente heroicos, como fugir de seus senhores escravocratas e viajar centenas de milhas como fugitivos para se juntarem a essa nova comunidade. O que é tão fascinante sobre essa tribo única é que eles continuaram sua resistência por muito mais tempo do que muitas outras tribos nas Américas e, argumentavelmente, com mais sucesso do que até mesmo os Índios das Planícies. Eles sonharam com uma terra própria e lutaram para garanti-la contra muitos inimigos.

Esses são apenas alguns exemplos de comunidades heroicas negligenciadas pelos anarquistas, mas há muitos mais. Existem exemplos a serem extraídos dos marinheiros franceses da Primeira Guerra Mundial, piratas do Caribe e do Norte da África, revoltas de escravos no Novo Mundo, os Diggers ingleses, os fervorosos marinheiros da congelada Kronstadt e muitos mais cujas histórias foram apagadas dos livros de história. Apesar de suas diferenças geográficas e históricas, eles compartilham uma série de características comuns, embora nenhum grupo provavelmente contivesse todas essas características. Primeiro, eles enfatizam a comunidade como um todo em vez da personalidade de um porta-voz. Segundo, a comunidade é aberta: a forasteiros, novas ideias e táticas inovadoras. Terceiro, a comunidade desenvolve sua própria cultura híbrida e única de resistência descentralizada. Finalmente, essas comunidades tornam a mudança radical o coração de suas táticas, mensagem e cultura.

Do Maquis aos Seminoles, é difícil encontrar líderes nessas culturas de resistência. Os governos não entendem a resistência sem líderes e frequentemente criam ridiculamente falsos líderes e mentores. Famosamente, os governos dos EUA e do México tentaram retratar Wild Cat, um brilhante guerreiro e estrategista, como o líder dos Seminoles. Ele rejeitou qualquer status desse tipo e disse: “Falo por mim mesmo, pois sou livre. Cada um dos outros também fala por si. Somos um coro de vozes livres que afogará suas mentiras.” Da mesma forma, o Maquis francês se recusou a enviar líderes para negociar com o governo de Vichy ou com os Aliados. Frustrados, ambos os governos ungiram De Gaulle como o “líder”, apesar do fato de que ele realmente fugiu da França para a Inglaterra. A resistência sem líderes foi tanto uma necessidade tática quanto política para essas comunidades heroicas e continua sendo para as que criamos hoje.

As comunidades heroicas tendem a não erguer fronteiras inflexíveis entre elas e o resto do mundo; em vez disso, são abertas a forasteiros e a ideias externas. Elas se destacam por sua natureza flexível quando comparadas às sociedades contra as quais estão em oposição. A partir desse fluxo de pessoas de várias origens com ideias diferentes sobre o que desejam da vida, as comunidades heroicas criam culturas sustentadoras e nutridoras. Esses grupos híbridos possuíam uma abertura igualitária que criou espaço para novas ideias e táticas se desenvolverem rapidamente. Eles buscavam criar uma nova sociedade livre e estavam dispostos a lutar efetivamente por ela. Rejeitaram a centralização tática, recusando-se a alinhar suas forças em um campo contra forças governamentais numericamente superiores e melhor equipadas. Em vez disso, utilizaram a flexibilidade e a inovação de grupos de afinidade autônomos (células, equipes e bandos) trabalhando em conjunto. Essas comunidades se recusaram a diluir seus ideais ou suavizar suas táticas para ganhar apoio popular.

Sua mensagem visava intimidar seus inimigos, não aumentar o recrutamento. Eles atraíram pessoas precisamente porque eram genuínas; estavam oferecendo mudanças reais e significativas.

Já podemos ouvir os gritos dos críticos: “Mas todos eles falharam!” E, tristemente, esses críticos estão parcialmente certos. Nenhuma dessas comunidades de resistência continua hoje em uma forma reconhecível: os Seminoles são mais conhecidos por seus cassinos e os Wobblies hoje são uma sombra de seus predecessores. No entanto, durante seu auge, essas comunidades heroicas criaram os tipos de relacionamentos e resistência feroz que a maioria de nós aspira hoje. Em vez de colocá-los no lixo da história como fracassos interessantes ou adorá-los, podemos aprender com seus métodos e erros. A coragem é contagiosa. Nosso desafio é ter confiança suficiente para formar comunidades heroicas aqui e agora, porque a liberdade é universal como o mundo que todos habitamos e tão diferente quanto cada um de seus habitantes.

**Propaganda pela Necessidade,
Propaganda pela Ação!**

Até os Anjos e Cães Usam Máscaras

(Contado a Crimethlnc. Mercenária Regina de Bray)

E então o pequeno rato viu o pequeno pedaço de queijo, o leite e o pequeno peixe, tudo o que ele queria estava na pequena cozinha, e ele não conseguia chegar lá porque o pequeno gato não permitia. E então o pequeno rato disse “Basta!” e pegou uma metralhadora e atirou no pequeno gato.

— “A História do Pequeno Rato e do Pequeno Gato,” uma história infantil zapatista.

Seja Realista...

No fundo, a anarquia é ajudar seus amigos sem nenhum objetivo maior além da sua amizade – nós, anarquistas, chamamos isso de ajuda mútua. Embora pareça fácil, todos os poderes existentes nos desencorajam a ajudar nossos amigos. Como os capitalistas gostariam, o mundo é um lugar frio e desolado, onde todos se cumprimentam como potenciais concorrentes e inimigos, porque simplesmente não há o suficiente para todos. Não há o suficiente de tudo – não há dinheiro suficiente, não há tempo suficiente, não há comida suficiente, não há amor suficiente – e em breve, não haverá nem mesmo ar ou água limpa suficientes. Em um mundo assim, quem pode se dar ao luxo de ter amigos? A única maneira de banir esse pensamento disfuncional é sair pelo mundo e desprová-lo com a sua própria vida. É exatamente isso que nos propomos a fazer.

Exijam o impossível!

Às vezes, nunca conhecemos nossos amigos. Apenas ouvimos sobre eles, lemos sobre eles, ouvimos sua música e, não importa quão distantes pareçam, sentimos um vínculo que milagrosamente atravessa espaço e tempo. Um dia, uma vizinha me disse que os zapatistas, uma rebelião indígena armada que ocupou as manchetes do noticiário global no dia da ratificação em 1994 do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), apreciariam alguns computadores e outras ajudas gerais.

Olhei para ela nos olhos e disse: “*Estarei lá o mais rápido possível.*” E eu quis dizer isso. A revolta dos zapatistas inspirou o mundo inteiro e, embora nunca os tivéssemos conhecido pessoalmente, nem tivéssemos ido a Chiapas, se eles precisassem de algo e estivesse ao nosso alcance conseguir, certamente tentaríamos. Como a maioria dos americanos percebe, a sociedade ocidental é tão desperdiçadora que você pode encontrar diariamente coisas perfeitamente boas jogadas fora. Muitos de nossos amigos aproveitaram essa extravagância fazendo “dumpsterdiving”. Normalmente, o “dumpsterdiving” se limita apenas a comida encontrada em lixeiras, mal suficiente para alimentar nossas barrigas famintas e sobras para o FoodNotBombs. No entanto, os ricos jogam computadores no lixo como se fossem pão velho assim que o modelo mais novo sai, apesar do fato de que milhões adorariam usá-los. Então, decidimos buscar alguns computadores em lixeiras e de alguma forma fazer nosso caminho até Chiapas. Nada poderia ser mais fácil.

Havia vários problemas, o primeiro sendo a severa falta de computadores. Nunca fomos os tipos de deixar que algo tão sombrio quanto a realidade contivesse nosso entusiasmo, então começamos a rezar

aos sempre volúveis espíritos patronos dos ladrões e andarilhos para que nos entregassem computadores funcionais. Logo após completarmos nossos rituais sombrios, vários computadores se manifestaram para responder às nossas orações. Descobrimos que um grupo de ativistas estava disposto a doar alguns computadores antigos que haviam recebido de um grupo sem fins lucrativos. Infelizmente, estávamos em Boston, recuperando de mais uma protesto de rua anarquista, e os computadores estavam na Costa Oeste! Sem medo, um alegre grupo de companheiros se uniu à ocasião para levar suprimentos necessários e boa vontade ao México.

Com poucos pertences e – como sempre – sem dinheiro, viajamos de carona pelo Ártico, fazendo nosso caminho até a Costa Oeste apenas com um grande pacote de aveia, que prontamente doamos a uma família indígena que encontramos pelo caminho, que estava fazendo “carona” para Seattle. Pegamos os computadores dos amigáveis e descolados ativistas da Costa Oeste e percebemos, para nossa decepção, que sem um automóvel, não tínhamos como transportá-los pela rua, muito menos até Chiapas. Novamente, nossa falta de planejamento parecia nos condenar! Não podíamos fazer “carona” ou viajar de trem com eles, e nossa fiel van estava presa em Boston.

Felizmente, uma pequena horda de primitivistas estava passando, a caminho do Arizona, em uma turnê para promover a destruição da civilização. Embora raciocinássemos que os computadores certamente se enquadravam na categoria da civilização, assim que explicamos nosso plano, eles se ofereceram para ajudar. Apesar da ironia de sua situação, o grupo de anarquistas primitivistas estava mais do que disposto a nos ajudar e, por sua vez, aos zapatistas, amarrando os computadores ao topo de sua van, levando-os um passo mais perto de seu destino final.

Em busca de nossa van há muito perdida, conseguimos uma carona pela Califórnia e Arizona, financiada puramente por uma orgia de roubo de combustível e golpes, até que outros membros de nossa desgastada equipe conseguissem levar a van (carregada com ainda mais computadores que pegamos pelo caminho de um trabalho clandestino em uma conhecida corporação de Washington, D.C.) para nossa base secreta nos subúrbios de Atlanta e prepará-la para a viagem. A van, repleta de anarquistas, começou sua lenta jornada, quebrando um eixo e quase capotando devido ao peso dos computadores. Um dos computadores foi trocado pelo caminho a um mecânico de carro por um eixo usado no Mississippi, e continuamos nossa odisseia.

Chegamos ao Arizona, pegamos os computadores dos anarquistas verdes e encontramos outro obstáculo. A fronteira em si parecia intransponível. Afinal, você não deve atravessar a fronteira com uma van cheia de computadores e não esperar ter perguntas feitas pelos guardas da fronteira! Felizmente, fomos ajudados por um grupo de quakers em colaboração com um sindicato de trabalhadores de fábricas exploradoras mexicanos que manobram os produtos através da fronteira sem problemas. Depois de dar vários computadores ao sindicato, dirigimos para Chiapas triunfantes. O feito verdadeiramente notável foi que fizemos isso com poucos recursos além de nossa maníaca situação de desemprego e a lenda dos zapatistas. Isso só aconteceu graças à ajuda de jovens anarquistas primitivistas encapuzados, um desiludido gerente médio de D.C., um mecânico do Mississippi, trabalhadores de fábricas exploradoras mexicanos e pacifistas idosos: uma rede de amigos capaz de fazer o impossível por uma rebelião indígena armada. Por meio da ajuda mútua, ajudamos a criar uma rede de amigos que cruzou todo um continente. A única pergunta é: e agora?

“Após a jornada, eu estava sentado com um bloco de notas na mão, anotando as placas dos carros da polícia e dos caminhões militares enquanto passavam pela vila zapatista. Acima de mim estava o que era, em um tempo, uma igreja, e agora era algo completamente diferente. Pois enquanto a igreja estava cheia de imagens de anjos, esses anjos de pele marrom tinham bandanas cobrindo seus rostos. E onde normalmente teria havido uma imagem de Cristo ou pelo menos da Virgem Maria, havia a Virgem de Guadalupe com uma máscara segurando uma arma como uma criança. Perguntei a Manuel, um local zapatista atarracado cuja função era deixar apenas amigos passarem pelo portão e que teve a boa vontade de suportar meu espanhol quebrado, por que os anjos tinham máscaras. Ele disse: “Até os anjos têm máscaras – eles são anjos zapatistas.” Como todas as comunidades autônomas que visitei, havia uma matilha de cães magros vivendo na periferia da cidade correndo, evidentemente fazendo travessuras. “Ahh...” comecei a brincar, “de quem são esses cães?” Manuel respondeu: “Esses são perros autônomos, até os cães são zapatistas.” Perguntei a ele por que eles não estavam usando máscaras. “Todos nós temos

máscaras. Os anjos, os cães, o milho, a Virgem Maria, as crianças, os idosos – todos nós temos máscaras. Às vezes não estamos usando-as, mas as máscaras estão sempre lá.

Infraestrutura pelo prazer de fazer!

Na última década, houve muitas discussões apaixonadas entre anarquistas sobre a necessidade de infraestrutura na América do Norte. Apesar desse profundo desejo por uma infraestrutura explicitamente anarquista, houve pouca atividade coletiva ou mesmo visões claras sobre como isso poderia se concretizar.

A infraestrutura parece grande demais para se pensar, quanto mais para ser realizada. Quando pensamos em infraestrutura, coisas como transporte, redes de comunicação, energia, esgoto e habitação vêm à mente. Ou então imaginamos gigantescos projetos de obras públicas que custam milhões de dólares, exigem o trabalho de milhares de pessoas e muitas vezes levam décadas ou mais para serem concretizados. Não é de admirar que a maioria de nós esteja paralisada pela ideia de infraestrutura! Pior ainda, essa paralisia leva a uma grande dose de ceticismo sobre a possibilidade de uma sociedade anarquista prosperar. No entanto, existe um tipo diferente de infraestrutura, que é pequena, gratuita e festiva — uma infraestrutura muito alienígena em relação à maciça infraestrutura de dinossauros ao nosso redor hoje. O que estamos buscando é uma contraestrutura que nos permita viver não apenas fora, mas contra a infraestrutura atual.

A contraestrutura acontece sem nem mesmo planejá-la. Ela é insidiosa e se infiltra em nossos projetos com passos de gato. A contraestrutura cresce organicamente em reação ao ambiente físico imediato e aos eventos atuais, razão pela qual o FoodNotBombs (FNB) é tão popular na América, mas não em um país como a Escócia, onde existem muitas cozinhas comunitárias e programas de assistência governamental. O FNB, em particular, possui uma qualidade de anarquismo popular porque é mais do que apenas uma infraestrutura para atender necessidades imediatas; ele empodera todos os que participam em suas relações genuínas baseadas na ajuda mútua.

A mulher sem-teto (ou sem lar, dependendo de sua perspectiva) que vem ao FoodNotBombs em busca de comida gratuita tem a oportunidade de começar a cozinhar com o grupo e se empoderar. Após um curto período de tempo, ela pode se tornar parte integrante de todo o empreendimento e de outros projetos também. Esse processo é exatamente o oposto das cozinhas comunitárias patrocinadas pelo governo (ou igreja) que imobilizam pessoas famintas, transformando-as em consumidores passivos que recebem doações de funcionários que funcionam como produtores especializados. O FoodNotBombs é apenas um dos vários desenvolvimentos de contraestrutura em nossa cultura já existentes: infoshops, espaços livres, Indymedia, serviços de internet, coletivos de saúde e medicina, e cooperativas de alimentos. Embora a atual infraestrutura anarquista esteja longe de ser perfeita (definitivamente precisamos de alguns bons cirurgiões anarquistas!), ela existe fora dos livros didáticos e do pensamento ilusório. Ao contrário da infraestrutura opressora de dinossauros, a verdadeira força da contraestrutura anarquista reside em sua capacidade de inspirar outros a replicar e expandir-se.

Não há uma cabala mestra organizando os mais de trezentos FoodNotBombs ou um gênio louco organizando as dezenas de Indymedias ao redor do mundo. Todos nós podemos ser os Johnny e Jane Appleseeds da contraestrutura anarquista. Fazemos isso colhendo boas ideias e estratégias de todo o mundo e replicando-as no nível local. E enquanto nossas paixões e ideias devem ser ousadas, também devemos nos inspirar em nossas vitórias diárias. As pessoas precisam se sentir encorajadas a começar pequeno, percebendo que a infraestrutura gera mais infraestrutura.

Se seu bairro tem pessoas famintas, não se preocupe em obter uma licença de organização sem fins lucrativos do Estado, procurar um lugar para alugar ou decidir como uma despensa de alimentos será administrada. Comece pequeno. Junte alguns amigos, procure alimentos que você não precisa ou pode substituir facilmente, e prepare uma refeição. Faça uma festa com comida gratuita para quem quiser, levando uma sacola de sanduíches para o parque ou o metrô e distribuindo-os. Talvez todos ao seu redor estejam cansados das notícias corporativas. Acesse o Indymedia ou o Infoshop, pegue um post ou item de notícias, imprima cópias e distribua durante seu intervalo para o almoço para discutir. Se não houver lugar para uma reunião, abra sua casa, ocupe uma mesa na biblioteca ou encontre-se em um parque.

A beleza da infraestrutura em pequena escala é que ela é participativa. Ela não apenas fornece um serviço necessário (comida, espaço, água, transporte, etc.), mas é diretamente responsável pela

comunidade que atende e também permite que as pessoas aprendam habilidades umas com as outras: ela se baseia nas necessidades da comunidade e nos recursos e habilidades locais já presentes. Essa é a vantagem subjacente da infraestrutura descentralizada: ela reúne ajuda mútua e a ética do faça você mesmo de uma maneira que empodera tanto os participantes quanto os beneficiários, borrando a linha entre produtor e consumidor: em vez de ser um mero serviço, a infraestrutura descentralizada realmente empodera aqueles que atende enquanto pode responder imediatamente às necessidades em mudança da comunidade.

Por que os anarquistas deveriam gastar seus recursos e energia limitados trabalhando em infraestrutura quando existem outros projetos que precisam ser realizados? Por que criar contraestruturas enquanto há protestos a organizar, instalações de arte a preparar, bandas para assistir e manifestos a serem escritos? Qual é o valor político de percorrer as ruas em uma van velha levando senhoras a um CSA local para um saco de nabos? Por que abrir um serviço de babá gratuito enquanto a nação se prepara para outra guerra insana? Qual poderia ser o possível motivo político para abrir e reformar uma ocupação para algumas famílias quando mais de 35.000 pessoas estão dormindo nas ruas de nossa cidade? Quem se importa com um zine mal copiado quando a maioria dos americanos obtém suas notícias de magnatas da televisão? Não há coisas melhores que deveríamos estar fazendo como anarquistas?

Em resumo, a resposta é um retumbante “Não”. Essas “coisas mais importantes” são impossíveis sem uma infraestrutura anarquista viável. Não se pode parar uma guerra, fechar uma reunião do FMI ou criar uma sociedade livre e igualitária sem uma infraestrutura descentralizada eficaz. A boa notícia é que essa infraestrutura permite que você seja mais eficaz em suas lutas contra a Guerra, o Estado e todo o sistema capitalista. Para colocar as pessoas nas ruas, devemos garantir que haja também abrigo: comida, assistência legal, comunicação e serviços médicos nas ruas. Não somos apenas seres políticos, mas animais de carne e osso que precisam de comida, água, um lugar para descansar a cabeça e saúde para se envolver em trabalho social e político.

A infraestrutura não é algo que apenas grandes burocracias podem fornecer. Durante a maior parte da história registrada, os humanos atenderam às necessidades de suas comunidades sem instituições hierárquicas e coercitivas. A sociedade é complexa, mas isso é principalmente resultado da tendência das autoridades a acumular poder e riqueza. Quanto mais infraestrutura anarquista explicitamente tivermos, mais tempo, energia e recursos teremos para travar uma resistência séria. Por essas razões, construir essa infraestrutura é um trabalho político e cultural significativo. Existem muitas habilidades, materiais e ideias inexplorados em nossas comunidades se estivermos dispostos a procurá-los.

Para Sir, com uma Granada

“Motim é a consciência da guerra” — Grafite comum dos soldados nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial

Nosso futuro não acabou e, para muitos de nós, o presente nem mesmo começou. Se aceitarmos apenas as histórias oficiais dos livros didáticos do ensino médio, não teremos razão para tratar o passado como algo além de mais uma mão morta que nos pesa. Mas a história pode ser uma memória cultural viva que pode ser lembrada e reexperimentada. Podemos desafiá-la em novas frentes e, quando não for mais necessária, abandoná-la.

Que tipo de histórias os anarquistas podem procurar? Bem, elas se escondem nos lugares mais estranhos. A história não é nada mais do que a soma das experiências coletivas do mundo, e nós fazemos parte dela tanto quanto qualquer coisa em um livro de história. Se conseguirmos descobrir as vozes que foram esmagadas pelas histórias oficiais, lendo entre as linhas e nas entrelinhas dos textos oficiais, podemos descobrir juntos uma história que vale a pena lembrar. Nosso grupo de pesquisa local desenterrou uma história de resistência encontrada nos ambientes mais autoritários e inesperados: o militar.

“Motim: (v.) Rebelião contra a autoridade legal” — Dicionário Webster

A história do motim é uma história de rebelião consciente contra a hierarquia militar. O estudo do motim é muito mais instrutivo do que o estudo das cansativas vitórias imperiais dos estados e de seus exércitos assassinos. Desde o primeiro motim documentado contra Júlio César por conscritos gauleses há mais de dois mil anos, os motinados desempenharam um papel importante em conter os sonhos absolutistas e militaristas de aspirantes a imperadores. Motins ocorreram em todas as grandes guerras

em todos os continentes. Existe um fio inegável que conecta os motinados ao longo da história às nossas lutas modernas — uma rejeição da autoridade totalitária e uma feroz demanda por liberdade.

Os motins não são meros atos aleatórios de soldados descontentes; os motins são levantes políticos. Eles vão desde a rejeição do imperialismo cultural britânico pelos muçulmanos no Motim dos Sepoys, soldados negros lutando contra seus superiores racistas no USS Chicago, imigrantes não pagos que se levantaram contra a União durante a Guerra Civil dos EUA, marinheiros anarquistas rejeitando a tirania comunista durante o famoso Levante de Kronstadt, até a queima de quartéis por soldados maltratados nos Motins de Papua de 1999 e 2002.

A maioria dos escritos sobre motins vem de relatórios militares oficiais e transcrições de tribunais. Apesar desses relatórios tendenciosos, as autoridades não podem negar ou apagar por que os motins por tanto tempo impediram generais de ter uma noite de sono tranquila. O “conflito” no Vietnã foi marcado por motins em larga escala contra o exército dos EUA. Quando um soldado americano no Vietnã matou um oficial superior, o termo “fragging” começou a ser utilizado. Embora o termo simplesmente significasse que uma granada de fragmentação foi usada no assassinato, mais tarde se tornou um termo abrangente para tais ações. Centenas ou milhares de “fraggings” ocorreram durante o Vietnã, mas o número preciso é incerto. O Dr. Terry Anderson, da Universidade Texas A&M, escreveu: “O próprio Exército dos EUA não sabe exatamente quantos... oficiais foram assassinados. Mas sabe que pelo menos 600 foram assassinados, e depois tem mais 1400 que morreram de forma misteriosa. Consequentemente, no início de 1970, o exército estava em guerra não com o inimigo, mas consigo mesmo.” Muitos pacifistas argumentariam a favor de ficar fora do exército, mas ativistas com a coragem de espalhar suas ideias nas fileiras e a coragem de colocar uma bala na cabeça de um oficial poderiam ser potencialmente tão eficazes quanto mais uma manifestação pela paz em Washington, D.C. Diversidade de táticas, de fato.

Os motinados do Vietnã eram mais sofisticados do que seus ancestrais, tanto em seu uso de mídias quanto em estruturas não hierárquicas para fomentar o motim. Na melhor das contagens, havia pelo menos 144 jornais clandestinos publicados em ou direcionados a bases militares dos EUA neste país e no exterior. Esses jornais não eram meros boletins de reclamações que zombavam da tradição “BeetleBailey” contra os oficiais, mas chamadas inteligentes e apaixonadas por resistência. “No Vietnã”, escreve o Ft. Lewis McChordFree Press, “os Lifers, os Brass, são o verdadeiro inimigo, não o Viet-Cong.” Outro jornal da Costa Oeste aconselha os leitores: “Não desertem. Vão para o Vietnã e matem seu oficial comandante.” Eles até desenvolveram proto-infoshops diretamente nas bases militares nos EUA e no exterior. Em 1971, havia pelo menos 11 (alguns pesquisadores militares sugerem até 26) “cafés” anti-guerra nas bases que forneciam aos soldados música rock, café barato, literatura anti-guerra, dicas de como desertar e conselhos semelhantes, enquanto serviam para organizar resistências mais profundas dentro das forças armadas.

Toda essa agitação e organização não levaram apenas a jornais, infoshops e ao frequente fragging de oficiais, mas também à séria incapacidade dos EUA de conduzir a guerra no Vietnã. Em 1970, o Exército tinha 65.643 desertores, ou aproximadamente o equivalente a quatro divisões de infantaria, e um aumento anual de 12% na Taxa de Deserção/Recusa (DRR). Apesar de ter algumas das leis mais repressivas, uso liberal de execuções e um aumento de 230% no número de Oficiais da Polícia Militar, o Exército dos EUA estava inicialmente impotente para parar o motim crescente em suas fileiras. Além das deserções em massa e fraggings específicos, os soldados usaram sabotagem para desestabilizar o militar. Um caso famoso envolveu marinheiros que danificaram um porta-aviões de tal forma, despejando água do mar nos computadores, removendo porcas de parafusos e até inundando os tanques de lastro, que teve que ser afundado antes de deixar San Francisco.

Para parar uma insurreição em larga escala, o Departamento de Defesa, através das divisões de Inteligência e Propaganda, interveio durante o verão de 1971 com seu novo “frente cultural” Eles fizeram os oficiais deixarem crescer costeletas, começaram a ensinar aulas sobre música pop atual, produziram zines “contraculturais” brilhantes e abriram Clubes Patrióticos que não apenas serviam café e álcool baratos, mas também se especializavam em heroína. O exército no Vietnã, uma vez um terreno fértil de resistência contra a autoridade militar, foi re-domesticado através de drogas que entorpecem e da chamada cultura alternativa. Os motinados perderam seu ímpeto e a guerra terminou com uma queda nas taxas de desertão/recusa (DRR), menos fraggings e menos sabotagem militar.

O exército aprendeu sua lição. Hoje, os EUA contam com um exército totalmente voluntário, tecnologia superior e aliados estrangeiros que são facilmente coagidos e não precisam voltar para casa em sacos de corpo para as mães americanas. O exército aprendeu que a cultura era uma ferramenta mais poderosa do que os fuzilamentos. Assim como o exército aprende com seus erros, os anarquistas que desejam desmantelar o militarismo também devem aprender.

A RAND Corp., um dos neurônios mais inteligentes do cérebro do moderno dinossauro, sugere que a força inerente do motim nos dias de hoje reside “na força de um modelo descentralizado. Motinados, sem líderes e sem quaisquer ganhos tangíveis além de desabafar um profundo ressentimento, são especialmente imunes a estruturas tradicionais de controle”. O relatório, baseado em motins recentes na República da Geórgia e nos motins da fracassada invasão do Afeganistão pela Rússia, continua dizendo que os motinados são imunes à propaganda patriótica tradicional e a chamados para o serviço civil. O relatório sugere que os motinados também podem “infectar” as populações civis com “falsa bravura” e o “princípio do coitado”, levando a “desafios substanciais a outras formas de autoridade [não militar]” A RAND sugere que iniciativas como a “Frente Cultural” do DoD de 1971 podem precisar ser estendidas para “bases de recrutamento em [comunidades civis] ... onde a disciplina adequada pode ser gerenciada antes que o recruta assine os papéis no escritório de recrutamento do bairro”.

O que o relatório da RAND perde é que os motinados não são realmente diferentes das populações civis. Eles são em sua maioria conscritos, pessoas de cor e pobres. Essas são as pessoas consideradas mais dispensáveis pela elite do poder. Todos os motins têm a ver com sobrevivência e justiça, e isso ressoa com todos aqueles que sentiram o peso da opressão, independentemente de seu papel específico na máquina militar.

Motim não é revolução. É um ato, ou uma série de atos, que toma uma ação direta contra a opressão para se livrar do capitão. Para não-soldados, qualquer forma de autoridade legal pode ser considerada “o capitão”, seja um policial, um professor ruim ou seu chefe autoritário. Ao contrário da imagem da gloriosa Revolução, os motins ocorrem no ambiente imediato em pequena escala, sem muita consideração sobre o que acontece após o motim. Em lugares onde a opressão é esmagadora, como no campo de batalha, os motinados são frequentemente oportunistas ou espontâneos, sem qualquer motivação política específica além da mais importante: a sobrevivência. Essas revoltas são anárquicas por natureza: elas rejeitam a autoridade da maneira mais visceral e concreta. Os motins são microambientes onde as pessoas rejeitam as regras, rejeitam líderes nomeados e qualquer outra pessoa que tenha tomado o controle.

Uma diferença vital entre as pessoas comuns e os motinados é que os motinados são uma força altamente armada, servindo como o ponto-chave do poder do Estado. Se isso pode acontecer em um dos santuários mais importantes do Estado, então pode acontecer em qualquer lugar. Se levarmos a diversidade de táticas a sério, da próxima vez que o Estado iniciar uma guerra, além de fazer um sinal de paz ou realizar um seminário, poderíamos contemplar a possibilidade de entrar para o exército!

Revolta como rebelião contra a autoridade na vida cotidiana

Hoje, poucos nos EUA são literalmente forçados a servir nas forças armadas. Em vez de recrutas, o Estado possui uma força mercenária composta pelos mais pobres e oprimidos de nosso país, pessoas de cor e os pobres. Essas são pessoas que, sob outras circunstâncias, seriam nossos irmãos e irmãs em armas contra o Estado. Mais de um bilhão de dólares é gasto anualmente pelas Forças Armadas dos EUA em comerciais chamativos, recrutamento escolar e outras formas de manipulação sofisticada para enganar os mais pobres e menos educados de nossa população, fazendo-os sacrificar suas liberdades e vidas para impor a ordem imperial.

Desde antes da Segunda Guerra Mundial, o Estado tem sido sofisticado em usar a cultura contra nós para controlar nossas vidas. Existe um risco inerente, como apontaram o RAND e outros, em usar grandes forças armadas para manter o controle da população: ou seja, dar armas a possíveis amotinados

e insurrecionistas. Hoje, para aqueles fora do exército, a baioneta da Primeira Guerra Mundial para manter os soldados na linha foi substituída pelo chefe e líder sindical para manter os trabalhadores subjogados. No entanto, a rebelião persiste na resistência das pessoas ao trabalho compulsório nos Estados Unidos, mesmo que tal resistência seja dispersa ou fervendo apenas sob a superfície. Contudo, os dias de militância trabalhista não estão necessariamente presos ao passado. Em vez de contar com sindicatos modernos subservientes, os trabalhadores têm lutado de volta. O local de trabalho tem sido o cadinho de uma série de motins cotidianos, desde greves selvagens, expropriação de materiais, sabotagens e até mesmo deserção em massa (como os abandonos de postos de trabalho). Quando esses atos são realizados em solidariedade com outras lutas, como os estivadores que paralisaram os portos de toda a Costa Oeste durante os protestos contra a OMC, a revolta se torna uma poderosa arma contra capitalistas e o Estado.

Onde mais a revolta pode ocorrer? Nossas escolas têm uma agenda mal disfarçada de doutrinação para a criação de bons trabalhadores e consumidores mais passivos. A despromoção militar foi substituída pelo registro permanente do ensino médio. Contra a maré, os estudantes têm estado em vários estados de revolta desde pelo menos a década de 1960, quando estudantes do ensino médio de Berkeley derrubaram seus professores e transformaram três escolas em zonas autônomas. Em 2002, mais de 20.000 estudantes da cidade de Nova York, em sua maioria adolescentes negros e latinos dos bairros, desertaram suas escolas de ensino médio e fundamental para levar suas queixas às ruas. Durante a Segunda Guerra do Golfo, estudantes de toda a Grã-Bretanha entraram em greve, bloqueando estradas de forma militante e envergonhando seus pais velhos com seu compromisso com a ação direta e a autonomia genuína. Hoje, milhares de jornais e zines undergrounds enchem os corredores e mentes dos rebeldes. É apenas uma questão de tempo até que a próxima onda de revolta desafie os sistemas escolares ao redor do mundo.

O castigo foi substituído pelo sistema de justiça criminal. O sonho adiado que é a América pode ser mal contido por essas várias prisões, tanto sociais quanto literais. Attica é apenas a mais conhecida das revoltas prisionais; houve centenas na memória recente. Em todos os lugares nos gulags da América, os prisioneiros estão se armando com livros, círculos de discussão e a paixão de viver livres em um ambiente totalitário. Os prisioneiros se tornaram mais militantes nos últimos anos, organizando-se em círculos de estudos e outros grupos de ajuda mútua. No ambiente miserável das prisões, ainda há sinais de resistência, como mostram os esforços dos prisioneiros para criar sindicatos e se educar.

Não se engane, a autoridade legal — mesmo em seus disfarces civis — é tão repressiva e perigosa quanto o autoritarismo militar. A revolta nunca terminou. Devemos estar dispostos a nos levantar contra qualquer autoridade que esteja disposta a jogar fora nossas vidas e paixões em nome do imperialismo, consumismo ou patriotismo. Quando a interminável "Guerra ao Terror" orwelliana militarizou a vida cotidiana nas cidades e subúrbios, todos nós podemos ser amotinados. As pessoas já estão desertando de seus locais de trabalho, escolas e shoppings em números cada vez maiores. Quando a deserção não é uma opção, a sabotagem se torna uma necessidade.

Podemos recusar as ordens dos líderes políticos e dos lobbies corporativos de Wall Street. Em vez disso, vamos focar nossa energia na criação de novas formas de comunicação, publicando uma propaganda ainda mais apaixonada e construindo mais infraestruturas e espaços autônomos. Se somos trabalhadores, estudantes, desempregados ou prisioneiros, somos especialistas em nossa própria opressão. Está em nosso poder desertar das lojas que vendem nossas vidas a preços baixos, sabotar os locais de trabalho que escravizam não apenas nossos corpos, mas também nossas mentes, e romper com a dogma mortificante de nossos sistemas escolares. Mira não apenas em sargentos, mas em CEOs, MBAs, FCCs, ADAs e qualquer outra pessoa que deseje regimentar sua vida! Devemos ser corajosos o suficiente para nos amotinar contra a frente cultural em marcha dos elites, seja ela na forma da MTV, Starbucks ou "moda alternativa". No passado, os amotinados estavam armados com suas granadas, suas baionetas e seus M-16s; hoje estamos armados com nossos desejos, nossa inteligência, um bolso cheio de pedras e... talvez mais.

O Fim da Arrogância Descentralização na Organização Anarquista

Por tempo demais, os projetos anarquistas têm sido mal administrados por fantasias arrogantes de massa. Adotamos inconscientemente a crença estatista, capitalista e autoritária de que "maior é melhor" e que devemos adaptar nossas ações e grupos a esse fim. Apesar de nossas compreensões intuitivas de que grandes organizações raramente realizam mais do que pequenos grupos coesos trabalhando juntos, o desejo por massa permanece forte. Precisamos reexaminar como organizamos projetos para despertar do pesadelo da superestrutura que leva inevitavelmente à burocracia, centralização e trabalho anarquista ineficaz. Este artigo sugere algumas ideias sobre como os anarquistas podem rejeitar a armadilha da massa e reinventar a nós mesmos, nossos grupos e nosso trabalho: desde atividades comunitárias locais até grandes mobilizações revolucionárias. A rejeição das organizações de massa como a única forma de organização é vital para a criação e redescoberta de possibilidades de empoderamento e trabalho anarquista eficaz.

A Tirania da Estrutura

A maioria das estruturas de massa é resultado de hábito, inércia e da falta de crítica criativa. O desejo por massa é aceito como um senso comum da mesma forma que é 'senso comum' que os grupos devem ter líderes ou que devem tomar decisões por votação. Até mesmo os anarquistas foram enganados ao aceitar a necessidade de superestruturas e grandes organizações em nome da eficiência, da massa ou da unidade. Essas superestruturas tornaram-se um emblema de legitimidade e muitas vezes são os únicos canais pelos quais os forasteiros, sejam da mídia, da polícia ou de outros esquerdistas, podem nos compreender. O resultado é uma sopa de letrinhas de mega-grupos que em grande parte existem para se propagar e, tristemente, fazem pouco mais do que isso. Infelizmente, não apenas fomos enganados ao aceitar superestruturas como o local preponderante de nosso trabalho: muitos de nós concordamos voluntariamente, porque a promessa de massa é sedutora.

Grandes coalizões e superestruturas tornaram-se a moeda do reino não apenas para grupos de esquerda em geral, mas também para empreendimentos anarquistas. Elas apelam para as fantasias arrogantes dos ativistas em relação à massa: o impulso autoritário de liderar (ou pelo menos fazer parte de) um grande grupo de pessoas que reforçam e legitimam nossas ideologias e crenças profundamente arraigadas. Mesmo nossas melhores intenções e sonhos mais ousados são frequentemente ofuscados por visões da multidão vestida de preto invadindo a Bastilha ou a sede do FMI.

O preço do sonho arrogante da massa é assombrosamente alto e os retornos prometidos nunca chegam. Superestruturas, que incluem federações, redes centralizadas e organizações de massa, exigem energia e recursos para sobreviver. Elas não são máquinas de movimento perpétuo que produzem mais energia do que a que é investida nelas. Em uma comunidade de recursos e energias limitados como a nossa, uma superestrutura pode consumir a maior parte desses recursos e energias disponíveis, tornando o grupo ineficaz. Organizações não governamentais tradicionais têm ilustrado recentemente essa tendência. Grandes organizações como o Exército da Salvação costumam gastar 2/3 de seus recursos (e até mesmo quantias maiores de seu trabalho) apenas para manter sua existência: oficiais, alcance, reuniões e aparições públicas. Na melhor das hipóteses, apenas 1/3 de sua produção realmente vai para seus objetivos declarados. A mesma tendência se replica em nossas organizações políticas.

Todos nós sabemos que a maioria das grandes coalizões e superestruturas tem reuniões extremamente longas. Aqui está um exercício valioso: da próxima vez que você se sentir entediado em uma reunião longa demais, conte o número de pessoas presentes. Em seguida, multiplique esse número pela duração da reunião: isso lhe dará o número de horas-pessoa dedicadas a manter a organização viva. Considere o tempo de viagem, o tempo de alcance e a propaganda envolvida na promoção da reunião e isso lhe dará uma estimativa aproximada da quantidade de horas ativistas consumidas pela boca insaciável da superestrutura. Após essa visão de pesadelo, pare e visualize quanto trabalho real poderia ser realizado se essa imensa quantidade de tempo e energia fosse realmente gasta no projeto em questão, em vez do que é tão inocentemente chamado de 'organização'.

Afnidade ou Morte

Não apenas as superestruturas são desperdícios e ineficientes, mas também exigem que hipotecamos nossos ideais e afinidades. Por definição, as coalizões buscam criar e impor agendas. Essas não são meramente agendas para uma reunião específica, mas prioridades maiores sobre que tipo de trabalho é

importante. Dentro de grupos não anarquistas, essa priorização frequentemente leva a uma hierarquia organizacional para garantir que todos os membros do grupo promovam a agenda geral.

Um exemplo comum é o papel da pessoa da mídia ou "porta-voz" (e quase sempre é um homem), cujos comentários são aceitos como a opinião de dezenas, centenas ou às vezes milhares de pessoas. Em grupos sem uma linha partidária ou plataforma, definitivamente não deveríamos aceitar qualquer outra pessoa falando por nós — como indivíduos, grupos de afinidade ou coletivos. Enquanto as ilusões das estrelas da mídia e dos porta-vozes são meramente irritantes, as superestruturas podem levar a cenários com consequências muito mais graves. Em mobilizações ou ações em massa, as táticas de toda uma coalizão são frequentemente decididas por um pequeno grupo de pessoas. Muitos dos desastres de mobilizações recentes podem ser claramente atribuídos à centralização da informação e das decisões táticas em um pequeno núcleo de indivíduos dentro da coalizão/organização maior (que pode incluir dezenas de coletivos e grupos de afinidade). Para os anarquistas, tal concentração de influência e poder nas mãos de poucos é simplesmente inaceitável.

Há muito tempo é um princípio orientador da filosofia anarquista que as pessoas devem se envolver em atividades com base em suas afinidades e que nosso trabalho deve ser significativo, produtivo e prazeroso. Este é o benefício oculto da associação voluntária. É arrogante acreditar que membros em uma grande estrutura, que novamente pode contar com centenas ou milhares de pessoas, deveriam ter todas afinidades e ideais idênticos. É arrogante acreditar que, por meio de discussão e debate, qualquer grupo deve convencer todos os outros de que sua agenda particular será significativa, produtiva e prazerosa para todos. Devido a essa situação quase impossível, as organizações dependem da coerção para fazer suas agendas serem aceitas por seus membros. A coerção não é necessariamente física (como no Estado) ou baseada em privação (como no Capitalismo), mas baseada em algum senso de lealdade, solidariedade ou unidade. Esse tipo de coerção é o comércio da vanguarda.

As organizações gastam uma quantidade significativa de seu tempo em reuniões tentando convencê-lo de que suas afinidades são desleais à organização maior e que seus desejos e interesses o impedem ou o afastam da solidariedade com algum grupo ou outro. Quando esses apelos falham, a organização rotulará suas diferenças como obstrutivas ou quebrando a "unidade" — o fantasma da eficiência. A unidade é um ideal arrogante que é frequentemente usado contra grupos que se recusam a ceder sua autonomia a uma superestrutura maior.

Muitos anarquistas cujo trabalho principal é realizado em grandes organizações muitas vezes nunca desenvolvem suas próprias afinidades ou habilidades e, em vez disso, realizam trabalhos com base nas necessidades das superestruturas. Sem grupos de afinidade ou trabalho coletivo próprio, os ativistas se tornam amarrados aos objetivos políticos abstratos em massa da organização, o que leva a uma ineficiência ainda maior e ao "burnout" sempre presente, que é tão epidêmico em grandes coalizões e superestruturas.

Liberdade, Confiança e Verdadeira Solidariedade

"Toda Liberdade é baseada na Confiança Mútua"

— Sam Adams

Se buscamos uma sociedade verdadeiramente liberada na qual possamos florescer, também devemos criar uma sociedade de confiança. Policiais, exércitos, leis, governos, especialistas religiosos e todas as outras hierarquias são essencialmente baseados na desconfiança. Superestruturas e coalizões imitam essa desconfiança básica que é tão comum e prejudicial na sociedade mais ampla. Na grande tradição da Esquerda, grandes organizações hoje sentem que, devido ao seu tamanho ou missão, têm o direito de micromanipular as decisões e ações de todos os seus membros. Para muitos ativistas, esse sentimento de ser parte de algo maior do que eles mesmos promove uma lealdade à organização acima de tudo. Esses são os mesmos princípios que fomentam o nacionalismo e o patriotismo. Em vez de trabalhar através e construir iniciativas e grupos que nós mesmos criamos e que estão baseados em nossas próprias comunidades, trabalhamos para uma organização maior com objetivos diluídos, esperando convencer outros a se juntarem a nós. Esta é a armadilha do Partido, do grupo de três letras e da grande coalizão.

Em grandes grupos, o poder é centralizado, controlado por dirigentes (ou certos grupos de trabalho) e distribuído, como seria feito por qualquer organização burocrática. De fato, uma grande parte de suas energias é dedicada a proteger esse poder de outros na coalizão. Em grupos que tentam atrair

anarquistas (como coalizões anti-globalização), essa centralização de poder é transferida para certos grupos de trabalho de alto perfil, como "mídia" ou "táticas". Independentemente de como parece por fora, as superestruturas promovem um clima em que minúsculas minorias têm influência desproporcional sobre os outros na organização.

Como anarquistas, devemos rejeitar todas as noções de poder centralizado e acúmulo de poder. Devemos ser críticos de tudo que exige o realinhamento de nossas afinidades e paixões para o bem de uma organização ou princípio abstrato. Devemos proteger nossa autonomia com a mesma ferocidade com que a superestrutura deseja nos despojar dela.

A ajuda mútua tem sido há muito tempo o princípio orientador pelo qual os anarquistas trabalham juntos. O paradoxo da ajuda mútua é que só podemos proteger nossa própria autonomia confiando nos outros para serem autônomos. As superestruturas fazem o oposto e buscam limitar a autonomia e o trabalho baseado em afinidade em troca de explorar nossas fantasias arrogantes e distribuir poder. A descentralização é a base não apenas da autonomia (que é a marca da liberdade), mas também da confiança. Para ter liberdade genuína, devemos permitir que os outros se engajem em seu trabalho com base em seus desejos e habilidades enquanto fazemos o mesmo. Não podemos reter poder deles ou tentar coercioná-los a aceitar nossa agenda. Os sucessos que temos nas ruas e em nossas comunidades locais quase sempre vêm de grupos trabalhando juntos: não porque são coagidos e sentem-se obrigados, mas por ajuda mútua genuína e solidariedade.

Devemos continuar a encorajar os outros a fazer seu trabalho em coordenação com o nosso. Em nosso trabalho anarquista, devemos nos reunir como iguais: decidindo por nós mesmos com quem desejamos formar grupos de afinidade ou coletivos. De acordo com esse princípio, cada grupo de afinidade seria capaz de trabalhar individualmente com outros grupos. Essas alianças podem durar semanas ou anos, para uma única ação ou para uma campanha sustentada, com dois grupos ou duzentos. Nossa queda ocorre quando a organização maior se torna nosso foco, e não o trabalho para o qual foi criada. Devemos trabalhar juntos, mas apenas com status igual e sem força externa, nem do Estado, nem de Deus, nem de alguma coalizão, determinando a direção ou a forma do trabalho que fazemos. A confiança mútua nos permite ser generosos com a ajuda mútua. A confiança promove relacionamentos em que burocracias, procedimentos formais e grandes reuniões promovem alienação e atomização. Podemos nos permitir ser generosos com nossas energias e recursos limitados enquanto trabalhamos com os outros porque esses relacionamentos são voluntários e baseados em um princípio de igualdade. Nenhum grupo deve sacrificar sua afinidade, autonomia ou paixões pelo privilégio de trabalhar com os outros. Assim como somos muito cuidadosos com quem trabalharíamos dentro de um grupo de afinidade, não devemos nos oferecer para nos juntar a uma coalizão com grupos com os quais não compartilhamos confiança mútua.

Podemos e devemos trabalhar com outros grupos e coletivos, mas apenas com base na autonomia e na confiança. É imprudente e indesejável exigir que um grupo específico concorde com as decisões de todos os outros grupos. Durante as manifestações, esse princípio é a base da filosofia da "diversidade de táticas". É bizarro que os anarquistas exijam diversidade de táticas nas ruas, mas depois sejam coagidos por apelos à "unidade" nessas grandes coalizões. Não podemos fazer melhor? Felizmente, podemos.

Descentralização Radical: Um Novo Começo

Então, vamos começar nosso trabalho não em grandes coalizões e superestruturas, mas em pequenos grupos de afinidade. Dentro do contexto de nossas comunidades, a descentralização radical do trabalho, projetos e responsabilidades fortalece a capacidade dos grupos anarquistas de prosperar e realizar o trabalho que melhor lhes convém. Devemos rejeitar a ideia padrão de que superestruturas ineficazes e tirânicas são o único meio de realizar o trabalho e devemos fortalecer e apoiar os grupos e coletivos de afinidade existentes. Que sejamos tão críticos em relação à necessidade de grandes federações, coalizões e outras superestruturas quanto somos em relação ao Estado, à religião, às burocracias e às corporações. Nossos sucessos recentes desafiaram a crença de que devemos fazer parte de alguma organização gigante "para que algo seja feito". Devemos levar a sério os milhares de projetos de DIY anarquistas que estão sendo realizados ao redor do mundo fora das superestruturas. Vamos às reuniões como iguais e trabalhar com base em nossas paixões e ideais, e então encontrar outros com quem compartilhamos esses ideais. Vamos proteger nossa autonomia e continuar a lutar por liberdade, confiança e verdadeira solidariedade.

A anarquia funciona!

Todo poder aos grupos de afinidade!

DIY Metr pole

Modelos Anarquistas de Cidade

“Pode ser romântico buscar os remédios para os males da sociedade em ambientes rústicos e lentos, ou entre provincianos inocentes e intocados, mas isso é uma perda de tempo. Alguém supõe que, na vida real, as respostas para as grandes questões que nos preocupam hoje v o surgir de assentamentos homog neos?”

— Jane Jacobs

Muitos anarquistas, assim como pelo menos metade da popula o mundial, vivem em cidades. Realisticamente, muitos anarquistas se organizam nas cidades, trabalham nas cidades, fazem amor nas cidades — e amam nossas cidades. No entanto, há pouca análise real sobre como seria uma cidade anti-autoritária, se tal coisa é sequer possível, e como ela poderia funcionar. Muitos anarquistas acreditam que as cidades são inerentemente hierárquicas e, portanto, devem ser completamente eliminadas, mas eles pouco refletem sobre como a realo a o de bilhões de pessoas poderia ser realizada sem hierarquias coercitivas, ou qual seria o impacto desse  xodo maciço no campo rural.

Outros, como Murray Bookchin e seus devotos Municipalistas, acreditam que povoados modelados na cidade medieval — ou pior, um modelo baseado nas cidades escravagistas da Grécia Antiga — seriam o habitat anarquista ideal. Este conceito de pequenas comunidades foi revisitado inúmeras vezes ao longo da história do pensamento anarquista. Esses partidários dos modelos de pequenas cidades desejam controlar o tamanho e o caráter da cidade para criar um espaço urbano de casa de boneca, com setores discretos e posi es compartimentadas. Ideias semelhantes já foram colocadas em prática por Ebenezer Howard nas Cidades-Jardim da Inglaterra, ou mais recentemente com o modelo de novo urbanismo. Elas geralmente resultaram em ambientes pseudo-urbanos estéreis, segregados, homog neos, como Celebration, na Flórida, e Kentlands, em Maryland.

Embora as críticas aos pastoralistas, municipalistas, primitivistas, Fourieristas e outros sejam muitas vezes corretas em seus detalhes, elas perdem o ponto central de por que mais da metade da popula o mundial   atraída por espaços urbanos. Elas ignoram a vida dinâmica da cidade e a natureza caótica da existência urbana, que cria não apenas problemas, mas também novas formas de experiências. Elas negligenciam a possibilidade, a excita o e a liberdade de viver na cidade. Mesmo que alguns anarquistas tenham desistido da cidade, metade do mundo não o fez.

Nos últimos dois séculos, a discussão sobre o futuro das cidades tem sido dominada por especialistas que, implicitamente, odiavam as cidades. Vários teóricos urbanos e políticos (de todo o espectro político) reinventaram a cidade ao neutralizá-la. A visão de Le Corbusier de um ambiente urbano limpo, livre de doenças, perfeitamente regulado, o sonho de Lênin de uma metrópole cooperativa industrial onde os trabalhadores viveriam comunalmente ao lado de seu trabalho em um estilo funcional e monótono, e o plano de Hitler e Albert Speer para Berlim como uma capital etnicamente “purificada” e perfeitamente obediente não são a mesma coisa; mas as distin es não são tão vastas quanto se poderia pensar. Pierre Charles L’Enfant, o planejador de Washington D.C., disse que o design da capital com planos tão regulares poderia parecer bom no papel, mas no terreno eles se tornam “cansativos e insípidos”. Mesmo reformadores anarquistas do século XIX, como Charles Fourier, eram viciados em controle, mesmo que tivessem algumas fantasias divertidas. O planejamento urbano utópico se imaginou como uma sublime máquina de mudança social: ao mudar as condi es físicas de uma coisa imperfeita, uma cidade, eles poderiam criar pessoas perfeitas. Suas teorias no papel transformaram algumas das maiores cidades do mundo em pesadelos de concreto. Eles se recusam a abordar o problema do poder, porque ninguém pode planejar ou projetar sozinho sem aceitar uma posi o de poder. Autoridade hierárquica e autoridade arquitet nica são uma s , e devem repelir tanto os anarquistas amantes das cidades quanto os urbanistas amantes da anarquia.

Há muito pouco escrito por anarquistas sobre alternativas à hierarquia das cidades. Existem alguns livros e artigos decentes sobre ocupantes (squatters) na América do Norte e na Europa, mas eles são insuficientes. Acreditamos que existem mais modelos urbanos anarquistas, inovadores e testados, que já existem em lugares improváveis. Estes são os barracos nas periferias de nossos maiores e mais dinâmicos centros urbanos.

A cidade já está sendo remodelada de maneiras não hierárquicas, não por legiões de urbanistas ou teóricos políticos, ou mesmo por punhados de ocupantes, mas por milhões de homens e mulheres comuns do Sul Global. Catalisados pela necessidade e pelo desejo, uma ética do faça-você-mesmo cresceu nos maiores e mais empobrecidos centros metropolitanos do mundo. Os moradores dessas favelas, ou borgate, como são várias vezes chamados, estão entre as populações que mais crescem no mundo. Um relatório global da ONU sobre assentamentos humanos em 1986 apontou que entre um terço e mais da metade dos moradores da maioria das grandes cidades dos países em desenvolvimento vivem nesses tipos de assentamentos informais. Temos muito a aprender com esses modelos organicamente organizados de vida urbana que já existem.

Embora seja verdade que o estimado um bilhão de pessoas vivendo em assentamentos informais esteja cercado por uma série de problemas que ameaçam a vida, como saneamento precário, falta de assistência médica, acesso inadequado a recursos básicos e má nutrição, a maioria desses problemas é causada pela pobreza esmagadora imposta a eles pelas políticas neoliberais do mundo "desenvolvido". Apesar desses obstáculos econômicos e políticos quase intransponíveis, mais e mais pessoas escolhem voluntariamente reconstruir as cidades do mundo. O que é ainda mais impressionante é que eles estão usando muitos dos princípios que os anarquistas defendem, incluindo associação voluntária, descentralização, sustentabilidade, democracia direta, ajuda mútua, troca de presentes e a ética do faça-você-mesmo. Eles fizeram isso enquanto abraçavam um desenvolvimento orgânico e caótico que, em muitos lugares, levou a um ativismo político eficaz e a uma resistência ativa contra os poderes do Estado e do capitalismo.

Nossas informações vêm de várias fontes, incluindo relatórios de ONGs, antropólogos, urbanistas, ativistas políticos, nossas próprias visitas a esses lugares e, mais importante, das próprias pessoas que vivem nesses barracos. O mito de que os barracos são lugares superlotados, perigosos e depravados, onde as pessoas vivem como animais enjaulados, simplesmente não se sustenta com as experiências dos pesquisadores e das pessoas que vivem nesses lugares. Vamos nos aprofundar nos becos das favelas e entrar em suas casas faça-você-mesmo; veremos outra forma de reinventar a cidade — uma que se parece com a anarquia.

ASSOCIAÇÃO VOLUNTÁRIA

O mito mais duradouro sobre as favelas é que seus habitantes são forçados a viver ali devido à necessidade econômica. Embora seja verdade que as famílias se mudam para as favelas na esperança de melhorar sua condição econômica, para muitos essa não é a única razão, ou nem mesmo a principal. Antropólogos nas principais borgatas de Lima descobriram que as pessoas escolhiam viver nas favelas porque estavam entediadas com suas pequenas aldeias rurais e buscavam escapar das tradições culturais e sociais limitantes da vida nas montanhas. Um sentimento semelhante foi ecoado entre os moradores de favelas em Gana, que afirmaram que havia mais oportunidades para escapar dos casamentos arranjados, da má educação e das escolhas limitadas de carreira no interior. Os Roma (Ciganos) na Bulgária mudaram-se de áreas rurais para favelas nas grandes cidades para evitar os frequentes preconceitos violentos de seus vizinhos provincianos. Ou, como disse um ocupante em uma favela nos arredores de Hong Kong, "Há mais liberdade na cidade. Posso ser eu mesmo."

As pessoas não estão migrando para as cidades apenas por razões econômicas: há, na verdade, liberdade ao viver na cidade, a possibilidade de indivíduos se reinventarem. Nas grandes cidades, muitas vezes há uma tolerância cultural que não existe em pequenas cidades, áreas rurais ou nos subúrbios, por assim dizer. Alguns se juntam nas cidades em grupos grandes o suficiente para garantir segurança. Outros migram para a densidade da cidade em busca de oportunidades econômicas ou educacionais. Assumir que os moradores das favelas são simplesmente vítimas passivas das pressões econômicas seria uma simplificação excessiva, e na maioria dos casos, simplesmente errado. Os moradores das favelas são frequentemente agentes ativos ao escolher deixar o interior rural por uma variedade de razões, e se reúnem em assentamentos informais para criar um mundo melhor. Suas razões para partir não são muito diferentes das dos anarquistas nos Estados Unidos hoje, que fogem dos subúrbios e pequenas cidades enfadonhas de sua juventude para se congregarem em ocupações ou apartamentos baratos nos bairros pobres e esquecidos de nossas maiores cidades.

DESCENTRALIZAÇÃO

Há muitos aspectos da descentralização em assentamentos informais. A infraestrutura urbana básica e os serviços são descentralizados, sem dúvida devido ao fato de que as favelas são excluídas dos serviços centralizados, mas também por outras razões. Recursos limitados, pequena escala, auto-organização e o desejo de participação direta e controle estão entre os motivos pelos quais as comunidades em favelas adotam a descentralização. Apesar da falta de recursos, muitos desses serviços descentralizados se mostram mais eficazes do que os modelos centralizados.

Por exemplo, o uso de mini-vans comunitárias nas favelas do sul de Istambul é muito popular. As vans circulam com mais regularidade e são mais seguras do que suas contrapartes comerciais centralizadas. Poços descentralizados nos guetos de favelas da Bolívia têm sido tão bem-sucedidos em fornecer água aos habitantes que os grandiosos planejadores das Nações Unidas decidiram pesquisar esse modelo para replicação em outras regiões pobres.

Até mesmo a educação e o cuidado infantil são frequentemente descentralizados. Em Lima, a educação descentralizada é fornecida por professores "itinerantes" que se deslocam de uma pequena escola de bairro para outra — às vezes até quatro escolas em um único dia. Esses professores constroem relações com várias escolas e concordam com uma compensação por seus serviços. Não é incomum que uma pequena escola de bairro tenha quatro ou cinco professores com uma formação acadêmica substancial e experiência, que entram e saem ao longo de um único dia letivo. Sem esse arranjo, seria impossível para uma única escola contratar permanentemente uma equipe desse nível. O cuidado infantil na maioria das favelas, onde muitas mães trabalham, também é descentralizado. Pessoas (homens, mulheres, irmãos mais velhos, idosos e pessoas com deficiência) que não estão trabalhando assumem a tarefa de cuidar das crianças dos pais que estão ocupados. Isso permite que as crianças tenham uma rede social muito maior do que em uma creche tradicional no estilo ocidental. Um pesquisador da CooperativeHousing Foundation descobriu que crianças em uma favela nos arredores de Bogotá criavam laços duradouros com até vinte e cinco adultos diferentes fora de suas famílias em uma semana, por meio de uma creche informal rotativa.

SUSTENTABILIDADE

Quando especialistas em políticas públicas, representantes das Nações Unidas sobre questões urbanas ou outros especialistas falam sobre o crescimento populacional e urbano, geralmente se referem aos horrores das favelas em constante expansão nos países "em desenvolvimento". Esses chamados especialistas conseguiram criar a imagem do assentamento informal como um inferno instável e explosivo, perpetuamente à beira da autodestruição. Embora a vida nesses assentamentos seja cheia de dificuldades, a ideia de que todos eles são instáveis, inviáveis e prontos para explodir simplesmente não é verdadeira. Existem assentamentos que surgiram da noite para o dia e alguns que são transitórios, mas certamente não é o caso de todos. Assentamentos informais, como os do Rio de Janeiro ou da Cidade do México, estão se tornando cada vez menos transitórios. Muitos estão por aí há séculos, como no Brasil — e têm resistido apesar da pobreza, do crescimento populacional e da repressão governamental. A natureza dos assentamentos informais ao redor do mundo está mudando de temporária e transitória para permanente e sustentável.

Apesar de a maioria das favelas estarem localizadas em locais inadequados para a vida humana — em aterros, lixões, zonas de erosão, áreas de inundação e áreas de resíduos tóxicos —, elas têm resistido. Além disso, em muitos lugares, seus habitantes melhoraram significativamente o ambiente, criando uma comunidade mais habitável para si mesmos. Na Turquia, os moradores de favelas protegeram a zona rural ao redor da erosão, plantando e cuidando de oliveiras comunitárias. Essas árvores, com seus extensos sistemas radiculares, têm sido mais úteis do que as barreiras de concreto usadas pelo governo da cidade. Em duas das maiores e mais politicamente ativas favelas da Cidade do México, os moradores, juntamente com estudantes de universidades próximas, desenvolveram uma maneira inovadora de proteger o cinturão verde que está diminuindo ao redor da cidade. O Movimento Ecológica Productiva argumentou que, ao utilizar os aspectos descentralizados e criativos das favelas, o cinturão verde da Cidade do México poderia ser transformado em uma reserva biológica próspera e diversa, ao mesmo tempo em que proporcionaria oportunidades econômicas para os habitantes locais. O plano enfatizava tecnologias sustentáveis (como banheiros solares que convertem resíduos orgânicos em fertilizantes altamente desejáveis) e a gestão comunitária dos recursos naturais — sem surpresa, as autoridades mexicanas abandonaram o plano.

Apesar de sua impopularidade com o governo, essas ideias estão surgindo em outros países da América Latina e África com grandes sucessos iniciais.

Em geral, assentamentos informais não têm construções redundantes, não há excessos em espaço ou estilo de vida — e a reciclagem total é uma questão de sobrevivência. Pesquisas recentes na Cidade do México e em Hong Kong mostraram que o morador médio de favela produz apenas meio por cento do lixo que um morador comum de cidade gera. Além disso, a maioria das grandes cidades do mundo em desenvolvimento não possui um programa formalizado de reciclagem, e, por isso, os moradores das favelas desempenham um papel importante na reciclagem e na redução dos resíduos anuais dessas metrópoles. Como os espaços públicos e as residências são multiuso, nada fica ocioso. Mesmo sendo densamente povoadas, as favelas muitas vezes têm mais espaços públicos do que alguns bairros urbanos no mundo "desenvolvido". Elas mostraram como pessoas comuns têm recuperado o espaço público, ao mesmo tempo em que criam novas áreas que podem ser usadas para eventos privados e públicos.

DEMOCRACIA DIRETA

Os moradores de favelas estão sempre politicamente marginalizados e são comumente vítimas de repressão por parte do Estado. A taxa de votação nas favelas é baixa, mas os moradores compensam isso com ações criativas de base. As favelas têm sido laboratórios de organização espacial e social e de experimentação política. As favelas mais bem-sucedidas compartilham um compromisso com a democracia direta em suas várias formas. Esses sucessos vão desde a construção de mais escolas até o roubo de acesso a serviços públicos estatais.

Para que a democracia direta funcione em uma favela, os moradores precisam ter acesso à informação sobre o cenário político. Os moradores de favelas são inovadores em lidar com essa necessidade. Por exemplo, apesar das altas taxas de analfabetismo, quase todas as favelas mexicanas têm pelo menos um boletim informativo feito pelos próprios moradores, que é lido em voz alta em espaços públicos. Uma favela nos arredores de Katmandu publica regularmente uma revista em quadrinhos que ilustra a situação política atual em suas comunidades e no país.

As comunidades de favelas utilizaram táticas diversas para alcançar seus objetivos políticos. O Movimento Ecológica Produtiva da Cidade do México usou grandes marchas, coalizões com estudantes universitários, ambientalistas e ONGs internacionais para pressionar o governo por maior autonomia e pelos direitos sobre suas moradias. Assentamentos informais nos arredores de Hong Kong realizaram ocupações de alto perfil de prédios governamentais para garantir o acesso a serviços básicos. Os moradores de uma favela em Katmandu recolheram e despejaram todo o seu lixo na praça central, forçando o governo a retomar a coleta de lixo em suas comunidades. Todas essas ações foram realizadas sem a participação de organizações formais e representativas. Na Cidade do México, a tentativa de formar uma organização desse tipo levou à queda do Movimento Ecológica Produtiva e resultou na destruição dos assentamentos informais participantes. O que aconteceu na Cidade do México foi replicado em comunidades dos Estados Unidos. Quando tentamos nos tornar "legais", seja obtendo escrituras para nossos ocupações ou licenças para nossas marchas, corremos o risco de cometer o mesmo erro fatal que os ocupantes da Cidade do México.

AJUDA MÚTUA E TROCA DE PRESENTES

Um dos aspectos mais evidentes das favelas é sua esmagadora pobreza. As favelas possuem poucos recursos internos, e seu acesso à riqueza da cidade é frágil e exploratório, na melhor das hipóteses. Isso levou os moradores das favelas a desenvolver e implementar uma série de modelos econômicos alternativos para garantir sua sobrevivência. Obviamente, o roubo, o parasitismo e as economias informais podem ser encontrados em quase todas as favelas e bairros pobres das cidades, mas esses não são os principais meios pelos quais eles obtêm os recursos necessários.

A ajuda mútua é um aspecto importante de todas as favelas bem-sucedidas e as distingue dos bairros desolados das cidades. Desde a construção de abrigos, compartilhamento de ferramentas e trabalho em hortas comunitárias até oferecer caronas para o trabalho, as necessidades são atendidas por meio da ajuda mútua. A troca de presentes também é importante. Um antropólogo que passou cinco anos vivendo em um assentamento em Gana estimou que quase um terço de todos os recursos eram doados. A troca de presentes é uma maneira importante de reforçar amizades e construir novas redes sociais,

além de fornecer uma rede de segurança para aqueles que não conseguem trabalhar. O crédito e a dívida rotativa também são características comuns nas favelas. A dívida sem juros é uma maneira dos moradores das favelas lidarem com a instabilidade inerente ao seu emprego. A obtenção de grandes quantidades de capital costuma ser feita informalmente por meio de um sistema de loteria. Famílias e indivíduos colocam dinheiro em um fundo comum, que é entregue a um participante a cada mês. Isso permite que essa pessoa tenha recursos suficientes para fazer uma compra significativa, como materiais de construção, ou iniciar um negócio.

A acumulação de riqueza não é valorizada em uma favela, nem é prática – a posse ocorre pelo uso ou ocupação. É mais seguro distribuir seus recursos e ampliar sua rede social do que acumular bens. Anarquistas podem aprender com essa generosidade em nossas conferências, manifestações e encontros.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E ESPACIAL

"A rua é o rio da vida"

Nos assentamentos informais, a organização e criação do espaço, a forma como as casas são dispostas e conectadas, a largura e direção das ruas, e a formação de espaços públicos decorrem diretamente da forma como os moradores estão socialmente organizados. Essa organização é baseada em afinidade. A afinidade pode ser estimulada por uma variedade de fatores, como geografia, laços familiares e alianças, amizades e vínculos profissionais, além de associações políticas e culturais.

A afinidade incentiva um foco no bairro como um todo. Em contraste com o habitante tradicional das cidades ocidentais, muito tempo e recursos são gastos para manter e aumentar os laços sociais. Nas favelas de Gana, a maior parte dos recursos econômicos anuais de uma família é destinada a atividades comunitárias, como dias festivos, casamentos, festas e batismos. Em Lima, os homens passam metade do dia em grandes grupos socializando, enquanto as mulheres passam ainda mais tempo nessas interações. As crianças, em quase todos os assentamentos informais, passam a maior parte de seu tempo acordadas em grandes grupos mistos de adultos e crianças.

A socialização é fundamental para a sobrevivência física, política e econômica dentro das comunidades de favelas. Devido ao preconceito generalizado contra os moradores desses assentamentos, e à necessidade de entrarem em áreas hostis para obter emprego, eles precisam de uma rede ampliada para se proteger contra ataques externos. Eles também necessitam de redes sociais coesas para se proteger fisicamente de ataques frequentes nas favelas por parte da polícia, exército, paramilitares e outras agências governamentais. As redes sociais são o elo que mantém as coalizões temporárias de ocupantes unidas para lançar campanhas políticas de grande escala, tornando-as resistentes tanto à cooptação quanto às táticas divisivas das autoridades. Essas alianças também são eficazes no controle de forças disruptivas dentro do assentamento. O uso de fofocas, ostracismo e outros controles sociais limita comportamentos destrutivos em bairros fortemente conectados.

Os indivíduos dependem de uma teia complexa e extensa de relações econômicas. Essas redes são expandidas e reforçadas por amizades e outras formas de convívio. Por exemplo, seria impossível para famílias individuais obterem os materiais e fornecerem toda a mão de obra necessária para construir um abrigo adequado sem a ajuda dessas redes sociais. Mesmo a educação, o cuidado com a saúde e os serviços básicos dependem de relacionamentos sociais informais.

A necessidade constante de socialização influencia o uso dos espaços. Assentamentos informais dão ênfase aos espaços públicos, muitas vezes redefinindo-os. As fronteiras entre o público e o privado, tão queridas pelos urbanistas, são borradas e, por vezes, inexistentes nessas comunidades. A maioria dos espaços acomoda uma variedade de usos — uma rua pode ser ao mesmo tempo local para um jogo de futebol, comércio, encontro social, exibição de habilidades e um corredor de transporte. Uma casa particular não é apenas um espaço de moradia, mas também uma loja, creche e local de encontro comunitário. Além disso, o espaço dentro da casa não é especializado da maneira como os espaços de vida ocidentais são. No decorrer de um dia, um único cômodo pode ser usado como quarto, sala de estar, sala de jantar, quarto de crianças e local de trabalho — às vezes, tudo ao mesmo tempo. Tudo isso reforça o poder da socialização nessas comunidades.

Os mesmos princípios de socialização podem ser aplicados às nossas infoshops, zonas autônomas e convergências. Devemos estar dispostos a dedicar tempo e criar espaço para uma socialização significativa.

ARQUITETURA "FAÇA VOCÊ MESMO"

A ética do "faça você mesmo" é mais do que uma estratégia para usar recursos limitados; ela também oferece várias vantagens importantes em relação a empreendimentos comerciais e profissionais. O "faça você mesmo" promove uma participação maior do que a relação de consumo presente em encontros profissionais. Além disso, permite que indivíduos personalizem seus projetos de acordo com seus desejos e habilidades, valorizando o compartilhamento de habilidades em vez do acúmulo de conhecimento, tão comum entre especialistas. O trabalho compartilhado fora do modelo capitalista tradicional cria relacionamentos significativos entre os participantes. Projetos comunitários, como a construção de celeiros, têm sido tradicionalmente muito importantes para manter fortes laços sociais dentro de uma comunidade. A ética do "faça você mesmo" valoriza o que é local: habilidades, recursos e participantes. Talvez o mais importante seja o fato de que essa abordagem empodera os indivíduos e cria um verdadeiro investimento compartilhado na comunidade. Esses projetos prosperam em todas as comunidades de favelas, desde sistemas sanitários complexos até simples campos de futebol. O projeto mais comum é a arquitetura: construir casas e outras estruturas. No mundo capitalista, o domínio dos arquitetos, inspetores de obras, engenheiros e outros especialistas é tão completo que mal podemos imaginar pessoas construindo suas próprias casas. Os especialistas de hoje conseguiram obscurecer o fato de que, até o século passado, a maioria das casas era "faça você mesmo". Na verdade, com novas tecnologias e recursos, deveria ser mais fácil construir casas sustentáveis com o método "faça você mesmo"... e é. As favelas estão provando isso.

A arquitetura "faça você mesmo" nas favelas é orgânica por natureza — ela respeita as características naturais do terreno. Esse caráter orgânico é refletido na maneira como o local é tratado: geralmente não há grandes escavações, movimentações de terra, criação ou destruição de colinas e vales.

Na maioria das construções das favelas, a forma segue a função, independentemente dos recursos disponíveis. No entanto, as estruturas informais não têm a monotonia alienante nem a escala desumanizadora da arquitetura modernista. Mesmo as estruturas "faça você mesmo" mais pobres não são totalmente desprovidas de ornamentos ou decorações; elas refletem não apenas os recursos disponíveis, mas o caráter e o gosto de quem as habita.

Ao contrário do que se pode imaginar, arquitetura informal não significa arquitetura rude. Muitas estruturas em favelas são construídas com materiais sólidos e permanentes, como tijolo, concreto e estuque, seguindo técnicas de construção tradicionais e estilos decorativos. A reciclagem de materiais de construção é comum, assim como o compartilhamento de materiais, ferramentas e habilidades. A maioria das casas nas favelas nunca está "terminada", a forma da construção é flexível, e os cômodos são constantemente adicionados conforme necessário. Construir a própria casa é um trabalho em andamento, um projeto interminável.

O uso de estruturas informais geralmente é baseado na necessidade. Os habitantes dos assentamentos informais "possuem" uma estrutura quando a ocupam e quando investem trabalho e esforço para melhorá-la, de maneira semelhante aos "squats" no estilo ocidental. Na maioria das favelas, não existem casas vazias ou desocupadas: quando uma família sai de uma estrutura, outra se muda para ela.

"O ar da cidade te faz livre!"

— *Dito medieval*

Não estamos argumentando que as comunidades de favelas são perfeitas ou que todas as favelas exibem todas as qualidades anarquistas mencionadas acima. Em vez disso, acreditamos que as comunidades de favelas oferecem modelos reais de vida e morte sobre como podemos refazer e reivindicar a cidade. Podemos fazer isso sem abrir mão de nossos ideais anarquistas. As favelas são um enorme experimento social em andamento. Elas testam a eficácia da associação voluntária, descentralização, sustentabilidade, democracia direta, ajuda mútua e a ética do "faça você mesmo" nos ambientes urbanos mais difíceis. Se eles conseguem, nós também podemos!

Vamos reconhecer e celebrar a atração que as cidades exercem sobre nossa imaginação e nosso desejo por liberdade e comunidade. Ao contrário de nossos antecessores, a última coisa que queremos é controlar e regulamentar a cidade, privando-a de sua natureza orgânica e tirando-lhe sua espontaneidade — queremos que a cidade esteja fora de controle. Não estamos criando as cidades de papel dos teóricos, mas invocando o que milhões de outros já fizeram. Estamos sugerindo uma abordagem informal para as cidades e assentamentos: eliminando a necessidade de profissionais altamente especializados e substituindo-os por uma comunidade de habilidades compartilhadas. Substituímos empreendedores,

proprietários de terras e especuladores por construtores criativos e ocupantes de casas, baseados não em investimento, propriedade ou capital, mas simplesmente na ocupação.

Desejamos libertar a cidade, para que ela se molde com base nas necessidades de seus habitantes e em uma relação sustentável com o ecossistema ao redor. Precisamos de cidades vivas e em evolução, não de um pesadelo premeditado de grades, trevos rodoviários e tristes subdivisões. Rejeitamos a atomização dos subúrbios, complexos de apartamentos e cabanas rurais, e abraçamos comunidades anarquistas cheias de vida e complexidade. Precisamos ter confiança suficiente em nós mesmos e em nossos vizinhos para permitir que o caos volte às cidades — trazendo novos problemas a serem resolvidos e criando novas experiências que só podem ser vividas em uma cidade viva.

NENHUMA CIDADE ESTARÁ SEGURA DA ANARQUIA!

A Utopia Ineficiente

Ou Como o Consenso Vai Mudar o Mundo

Repetidas vezes, anarquistas foram criticados, presos e mortos por "companheiros de viagem" na estrada para a revolução, porque fomos considerados ineficientes. Trotsky reclamou com seu amigo Lenin que os anarquistas responsáveis pelas ferrovias eram "demônios ineficientes". "Sua falta de pontualidade vai descarrilar nossa revolução." Lenin concordou, e em 1919, o Quartel-General Anarquista das Ferrovias do Norte foi invadido pela Guarda Vermelha, e os anarquistas foram "expulsos de suas funções". Acusações de ineficiência não significavam apenas perda de empregos para os anarquistas, mas uma desculpa para as autoridades assassiná-los. Mesmo hoje, os princípios anarquistas são amplamente condenados pela esquerda como simplesmente não sendo eficientes o suficiente. Somos ridicularizados porque preferimos abrir um squat ou cozinhar grandes refeições para os famintos em vez de vender jornais. Essas críticas da cena ativista mais ampla tiveram efeitos perniciosos. Mais perturbador do que esses ataques externos, é o fato de que os anarquistas começaram a internalizar e repetir essa crítica. Alguns tentaram alcançar eficiência por meio de oficiais, federações e votações. Tudo isso é feito para afastar o fantasma da ineficiência que há tanto tempo assombra o anarquismo.

Não acredite na propaganda.

Em vez disso, celebre a ineficiência e rejeite com razão a idolatria da Fábrica Ford de mudança política. A eficiência é a marca da vida moderna na América do Norte: de drive-thrus de fastfood a estados policiais bem regulados. A eficiência é a moeda dos grandes monstros como o Fundo Monetário Internacional e a indústria agrícola destruidora da terra. O desejo de "fazer mais em menos tempo" não é uma força neutra em nossa cultura; é a auxiliar miserável de especialistas, técnicos e líderes.

Nem todos correram para se tornar eficientes. Algo mais existe na periferia: uma utopia ineficiente, uma cultura de consenso, coletivos e ética do "faça você mesmo". Um lugar onde o tempo não é comprado, vendido ou alugado, e nenhum relógio é o árbitro final do nosso valor. Para muitas pessoas na América do Norte, o problema não é apenas a pobreza, mas a falta de tempo para fazer as coisas que realmente têm significado. Isso não é um sintoma de fracassos pessoais, mas a consequência de uma sociedade obcecada por tempo. Hoje, o desejo por eficiência surge do modelo de escassez que é a base do capitalismo. O tempo é visto como um recurso limitado quando somos apanhados em empregos sem sentido, entretenimentos em massa e na queixa comum de reuniões tediosas de ativistas. Então, vamos aproveitar ao máximo nosso tempo! Em nossa política e projetos, os anarquistas buscaram com razão encontrar significado na jornada, e não apenas nos destinos planejados. A ineficiência nos permite buscar nossas afinidades e nos envolver em trabalhos significativos sem que a areia do tempo enterre nossos ideais. Apesar dos conselhos de orientadores do ensino médio e de exames corrigidos por computador, leva tempo para saber o que você realmente quer fazer da sua vida.

Na distopia eficiente que é a América do Norte, "Tempo é Dinheiro". No entanto, nunca há tempo ou dinheiro suficientes para o que realmente precisamos. Nossas comunidades de resistência corretamente colocaram grande ênfase na troca de habilidades e conhecimentos por meio de oficinas de "faça você mesmo" (DIY), treinamentos, encontros e convergências. Em oposição aos modelos corporativos ou acadêmicos, o compartilhamento de habilidades DIY requer encontros demorados que criam relacionamentos genuínos baseados em amizade e confiança mútua. Na busca pela eficiência, relacionamentos significativos como esses são substituídos pela profissionalização e pela dependência de especialistas. Realmente precisamos de facilitadores "profissionais" para conduzir nossas reuniões? Em contraste com

o compartilhamento de habilidades, os relacionamentos profissionalizados deixam todas as partes frias e insatisfeitas, seja a transação envolvendo o conserto de seu carro ou o recebimento de cuidados de saúde essenciais. Tanto o consumidor quanto o especialista se privam da oportunidade de aprender novas habilidades e fazer novos amigos. O especialista se vê preso a fazer o que é bom ou especializado, e raramente o que realmente deseja fazer. Igualmente preso, o consumidor perde sua própria autonomia quando os relacionamentos são reduzidos a trocas monetárias eficientes. Esse consumidor alienado trabalha contra seus próprios interesses; ela sabe pouco sobre quem está financiando. Ela pode estar guardando seu dinheiro em um banco que o está emprestando aos especuladores imobiliários que estão destruindo seu bairro local e aumentando seu aluguel. Muitas vezes repetimos essas interações capitalistas em nossas comunidades de resistência, dando nosso tempo e dinheiro a organizações sobre as quais sabemos quase nada. Um membro rebelde da Curious George Brigade foi recentemente abordado por uma voluntária de uma enorme coalizão contra a guerra que estava carregando um saco de lixo gigante pelas ruas, durante a própria manifestação! Quando perguntada sobre onde aquele grande saco de dinheiro acabaria, a voluntária deu de ombros e respondeu sinceramente: "Sabe, para ser honesta, eu não sei. Eu só sigo as instruções." Nem é preciso dizer que acabamos doando nosso dinheiro para o fundo de fiança. Na vida e no ativismo, devemos saber com quem estamos trabalhando; caso contrário, associação voluntária é apenas um slogan. Tudo isso leva tempo.

A ineficiência corrói as bases ideológicas do moderno Estado capitalista. Os trabalhadores sabem que a ineficiência politicamente motivada (por exemplo, redução no ritmo de trabalho) é uma ferramenta importante para ganhar poder no local de trabalho. Imagine estender a redução no ritmo de trabalho ao processo político e a todos os aspectos da sociedade. A ineficiência política pode ser uma ferramenta importante para conter tendências autoritárias em grupos maiores. Por exemplo, em uma reunião impessoal e profissional, você pode rejeitar um plano de ação predeterminado pelos organizadores e exigir tempo e um espaço para discutir alternativas reais. Muitas vezes, os ativistas foram forçados a seguir planos mal elaborados e míopes criados por pequenos grupos e líderes autoproclamados. É necessário rejeitar a política pré-embalada da mesma forma que rejeitamos alimentos pré-embalados em favor de uma refeição caseira feita com amigos.

Ineficácia Política

O consenso pode levar mais tempo do que a votação, mas a votação não é tão eficiente em termos de tempo quanto o totalitarismo. O pouco que se ganha em eficiência geralmente ocorre à custa da participação genuína e da autonomia. No seu cerne, o consenso exige participação e contribuições de toda a comunidade. Em um ambiente de confiança mútua, o consenso é um dos poucos modelos de tomada de decisão que realmente rejeita a autoridade, enquanto protege a autonomia de indivíduos e pequenos grupos. Quando o consenso funciona, todos podem participar e todos os desejos são levados em consideração. E embora não haja uma fórmula mágica para criar uma boa reunião ou interação social, nunca devemos sacrificar nossos ideais e política por uma falsa unidade. Falamos em manter a biodiversidade e a diversidade étnica, mas e a diversidade política e tática? Quando a voz de cada minoria, facção ou indivíduo é sacrificada em nome da eficiência, o horizonte de nossa política se estreita. Quando as pessoas são deixadas de lado, todos nós perdemos. Nunca confunda eficiência com eficácia.

Uma das utopias mais ineficientes que já vi foi a de uma humilde aldeia zapatista nas montanhas do sudeste do México. Não estou brincando, a aldeia inteira se senta e leva dias para tomar uma única decisão! Todos têm a chance de ouvir e serem ouvidos, e algumas questões levam eras de tempo, mas todos são pacientes e respeitosos. As coisas realmente acontecem. É como se o tempo fosse subitamente transformado de uma contagem do relógio newtoniano para algo que girasse em torno das pessoas comuns.

Camponeses mexicanos, sob a constante ameaça de extermínio pelo governo, levam tempo para decidir tudo por consenso. Não é estranho para eles discutir problemas e questões até que todos possam concordar com uma decisão. Espero viver em uma sociedade onde possamos dedicar tempo para mostrar uns aos outros como todos realmente importamos. Em vez de buscar apenas reuniões com milhares de pessoas nos Estados Unidos, podemos replicar esse processo com pequenos grupos de amigos. O consenso não é uma reunião de duas horas com tudo decidido de antemão! É o tempo gasto para discutir e entender questões de real importância, um método tático para construir redes mais fortes do que qualquer coisa

que a hierarquia possa oferecer. Com tempo suficiente, realizaremos coisas com “aldeias” de centenas, até milhares. Isso produzirá um consenso que não busca impor uniformidade, mas fomentar e criar alianças que celebrem as diferenças. Só posso imaginar as possibilidades. — Regina de Bray, aventureira anarquista e amadora profissional.

Organização Ineficiente

Os grupos de afinidade (AGs) tendem a ser menos eficientes do que exércitos, organizações hierárquicas e outros modelos organizacionais baseados em massa. Pela própria estrutura, os AGs levam a opinião de cada indivíduo a sério. Este é um princípio de organização muito menos eficiente do que um partido cujos líderes tomam decisões unilateralmente. O que os AGs perdem em tamanho, eficiência e mobilização de recursos, eles compensam com participação, experiências genuínas e solidariedade. Os dinossauros da esquerda nos dizem que precisamos de exércitos, tomar o poder do governo e, acima de tudo, ser semelhantes ao Estado para “vencer”. Por que devemos deixar o Estado definir os termos de nossa resistência, afinal? Os anarquistas podem propor estratégias mais flexíveis. Nossas redes se contentam em não ter uma plataforma precisa de princípios e reuniões incessantes. Em vez disso, temos encontros irregulares, reuniões para projetos específicos, múltiplas habilidades, amizades sólidas e ambições ilimitadas não restritas por hierarquias organizacionais. Por meio dessas redes de confiança, as pessoas podem se sentir confortáveis com as ações mais ousadas, enquanto recebem o cuidado e o calor necessários para seguir em frente. Elas podem não ser eternas e permanentes, mas esses modelos raramente superam sua utilidade, ao contrário de partidos formais e outras organizações eficientes que se arrastam para a irrelevância.

Não precisamos planejar cada contingência na tentativa de sermos superhumanamente eficientes. Os anarquistas cuidam uns dos outros e de nossos amigos. Um grupo de bandas se reúne para realizar um show beneficente para um grupo local de grevistas e segue em frente depois que o dinheiro é dado a quem precisa. Esses relacionamentos podem ser mutuamente benéficos; talvez esses músicos precisem dos grevistas para ajudar a defender seu squatter na próxima semana!

Isso contrasta fortemente com muitas organizações que coletam mensalidades para esconder em cofres de guerra, esperando pelo “momento certo” para gastá-las. Organizações ineficientes permitem que cada indivíduo se expresse ao máximo de suas habilidades em cooperação com os outros, ao contrário de grandes grupos onde a maioria das pessoas é apenas mais um rosto na multidão. Nossas redes não precisam ter líderes, um manifesto ou, necessariamente, até mesmo um nome. Podem essas redes representar uma alternativa significativa ao sistema político estabelecido? Há apenas alguns anos, o thinktank do exército, RAND Corp., escreveu isso sobre os elementos não permitidos e não roteirizados dos protestos de N30 em Seattle:

“Os anarquistas, usando comunicações modernas extremamente boas, incluindo transmissões ao vivo pela internet, foram capazes de executar ações simultâneas por meio de táticas de pulsação e enxame coordenadas por grupos de afinidade em rede e sem liderança. Isso se tornou um exemplo dos desafios que organizações hierárquicas enfrentam ao confrontar adversários em rede com ciclos de reação mais rápidos. Esta coalizão vagamente organizada, abraçando a organização em rede e táticas, frustrou os esforços da polícia para obter a consciência situacional necessária para combater os distúrbios aparentemente caóticos de Seattle.”

Estamos definitivamente fazendo algo certo!

Propaganda Ineficiente

A demanda por experiências de qualidade é uma ferramenta de propaganda importante em uma sociedade que produz quantidade sem sentido: um bilhão de canais de televisão sem nada para assistir. Um dos desafios que enfrentamos é transformar uma sociedade de consumidores passivos em participantes ativos e criativos de seus próprios futuros, por quaisquer meios necessários.

Abrir os fluxos de comunicação é fundamental para criar anarquia. Grafites, zines, rádio pirata, subversões, desfigurações de outdoors e sites podem não alcançar as grandes audiências da mídia de massa, mas seu impacto é frequentemente mais duradouro tanto para os produtores quanto para o público. À medida que mais pessoas assumem o controle da “mensagem”, mais vozes são ouvidas. Essa descentralização da mensagem e do meio cria uma cultura de propagandistas que pirateiam e criam

informações implacavelmente para formar suas próprias mensagens. A diferença entre consumidor e produtor diminui quando todos podem fazer sua voz ser ouvida. Esse é o conceito central por trás dos Centros de Mídia Independente. Eventualmente, toda a dicotomia se desfaz à medida que as habilidades de mídia são aprendidas e compartilhadas. É na verdade mais impressionante ver milhares de vozes diversas expressando cada uma uma perspectiva única sobre sua situação atual do que os mesmos cartazes massivamente produzidos da “edição da semana” que são distribuídos pelos organizadores em cada grande marcha.

Os anarquistas buscam não apenas aumentar suas audiências, mas também aumentar a diversidade de meios e pessoas que têm a capacidade de alcançar públicos. Ao criar uma cultura de propagandistas habilidosos em transmitir suas mensagens, nossa comunicação se torna simultaneamente mais honesta e mais complexa. Os truques usados pela publicidade capitalista para nos enganar a comprar seu mais novo produto podem ser transformados em armas em nossas mãos para dismantelar esse sistema. Um outdoor sexista vendendo Coors se transforma em uma demanda por veganismo, perplexando os motoristas que passam. Livros de propaganda tornam-se mais significativos quando suas páginas são arrancadas, fotocopiadas, roubadas, reinterpretadas, editadas e repassadas.

Ineficácia Tática

“Vocês são um bando de anti-organizacionalistas, e nós estamos lutando para vencer” é uma crítica recente àqueles que compartilham algumas de nossas táticas no mundo ativista. Ativistas que buscam eficiência nos fazem acreditar que os princípios anarquistas podem ser bons para um mundo ideal ou mesmo após a Revolução, que está confortavelmente longe, mas que, por enquanto, são impraticáveis, egoístas e perigosos. Esses ativistas marcham de forma arrogante sob os estandartes desbotados da disciplina política, eficiência e sensatez. O que é tão irônico é que esses grupos em marcha são frequentemente os menos eficazes nas ruas, pelo menos no que diz respeito à mudança social e política. Trinta e poucos anos marchando com cartazes na América fizeram pouco progresso contra a investida do poder capitalista e estatal. Talvez seja hora de tentar algo diferente? Certamente não será fácil. Nossos inimigos estão unidos o suficiente para colocar grandes obstáculos em nosso caminho. Eles têm exércitos, mídia, dinheiro, recursos, prisões, religiões e inúmeras outras ferramentas à sua disposição para impedir qualquer mudança revolucionária que possa ameaçar suas posições de poder atuais. Nossos modelos ineficientes são a maneira mais significativa de garantir que maximizamos nossas oportunidades. O consenso nos permite usar todas as ideias de todos os participantes. Vale a pena gastar tempo para garantir que nossos projetos tenham a maior chance de sucesso, ouvindo a opinião de todos e levando-as a sério. Precisaremos de todas as nossas habilidades, recursos e criatividade para resistir a eles, refazer nossas próprias vidas e sociedade.

Somente em grupos onde se sintam valorizadas, confiáveis e seguras as pessoas estarão dispostas a gastar tempo apresentando opiniões e sugestões impopulares que determinarão o resultado de um projeto. A responsabilidade deve se basear na amizade e na autonomia, e não em uma obediência cega a líderes, plataformas ou dogmas abstratos. Cada pessoa em um grupo de afinidade deve prestar contas de suas ações, palavras e feitos a seus camaradas mais confiáveis. Rejeitamos o jogo da culpa e as acusações tão comuns em grupos eficientes. Com cada pessoa aceitando total responsabilidade por suas ações, ninguém pode ter mais culpa do que qualquer outro. Vamos todos ser responsáveis por nós mesmos, para que possamos crescer e aprender com nossos erros e nos deixar levar por nossos sucessos. Leva tempo para entender as pessoas, desenvolver amizades e confiança. É ingênuo pensar que ao proclamarmos uma plataforma ou pontos de unidade conseguiremos desenvolver confiança e solidariedade com estranhos. A política não deve estar atrelada a uma linha do tempo abstrata, ditada por líderes ou livros empoeirados, mas sim a nossos próprios instintos e desejos! Exijamos o tempo para pensar, formar relacionamentos significativos e aproveitar a jornada. Para ter alguma chance de sucesso, devemos nos amar mais do que nossos inimigos nos odeiam. Para esses fins, nossa ineficiência é nossa arma.

ISTO É ANARQUIA POPULAR!

Que tipo de anarquia temos discutido? Que fios conectam essa anarquia de motins e metrópoles, que toma hoje o que o amanhã nunca traz? É a anarquia popular; uma anarquia criada para e por pessoas

comuns vivendo vidas extraordinárias. A anarquia popular exige uma revolução mundial completa, e nas sombras do dinossauro, está ativamente criando um novo mundo hoje. Ajudar as pessoas a perceberem que são capazes de criar qualquer coisa — esse é nosso objetivo, nossa conspiração e nossa tarefa.

Anarquia Popular vs. Anarquia Falsa

A anarquia popular é mais do que um sonho; é uma maneira de descrever o que já estamos fazendo hoje: como nossos projetos e paixões se encaixam... com todos os defeitos. Não se trata de mais uma facção ideológica muito ocupada com teorias para realmente se engajar na anarquia, mas sim de uma abordagem em evolução que descreve o que nossas comunidades já criaram. Mesmo nossas menores vitórias são muito mais significativas do que os dinossauros e, às vezes, até nós mesmos, percebemos. Enquanto começamos este livro com uma denúncia feroz dos dinossauros e de todos aqueles, admirados por seu poder, que poderiam imitar suas maneiras, é muito mais valioso concentrar-se no que permite que a anarquia aconteça. Afinal, os dinossauros estão claramente condenados: sua máquina de guerra lançou uma nuvem sobre o futuro da humanidade, e sua infraestrutura industrial pode muito bem destruir nossos ecossistemas dentro de nossas vidas. Contra uma onda de desespero, a anarquia popular oferece um exemplo de esperança para um mundo que, ao ser examinado mais de perto, pode não estar tão condenado assim.

Essa abordagem da anarquia se baseia em vários temas básicos, girando em torno de pessoas comuns (em oposição a uma ilusão mítica e singular como "O Povo"). Alguns críticos desonestos podem ser rápidos em apontar que o socialismo nacional se baseou fortemente na noção de O Povo. No entanto, nós nos referimos a "povo" como na "música folk" de Woodie Guthrie e nas "histórias populares" de Zora Neale Hurston, e não como os nazistas abusaram disso na Volkswagen. O fascismo requer centralização do poder, prospera na hierarquia e demanda pureza (seja étnica ou ideológica). Por essas razões óbvias, a anarquia popular é exatamente o oposto do fascismo: cria redes descentralizadas, protege ferozmente nossa autonomia e celebra a diversidade, seja em indivíduos ou em suas ideias. Recusamos abandonar a imagem de pessoas tomando controle de suas próprias vidas para fascistas passados e futuros; estamos reclamando essa ideia porque é significativa e inspiradora hoje. Em um mundo onde as palavras podem ser tão sem sentido, anarquia é uma palavra que vale a pena lutar.

O povo não é um novo sabor de anarquia. Não é um prefixo como Anarquia Verde ou um sufixo como Anarco-comunismo. A anarquia popular resiste à ortodoxia, incluindo a anarco-ortodoxia! O povo não é uma facção, grupo dissidente ou rebelião contra outra tendência. Não possui cor no arco-íris anarquista; abraça todo o espectro. Essa anarquia viva é baseada em uma teia de práticas que parece prosperar em todo lugar que os dinossauros não controlam. A anarquia popular surge de forma diferente em favelas e fazendas, em ocupações e manifestações de rua. As pessoas podem adotar uma abordagem popular para a anarquia enquanto mantêm outras orientações, sejam conceitos específicos mais novos, como "tranarquia" ou a noção inclusiva de anarquia "tenda ampla" de Chuck0. O povo descreve os participantes (da mesma forma que o termo "arte popular" é usado), não suas ideologias particulares. As únicas abordagens que são excluídas são aquelas que escorregam para o autoritarismo, profissionalismo e elitismo.

Não existe um único "Anarquismo Popular" e esperamos que nunca exista. No momento em que a anarquia se torna Anarquismo com A maiúsculo, com todas as plataformas necessárias e bagagens históricas estreitas, ela é transformada da atividade das pessoas em mais uma ideologia estagnada à venda no mercado.

Cultura como um desafio

Embora a cultura possa ser cooptada, as abordagens populares para a anarquia não podem. No momento em que algo se torna cooptado, possuído e criado por corporações, isso sai das mãos das pessoas comuns e é perdido. Um vendedor de rua pode vender um patch com o símbolo do 'A' dentro de um círculo, uma livraria pode te vender um livro de teoria anarquista (nós até te vendemos este livro!), mas ninguém pode te vender a experiência de viver a anarquia. Você tem que fazê-lo você mesmo. O capitalismo pode te vender um videogame de um motim, mas não pode te vender a sensação de correr pelas ruas em solidariedade com outras pessoas. Os mercadores do desejo podem te vender um romance, mas não podem te vender o abraço terno de um novo amante. Nunca podemos nos contentar com

imagens, teorias, manifestos, páginas da web e livros. Exija a coisa real — anarquia em nossas próprias vidas — aqui e agora!

Os caminhos que nos levam de onde estamos agora para onde queremos estar são difíceis, mas os aliados e ferramentas de que precisamos para nos ajudar já estão disponíveis. A anarquia popular é uma cultura de roubo que nos permite roubar o melhor de cada ideologia, as melhores experiências do passado e usá-las criativamente em nossas lutas atuais para criar experiências e vidas que empoderam. Nessas vidas, podemos criar um ativismo que é verdadeiramente revolucionário, se tivermos a coragem de ir além de um frágil ativismo comunitário baseado em estereótipos, e além da fetichização da violência, assim como de um milhão de outras ruas sem saída que os ativistas obcecados por dinossauros seguem. Em nosso objetivo de espalhar a anarquia, não há desculpas, por mais convenientes que sejam, para a falta de ação. Algumas pessoas tentarão nos dissuadir, apontando que estes não são tempos revolucionários. Não existem tempos revolucionários. O tempo não nos governa: nós criamos os tempos, revolucionários ou não. Quando nos libertamos de nossas correntes de rotina e hierarquia, os tempos são revolucionários.

O capitalismo nos ensina que somos pontos de dados: pontos em gráficos demográficos que nasceram para trabalhar, se deslocar, consumir e eventualmente morrer. Cada fibra de nossos corpos sabe que algo mais existe além desse ciclo deprimente e que ansiamos por conexões reais com outras pessoas. A anarquia não é apenas uma estratégia política ou uma coleção de táticas; a anarquia é uma teia de conexões conscientes que agora é globalmente consciente. Cada ação direta e pessoal de solidariedade que os anarquistas cometem constrói e fortalece essa teia. Quando pessoas da América do Norte viajam para a América do Sul e se encontram com anarquistas lá, a teia cresce — tanto quanto cresce quando nos encontramos e discutimos suas vidas com pessoas que vivem na mesma rua e que nunca ouviram falar de anarquia. Essas pessoas na rua podem nos mostrar um truque ou outro também! No entanto, simplesmente viver nossas vidas ao máximo pode ser uma estratégia revolucionária que vale a pena perseguir? A revolução vale a pena não apenas para morrer por ela, mas para viver por ela?

Comunidades de resistência encontram a revolução da vida cotidiana

“A atividade prática cotidiana dos membros da tribo reproduz, ou perpetua, uma tribo. A reprodução não é meramente física, mas social também. Através de suas atividades diárias, os membros da tribo não apenas reproduzem um grupo de seres humanos, mas reproduzem uma tribo, ou seja, uma forma social particular dentro da qual esse grupo de seres humanos realiza atividades específicas de uma maneira específica. A atividade cotidiana dos escravos reproduz a escravidão. Se a vida cotidiana dos capitalistas reproduz o capitalismo... o que a vida cotidiana dos anarquistas cria? Poderia ser... anarquia?”

— *Professor de Sociologia de Stanford, agora porta-voz do ELF*

A revolução da vida cotidiana serve como a base de nossas comunidades de resistência, e nenhuma comunidade genuína de resistência pode existir sem uma revolução da vida cotidiana. O corolário disso é que, se deve haver revolução, ela deve incentivar uma transformação pessoal dos indivíduos, assim como a formação de comunidades revolucionárias.

Para alcançar esses objetivos elevados, precisamos de pessoas fortes o suficiente para se recusar a morrer por ideologias ou lucros pessoais, pessoas que não apenas possam destruir o atual sistema capitalista e suas instituições, mas que também impeçam totalmente a criação do próximo dinossauro. É fácil para potenciais revolucionários caírem na armadilha do poder após qualquer tentativa de revolução, tornando-se os líderes e presidentes de um novo regime. A única maneira de prevenir essa repetição do caminho dos dinossauros é romper com esses hábitos em nossas vidas cotidianas. Tentativas passadas de revolução mostraram que o pai abusivo, o burocrata mesquinho de um partido comunista obscuro, ou o comandante autoritário da célula revolucionária se tornarão todos ditadores de pleno direito se o poder se tornar disponível para eles. Suspeitamos que o indivíduo amante da liberdade, que está constantemente desafiando o poder dentro de si ao criar situações revolucionárias em cada interação, é muito mais propenso a realmente desmontar o poder. No entanto, esses indivíduos sozinhos podem fazer apenas tanto. Ao trabalharem juntos em uma comunidade, seu potencial cresce exponencialmente. O indivíduo anarquista ganha a capacidade de realmente praticar a anarquia vivendo nesse tipo de comunidade.

Essas comunidades estão em resistência exatamente porque redirecionam o poder para todos, resistindo tanto às tendências internas quanto externas de centralização do poder. Grupos de afinidade, redes

descentralizadas, coletivos e consenso são todas ferramentas populares que estão sendo usadas nessas comunidades hoje e serão necessárias no futuro. Esses não são apenas meios para um fim, eles são fins em si mesmos. Alguns podem chamar esse pensamento de “utópico”. Só porque os anarquistas conseguem isso em uma convergência ou infoshop, argumentarão os críticos, não significa que seja possível criar comunidades bem-sucedidas com os mesmos princípios. No entanto, o impossível existe ao nosso redor, se apenas nossos críticos desligassem suas televisões e computadores. De mulheres indígenas reformulando suas comunidades em Chiapas, a punks servindo comida gratuita no Tompkins Square Park, a pessoas sentadas em árvores compartilhando histórias em um acampamento em Cascadia... estamos cercados por anarquia popular. Sim, todos esses exemplos vêm de ambientes radicalmente diferentes, mas quem diz que devemos ter uma única utopia? Uma vez que as pessoas comuns chegaram a um lugar onde os especialistas nos disseram que nunca poderíamos ir, nós simplesmente nos dirigiremos para um lugar ainda mais impossível!

A anarquia popular é apenas manter as coisas reais. Vamos também aplicar essa máxima não apenas à política, mas também às nossas vidas. Afinal, o que é mais utópico do que esperar por mudanças até depois da próxima eleição, até que a federação tenha apenas mais alguns membros, ou até que a teoria tenha sido aperfeiçoada? O que poderia ser mais realista do que exigir revolução em nossas vidas diárias, formas de fornecer comida gratuita, abrigo ocupado, poesia para inflamar o coração e as chamadas necessárias para queimar seus bancos? A anarquia popular é tanto utópica quanto realista nos mais finos sentidos dessas palavras. Manter as coisas reais previne o cenarismo sem sentido e o excesso de confiança revolucionária que são sintomas de uma falta de comunidade onde as pessoas podem realmente expressar tanto seus medos quanto suas esperanças em uma comunicação honesta. Tal comunicação é a pedra angular de nossas comunidades e de nossas vidas.

As comunidades não precisam estar localizadas temporal e espacialmente para serem reais ou significativas. Muitas pessoas vivem no mesmo edifício de apartamentos e nem sequer se conhecem. Comunidades podem existir estendidas por vastas distâncias de tempo e espaço. Pense no número cada vez maior de comunidades construídas apenas através da Internet, onde a maioria dos membros nunca se encontrará pessoalmente. No entanto, para todas as vastas distâncias de espaço e tempo que nos mantêm separados, as pessoas ainda precisam se encontrar cara a cara. A anarquia popular existe quando as pessoas se encontram e se juntam no mesmo espaço ou tempo, seja em fóruns sociais, mobilizações, casas, shows de música, ou enquanto viajam. As comunidades são unidas pelo que é compartilhado em comum — e definitivamente não se trata apenas de ideais comuns ou uma plataforma comum. As comunidades são mantidas juntas por experiências comuns, sangue e suor, amor e batalha... ou não são nada.

As comunidades não simplesmente nascem; elas também morrem, e isso também é uma fonte de força. Estar ligado a modelos passados frequentemente leva a uma estrangulação da imaginação... e precisamos de toda a nossa criatividade. Vamos construir essas comunidades revolucionárias com base em nossas realidades particulares e em mudança. Não devemos ter medo de deixar nossas antigas comunidades; outras as pegarão e as farão suas, assim como herdamos de outros. Somos ladrões na noite, levando o melhor de tudo que encontramos e usando para nossos próprios propósitos, e depois seguimos em frente. Estamos abrindo as fechaduras da imaginação. A anarquia não é o fim; a anarquia é um começo.

A morte da pureza – vida longa ao híbrido!

Híbridos sobrevivem quando os puros desaparecem. Como os dinossauros, a maioria das criaturas “puras” está excessivamente especializada à custa de sua adaptabilidade e não consegue sobreviver assim que seu ambiente sofre uma mudança inesperada. A busca perpétua por pureza teórica e prática é exaustiva e, no final, autodestrutiva. Em cada conferência acirrada, em cada troca de e-mails ardentes, em cada troca de cartas estridentes, para os editores de revistas anarquistas, é fácil ver que os ideólogos entre nós estão se tornando cada vez mais um fardo. Alguns de nós continuam atacando uns aos outros em serviço de nossa visão absolutista favorita, com um veneno que deveria ser reservado para aqueles que nos oprimem. Muitas vezes, isso transforma os debates necessários sobre táticas, estratégia e foco em uma espécie de concurso de popularidade, jogos ideológicos e cultos de personalidade que são tão desprezíveis na política convencional e na esquerda. Em vez de avançar uma anarquismo ortodoxo restrito, é hora de abandonar a busca pela pureza.

Apesar das melhores tentativas de grupos em busca de uma trajetória específica, homogênea e coerente para a comunidade anarquista americana, não há uma: ela é diversa, flexível, descentralizada, caótica e adaptável. A difusão da anarquia popular é simples. As relações sociais individuais são as fundações para redes híbridas de resistência. Quando alguém da Virgínia e alguém da Califórnia se encontram em uma conferência na Flórida e trabalham juntos, brincam juntos, se apaixonam e mantêm sua conexão quando se separam, estão criando uma rede. Quando visitam uns aos outros e trazem amigos, coordenam suas próximas viagens e se ajudam ao longo do caminho, a única rede mundial que importa é construída e fortalecida. Amanhã, eles podem estar lutando contra policiais lado a lado, plantando jardins para a agricultura apoiada pela comunidade, ou trabalhando em espaços coletivos.

Essas redes começam com indivíduos trabalhando juntos e rapidamente se transformam em comunidades híbridas que podem impactar nossas vidas cotidianas. Essas relações tangíveis e recíprocas entre lutas locais, regionais e globais foram muito claramente articuladas por grupos como os Zapatistas e outros. Ao perceber como as opressões globais estão interconectadas e até onde nossos inimigos irão para manter seu poder, percebemos que nossa resistência deve ser ainda mais poderosa e complexa.

Por exemplo, a ameaça dos indígenas U'wa de cometer suicídio em massa na Colômbia mobilizou ativistas nos EUA e na Europa, variando de desempregados do Earth First! a liberais abastados, para pressionar a OccidentalPetroleum. Através de uma diversidade de táticas, incluindo boicotes e invasões de suas reuniões de acionistas, essas pressões forçaram a empresa a retirar sua proposta de petróleo nas terras U'wa. Aprendemos que qualquer resistência às opressões globais deve ser acompanhada de uma resistência igualmente interconectada e complexa, senão mais. Por essas razões, nenhuma plataforma única ou linha partidária será significativa e eficaz para todas as nossas comunidades de resistência.

Redes bem-sucedidas são criadas através de muitos canais inesperados. Trocamos informações através do Indymedia, periódicos anarquistas, vídeos do-it-yourself, livros, grupos de discussão, oficinas e através das experiências de nossas vidas diárias. Somos jovens, mulheres, membros de grupos étnicos minoritários, queer, artistas, agitadores, estudantes, professores e rebeldes de rua. Todos e qualquer um pode participar da resistência global, e é somente através da diversidade de nossas lutas que começamos a responder às duras perguntas que enfrentamos.

Política faça você mesmo

“Faça, faça, faça, não pare, não pare, não pare.”

— *Canto popular anarquista da Flórida, final da década de 1990.*

Fazer você mesmo é valioso por si só, não apenas porque você não tem dinheiro para pagar um especialista para fazer isso por você. Transposto em relação à cultura de massa, o faça você mesmo é uma estratégia e filosofia extremamente bem-sucedidas. Para os anarquistas populares, isso nivela o campo de jogo entre aqueles com diferentes recursos materiais, nos ajuda a compartilhar nossas habilidades para nos tornarmos menos dependentes de qualquer indivíduo e nos ajuda a criar culturas de resistência.

O caminho para o totalitarismo é pavimentado com boas intenções. Como todo CEO corporativo sabe, possuir efetivamente suprimentos estáveis de recursos e dinheiro é o caminho mais claro e curto para a autoridade. Por necessidade, o faça você mesmo é o inverso: envolve nós, pessoas comuns, compartilhando os recursos, habilidades e criatividade que temos para realizar coisas extraordinárias.

Isso não é apenas uma repetição do argumento entre artesanato e produção em massa. Nossas anarquias devem se esforçar para serem inclusivas o suficiente para permitir que qualquer pessoa tenha pelo menos a opção de aprender a fazer tudo. Não é estranho que pessoas que apoiam alegremente o faça você mesmo para consertar bicicletas e fazer música de repente comecem a citar teóricos mortos ou a copiar cegamente o Estado e outros dinossauros quando se trata de política? Precisamos ter coragem para fazer política por conta própria!

No ventre da besta

Queimar a bandeira americana tornou-se uma espécie de rito de iniciação para jovens radicais. Em todo o mundo, a mensagem de “Yankee Go Home” é clara, mas nas fronteiras desta nação obesa, queimar nossa própria bandeira carrega um conjunto de possibilidades mais sombrias. Fico me perguntando que fênix surgirá das cinzas do vermelho, branco e azul transformado em preto pelo fogo?

— *Registro de diário de um participante do bloco negro, inauguração de Bush em 2000*

Modelos e soluções específicos são necessários para diferentes regiões e contextos. A anarquia popular é tão antiga quanto a resistência a qualquer forma de dominação e, portanto, faz parte da história americana tanto quanto a violência e a torta de maçã. Neste momento, estamos começando a ver a articulação consciente de muitos desses princípios inconscientes em comunidades anarquistas na América do Norte. Nós nos baseamos e nos inspiramos na agitação anarquista do século passado, bem como em modelos bem-sucedidos que não são tradicionalmente anarquistas, sejam eles cidades de lata igualitárias no Sul da Ásia, o zapatismo em Chiapas, motins no campo de batalha, comitês de bairro na Argentina, povos nômades, e assim por diante. Todas as lutas nascem de sua localização particular, conjunto de circunstâncias, matérias-primas e ideias locais. Nossas lutas nos Estados Unidos estão se convergindo com lutas globais para criar uma anarquia popular que não conhece fronteiras ou limites. Anarquia não significa uma revolução singular, mas milhares de revoluções.

As pessoas privilegiadas no Primeiro Mundo precisam contemplar nosso papel e nossas ações nessas lutas globais. Somos as crianças na gigantesca fortaleza, algumas de nós, filhos de escravos e outras de senhores, espiando por cima da parede para um mundo devastado e arruinado para o benefício dos senhores do castelo. Vamos nos rebelar contra nossos capitães insanos ou continuar a lutar entre nós por migalhas? Devemos decidir, como trabalhadores, artesãos, mendigos e ladrões contidos e protegidos atrás das paredes da Fortaleza América, qual será nosso próximo movimento e como podemos trabalhar com nossos amigos nas terras fora do castelo. Em todo o mundo, as pessoas estão lutando pela anarquia popular—para viver suas vidas como acharem melhor. Quando os anarquistas nos Estados Unidos conseguirem se organizar para criar uma verdadeira anarquia, haverá mais esperança para todos os outros no mundo.

É possível que flores negras cresçam no ventre ácido da besta? As promessas dos Estados Unidos não nos oferecem refúgio ou base; as promessas vazias do sonho americano nunca encherão nossos estômagos com comida ou fogo. No entanto, estamos crescendo, fora dos holofotes da mídia de massa. Nossas atuais comunidades de resistência são tristemente imperfeitas, mas sempre em mudança, unidas por fragmentos de culturas de resistência mais antigas e exóticas. Os totens do viajante, os retalhos, as bicicletas, os bagels não parecem muito à primeira vista, mas são um desafio à monocultura e ao domínio dos dinossauros. Alguns anarquistas nos EUA rejeitam seu passado completamente, preferindo viver nas sombras da Espanha revolucionária ou em uma Idade da Pedra antes da tecnologia. No entanto, muitos de nós rejeitaram o derrotismo e começaram a recolher os fragmentos quebrados e os brinquedos perdidos. Usando o que está à mão, a anarquia pode criar um refúgio para os refugiados do mundo dos dinossauros. Do punk à dona de casa, do imigrante ao estudante que abandonou a faculdade, todos queremos algo mais do que nossas opções limitadas de subculturas—e nossa melhor chance é criar algo novo juntos. Portanto, não vamos apenas criar mais um refúgio dos dinossauros, mas uma revolução que os destrua. Nossa capacidade de pressionar os mestres dinossauros da América aliviará imensas tensões globalmente e... quem sabe o que vem a seguir?

Se a cultura americana de filmes, shoppings e refrigerantes não pode nos inspirar, há outras Américas que podem: Américas de renegados e prisioneiros, de sonhadores e marginalizados. Algo pode ser resgatado dos destroços distorcidos do “espírito democrático” celebrado por Walt Whitman, algo subvertido da ideia de que cada pessoa tem valor e dignidade: um espírito que pode ser sustentado na autoconfiança e na iniciativa. Essas Américas são Américas dos alienados e marginalizados: guerreiros indígenas, lutadores pela liberdade dos direitos civis, os mineiros que se rebelam nas Montanhas Apalaches. O passado da América está repleto de híbridos revolucionários; nossas listas poderiam se estender infinitamente em direção ao passado ou futuro não descoberto. Este monólito de uma América rica e rechonchuda deve ser destruído para dar espaço a muitas Américas. Uma cultura anarquista popular surgindo na periferia da América pode crescer no solo fértil que se encontra sob o concreto da grande terra devastada americana.

Qualquer um que esteja lutando hoje—vivendo a vida difícil e lutando a luta ainda mais difícil—é um amigo, mesmo que ele ou ela nunca possa compartilhar uma única refeição conosco ou falar nossa língua. Os anarquistas da América, com nossas influências tão amplas quanto nossas pradarias e sonhos que poderiam incendiar essas pradarias, não têm uma única visão do futuro. Nos EUA, onde as pessoas podem preparar refeições inteiras com alimentos descartados, viver em prédios abandonados e viajar

pelos caminhos secretos de rodovias e ferrovias perdidas, somos imensamente privilegiados. Não podemos ignorar isso. Portanto, a questão é como os anarquistas americanos podem utilizar esse privilégio para fortalecer a anarquia em todo lugar. Este desafio deve dar origem a um amor imenso, possibilidades intermináveis, solidariedade global: um futuro grande o suficiente para todos.

Vá Contar para seu povo

Este livro está quase pronto. Como você pode ver, apenas algumas páginas finas restam até o final. Qualquer palavra final sobre a anarquia popular é necessariamente anticlimática; um coletivo não pode dizer tudo. Sua mente pode estar se perguntando: “Sobre o que foi tudo isso?” Ou você pode se perguntar: “Como a anarquia popular é diferente da velha anarquia?” Se essas são suas perguntas, admitiremos agora que estas páginas finais, sem dúvida, o deixarão insatisfeito. Talvez sua concepção de anarquia seja exatamente o que queremos dizer quando falamos “anarquia popular”, ou mais provavelmente, apenas algumas dessas ideias façam sentido para sua vida. Não há definições fáceis de digerir ou dez passos sucintos para a libertação. O que queremos compartilhar, em vez disso, é como essas abordagens populares podem funcionar, como elas estão funcionando e como todos nós podemos manter o espírito da anarquia popular vivo em nossos projetos.

Os anarquistas populares existem hoje, sob a superfície do império capitalista global. A anarquia popular é moldada por indivíduos que rejeitam conscientemente ideologias fáceis, permitem que o caos forme seus projetos e dependem do que e de quem está à mão. Claro, algo tão eclético por sua natureza desafiará qualquer definição singular. Aqui está o segredo aberto da anarquia popular: a anarquia está em toda parte! A anarquia popular é o que as pessoas estão fazendo hoje em todo o mundo, em lugares por toda esta selvagem nação dos Estados Unidos. Ela pode ser encontrada na rede de anarquistas, ecoativistas e agricultores cooperativos no centro-norte de Wisconsin que estão interrompendo um novo esquema elétrico centralizado que destruiria a natureza intocada, roubaria campos de fazendas familiares e aumentaria os custos de serviços básicos. Inspira dezenas de estações de rádio piratas que se recusam a se submeter às novas regulamentações da FCC e trocam suas gravações regionais online para preencher as ondas de rádio com tantas vozes quanto possível, de San Diego ao Maine. Ela também é encontrada no projeto de bicicletas amarelas gratuitas em Portland, Oregon, criado por um punhado de amigos entusiastas de bicicletas com algumas habilidades de reparo e uma conexão na sucata local. O Projeto da Bicicleta Amarela, replicado em muitas cidades, simplesmente permite que bicicletas amarelas estejam disponíveis ao público gratuitamente, estacionando-as destravadas em qualquer lugar da cidade. A anarquia popular também conecta a teia dedicada de estranhos e cúmplices que se estende de Austin a Gainesville, fornecendo abrigo para adolescentes fugidos que escapam de situações abusivas. A anarquia popular pode ser encontrada até mesmo nos ambientes opressivos das escolas e locais de trabalho. A anarquia popular está nas bordas das favelas e dos cortiços, está nos corações das pessoas gritando “Lares, não prisões!” e então realmente fazendo algo a respeito. Pode ser descoberta em pátios de trens e em porta-aviões. A anarquia popular canta canções nas prisões e conta histórias em abrigos para sem-teto. A anarquia popular está dançando no próximo show do AgainstMe!, e vai te manter acordado enquanto você faz cópias à noite no seu trabalho na copiadora. É o que outras pessoas estão fazendo e talvez a anarquia popular seja o que você tem feito há semanas ou décadas, independente deste livro e suas interpretações.

A anarquia popular se desdobra de maneiras surpreendentes. A anarquia popular pode nos ajudar a repensar não apenas nossas opressões, mas também nossa resistência. A anarquia popular nos ajuda a encontrar aliados e construir planos, independentemente do nosso tamanho ou de quão absurdos sejam nossos sonhos. A anarquia popular nos permite derrubar os obstáculos que interrompem nossos melhores esforços. A anarquia popular nos dá uma linguagem em evolução para explicar as coisas que sentimos, defender o que fazemos e explicá-lo a outros. Ela nos permite identificar o pensamento dinossauro, apontar os perigos da eficiência e dos especialistas, expressar as possibilidades ocultas do caos e do heroísmo comunitário. Ela dá voz ao que nosso coração já sabe. A anarquia popular fornece um desafio muito necessário ao trabalho dos dinossauros. Pode ser tão comum que passe despercebida pelas câmeras de vigilância deles e astuta o suficiente para confundir suas unidades de inteligência. Pode escorregar pelos seus sentinelas, pode enxamear, pulsar e sobrecarregar. Às vezes, pode nos ajudar a desaparecer

de forma imprevisível. Pode ser a notícia de hoje ou pode ser retirada da história. Faz sua magia nas ruas, nas infoshops e em torno de mesas de cozinha.

Você pode usar a anarquia popular para buscar aliados em lugares improváveis. Pode mover computadores para Chiapas. A anarquia popular pode ajudá-lo a evitar o burnout e o ressentimento. Oferece perspectiva e fornece uma maneira de organizar. Você pode fazer anarquia popular em cada projeto que agite sua imaginação e com qualquer um que busque acabar com hierarquias baseadas no poder. Você pode usar as lições da anarquia popular para ver através das manipulações dos outros e evitar as armadilhas que esgotam seus recursos e moral. Pode ajudá-lo a criar um livro e distribuí-lo para centenas de amigos que você ainda não conheceu. A anarquia popular é um processo, uma maneira de organizar e perceber. Não busca adicionar ou subtrair da anarquia, mas destacar suas características mais duradouras e bem-sucedidas: descentralização, ajuda mútua, faça você mesmo, associação voluntária e caos. Fazemos todas essas coisas positivas, enquanto aceitamos a tediosa tarefa de desconstruir as técnicas retóricas de pessoas (sejam elas “anarquistas” ou não) que abraçam as táticas dos dinossauros e desejam diluir nossos próprios esforços.

A anarquia popular é criar nossas próprias escolhas. É uma bomba de possibilidades prestes a explodir, uma rejeição de tudo que é personificado pelo Estado e pelo chefe, pelo valentão e pelo banqueiro, pelo marido abusivo e pelo policial. É um nome, embora arbitrário, para uma infinidade de ações tomadas para erodir as restrições da autoridade, libertando-nos da dependência dos estragos do capitalismo e das intrigas assassinas do Estado. É o que abre nosso tempo para trabalhar e apoiar outros em suas lutas por objetivos semelhantes. É o que nos faz levantar de manhã sem café ou despertador. A anarquia popular é o que nos dá esperança quando perdemos tudo, fornecendo a música ao movimento das estrelas no último pôr do sol que o mundo dos dinossauros verá.

Amigos, isso é a anarquia popular.

Carta de amor de genebra

A anarquia não morreu com o fim da Guerra Civil Espanhola. Ela continuou viva e reapareceu assim que os dinossauros desviaram seus olhares. Revoluções como a nossa não são um acontecimento único na vida. Não, elas são tão perpétuas quanto a mudança das estações. Espero que você perceba que este livro é uma carta de amor—uma carta de amor para todos vocês, belos anarquistas, e para as novas vidas que vocês estão criando. Em um mundo sem esperança, vocês nos deram esperança. Em um tempo de terror, vocês nos ensinaram a amar. Em um mundo sem futuro, vocês nos deram o maior presente possível—o presente.

O processo de escrever este livro tem sido tão perigoso quanto seu conteúdo: páginas contrabandeadas através de fronteiras internacionais, e-mails enviados de Centros Indymedia no meio de tumultos contra o G8, correções de rascunhos feitas em vilarejos em Chiapas, ocupações em Nova Iorque, e arte desenhada durante longas viagens em vagões de carga que cruzam as Grandes Planícies da América do Norte. Esperamos que este seja um novo tipo de livro, não um escrito por acadêmicos ou as últimas sensações da mídia, mas por pessoas na rua, assim como você. Se você é um contador, economista, rei, oficial, taxonomista, ou qualquer outro tipo de dinossauro: considere este seu último aviso. No entanto, se você encontrar até mesmo a menor luz de inspiração nessas palavras—todos vocês aí fora, sejam vocês queiram se chamar anarquistas ou não, este livro é para vocês.

Este livro é para você: por tudo que você fez e por tudo que você vai fazer. Esperamos que você o ache útil. Se há um grande segredo neste mundo, é que você é invencível. Gostaríamos que você percebesse suas próprias habilidades e utilizasse os dons que lhe foram concedidos. Há milhares como você por aí, anarquistas todos. Não há segredo para a revolução, nenhuma grande dialética, nenhuma teoria mestre. A revolução é simples. Saia e conheça pessoas que são tão apaixonadas quanto você—e se elas não perceberem, ajude-as ao longo do caminho. Combine forças, planeje e faça planos. Então, faça isso. O poder dos dinossauros eventualmente irá colapsar como a casa de cartas desgastadas que é. A capacidade de pessoas (extra)ordinárias de tomar controle de suas próprias vidas brilha mesmo agora, sempre crescendo, sempre mudando, e sempre querida em nossos corações.

Chega de despedidas carinhosas, chega de conclusões entusiásticas ou elegias para o ontem. Essas páginas ofereceram um vislumbre deste mundo de milagres cotidianos que gostamos de chamar de “anarquia popular”... ou apenas “anarquia” quando nos convém. Vamos nos despedir com um sorriso, uma

piscadela conspiratória, um abraço caloroso e o mais leve dos beijos em sua bochecha. Nos cruzaremos novamente, garantimos isso.

Este é o fim do nosso pequeno livro, mas hoje é apenas o começo da anarquia.

Com amor,

H.

Biblioteca Anarquista



The Curious George Brigade
Anarquia na Era dos Dinossauros
2003

Consultado em <https://archive.org/details/AnarchyInTheAgeOfDinosaurs>

bibliotecaanarquista.org